

Agostinho e Marco Chagas sequestrados na Córsega



Dramática tem sido a luta que os corsos vêm desenvolvendo no sentido de conseguir a autonomia da ilha que deu à luz Napoleão. Agora, na «Volta à Córsega» iniciada, na 5.ª feira, o insólito bateu à porta dos ciclistas portugueses Joaquim Agostinho e Marco Chagas que, envolvidos no lote dos concorrentes à prova, ficaram ontem várias horas sequestrados como reféns, por separatistas que desejam a libertação de camaradas presos há mês e meio.

Tratava-se da «Operação Villamota»: na 5.ª feira, no «Prólogo» da «Volta», limitou-se a protestos das esposas dos detidos, que impediram a normal marcha da caravana ciclista, colocando-se na linha de partida, em Bastia, e impossibilitando (durante duas horas) o tiro de largada. Na manhã de ontem, a coisa foi mais longe: os separatistas não autorizaram a ligação veloz entre Bastia e Portoveccio e os ciclistas com a etapa anulada, foram de automóvel para a «meta», dispostos ao almoço, e pelas 14 horas, cumpriram a 2.ª tirada, até Propriano. Porém, longe de terem sido ludibriados, os separatistas estavam na recepção: e os ciclistas ficaram retidos, bem controlados em todos os movimentos, até perto das 17 e 30, hora a que (finalmente) tiveram ordem de abalada.

Resta dizer que os reféns pedalarão muito lentamente os 78 quilómetros da etapa, chegaram em pelotão e por um percurso diferente do estabelecido previamente. Hoje, depois de uma noite intranquila, voltaram a correr: no contra-relógio para Sartenena (13.500 km) Agostinho foi 3.º mas, tanto ele como Marco Chagas, não sabem como irá acabar esta já famosa «Volta à Córsega».

A China no auge da “desmaoização” Liu Chao Chi reabilitado e afastados adversários de Deng

A República Popular da China assistiu ontem imperturbável àquilo a que se pode chamar, sem exagero, o enterro do maoísmo. O adversário número um

do Presidente Mao, Liu Shaoqui — nova grafia do nome de Liu Chao Chi — foi oficialmente reabilitado, 11 anos após a sua morte, no decorrer da reunião plenária

do Comité Central do PC chinês que nos últimos dias se realizou em Pequim. Por outro lado, os últimos quatro membros do CC que tinham ocupado lugares de

relevos nos tempos de Mao foram afastados. Finalmente, foi reconstituído o Secretariado do partido que tinha sido abolido durante a Revolução Cultural. Estas

alterações saldaram-se por um reforço acentuado das posições do actual homem forte do país, o vice-primeiro-ministro Deng Xiaoping.

Pág. 13-

Freitas do Amaral e Lorenzo Natali surdos mas corteses

A CEE espera que Portugal lhe abra mais portas de África

Antes da reunião desta manhã na residência oficial do Primeiro-Ministro e da audiência com o Presidente da República, na próxima segunda-feira, Lorenzo Natali deu ontem à noite um «duche escocês» a Freitas do Amaral e à política externa da AD: o ministro dos Negócios Estrangeiros voltou a acenar com a voca-

ção europeia de Portugal, mas Natali, defendendo a «política realista da CEE», explicou que interessa à economia europeia que Portugal lhe abra mais portas africanas

Pág. 24

Conferência de Imprensa depois da “interpelação”

Governo prepara a paleta para retocar sua imagem

O sector económico do Governo de Sá Carneiro poderá dar uma conferência de Imprensa após a interpelação, na Assembleia da República, que a Oposição lhe vai fazer — revelou-nos esta manhã uma fonte ligada ao Gabinete do Primeiro-Ministro.

Será, pois, muito pouco provável que a referida conferência tenha lugar já na próxima terça-

-feira, dia do início da interpelação ao Governo e da greve dos transportes.

Esta Conferência, segundo o próprio «Expresso», tentaria dar do Governo, à opinião pública, uma imagem de maior dinamismo e uma impressão de que não está na defensiva nem anda a reboque das violentas críticas que lhe são feitas por toda a

Oposição.

Tentaria apresentar assim um cabaz de medidas económicas, ao que parece não suficientes em número e significado para marcarem uma imagem de ofensiva deste Governo. Um a resposta mais clara a esta conferência será definida, contudo, no próximo Conselho de Ministros, marcado para segunda-feira.

Magistrados defendem juizes populares

A criação de verdadeiros juizes populares, de acordo com o permitido no texto da Constituição da República, foi ontem defendida no terceiro Encontro Internacional de Magistrados. Esta poderia ser não só uma forma de «democratizar» a Justiça, como também um passo importante para a resolução da crise do aparelho judiciário português. O encontro continua hoje de manhã na Fundação Gulbenkian e é uma iniciativa do Sindicato dos Magistrados do Ministério Público.

Pág. 10-

Hoje no Sete Ponto Sete



Entrevista com Pi de la Serra

Grândola prepara homenagem a Zeca Afonso

Novos caminhos da droga



Direcção do Benfica não caiu

Uma maratona de palavras e votos (longa de oito horas) terminaria às cinco da manhã de hoje com o veredicto: confiança na actual direcção do Sport Lisboa e Benfica, comandada por José Ferreira Queimado. A lista dos «114» e o rol dos «224» tinham perdido, no confronto com o bloco em que Romão Martins saiu airoso da corda bamba.

Pág. 17-

COMUNICAÇÃO SOCIAL

Jornais diários, "Sete" e "Mundo Desportivo" mais caros a partir de hoje

Os principais diários portugueses, com excepção de um matutino de Lisboa, custam a partir desta manhã mais dois escudos e cinquenta centavos.

O jornal «Portugal Hoje», de Lisboa, só passará para 12 escudos e cinquenta centavos a partir do próximo mês e o «Correio do Minho» e «Diário do Minho», ambos de Braga, continuarão a vender-se por 7 escudos e cinquenta centavos.

Este novo aumento — tornou-se economicamente inevitável — afectará também o semanário «Sete», que passará a custar 15 escudos, e o trisemanário «Mundo Desportivo», que, ao contrário dos outros três jornais desportivos, se mantinha a 7 escudos e cinquenta centavos.

Os dois diários da Madeira «Diário de Notícias» e «Jornal da Madeira», que se publicam no Funchal, adoptaram o novo aumento, passando a partir de hoje de 7 escudos e cinquenta centavos.

Os sete jornais diários dos Açores, que em Janeiro passaram de quatro para seis escudos, manterão os preços actuais.

Conselhos de Imprensa reunidos em Lisboa

O Parlamento designou ontem Pedro Roseta (PSD), António Reis (PS), Aurélio Santos (PCP) e Naraña Coissoró (CDS) para fazerem parte do Conselho de Imprensa.

O Parlamento é quem designa os quatro cidadãos de reconhecido mérito que integram o Conselho de Imprensa.

O mandato da anterior representação da AR no conselho tinha terminado.

A hora a que fechamos esta edição continua a decorrer, na Sala de Conferências da Universidade Clássica, um encontro de conselhos de Imprensa no qual se discute a defesa da liberdade de expressão.

Ontem à tarde, a última comunicação apresentada foi a de José Silva Pinto, subdirector de «O Jornal», que analisou as origens estruturais, funcionamento e financiamento da Imprensa. Referimos parte da sua comunicação onde é feita uma análise ao poder da Imprensa:

«Bem sabemos como a Imprensa pode ser instrumento do poder ou arma revolucionária, produto comercial ou meio de educação. Pode servir para fins de libertação ou de opressão. Pode favorecer a formação da personalidade individual ou, pelo contrário, apenas visar a reengenharia uniforme da Humanidade. Como recentemente reconheceu a comissão McBride, constituída por iniciativa da UNESCO.

Sustentamos que não haver censura é bom, mas não basta: é necessário impedir a concentração das empresas jornalísticas, é preciso que o exercício da profissão de jornalista seja efectivamente independente do poder; é fundamental que os jornalistas de cada redacção possam intervir na feitura dos jornais e das restantes publicações. Em suma é preciso que os jornalistas possam desempenhar a sua função sem se limitarem a vender a sua força de trabalho a uma empresa que nos inclua na sua coluna do «Deve e Haver», nem os faça entrar nos cálculos de venda ao público sem mesmo serem consultados.

É necessário que os conselhos de redacção possam funcionar em inteira liberdade e que as suas decisões tenham valor, sejam elas quais forem, designadamente no que diz respeito à escolha dos directores dos jornais.»

A terminar a sua intervenção Silva Pinto referiu-se ao direito de resposta dos cidadãos: «É preciso que esteja assegurado aos cidadãos, que se consideram prejudicados pela publicação de ofensas directas, o direito de resposta. É necessário que tudo se conjugue em Portugal para que a liberdade de expressão de pensamento pela Imprensa se integre, de facto, no direito fundamental do cidadão a uma informação livre e pluralista. É por estes objectivos que o CI luta.»

A intervenção de José Silva Pinto deu origem a uma prolongada discussão. Entretanto, hoje interveio o nosso camarada de redacção Ribeiro Cardoso que falou sobre «O Conselho de Imprensa, os detentores do poder e a liberdade de expressão do pensamento» e Aurélio dos Santos que analisou o «sector público da Imprensa e a liberdade de Informação».

Intervieram ainda, Carlos Froufe, do Sindicato de Trabalhadores na Imprensa, António Feijão do Sindicato dos Gráficos e Luisa Costa ex-membro do CI.

Encontra-se presente no encontro um «ombudsman» sueco que tem tido uma participação activa.

Em Portugal — disse Veiga Pereira — o direito protege o leitor ofendido, dando-lhe a faculdade de obrigar o jornal a corrigir o artigo injurioso.

Além disso, o CI português nasceu depois de muitos anos de censura oficial à Imprensa — disse Veiga Pereira — falando das diferenças entre os vários sistemas.

O jornalista recordou que o Parlamento impôs ao CI uma composição diferente daquela que este preconizava, quando obrigou à inclusão de trabalhadores da Imprensa não jornalistas.

«Na Suécia e no Reino Unido, pelo contrário, os jornais não são obrigados a publicar as decisões do Conselho de Imprensa, mesmo que estas lhe digam respeito» — disse ainda o delegado sueco neste debate.

Entretanto, o italiano António Garbarino sustentou no encontro que a Imprensa é um serviço público que não pode ser controlado nem por uma minoria nem pelo próprio Estado.

Sindicatos preparam acções conjuntas

Os sindicatos representativos dos trabalhadores da Comunicação Social estatizada decidiram estreitar contactos com vista a apoiar eventuais formas de luta no sector.

Decidiram ainda desenvolver acções de protesto contra as medidas tomadas pelo Governo neste domínio, que consideram «afectar a liberdade de expressão» e serem atentatórias das condições de trabalho no sector.

Na sequência desta decisão, anunciaram para a próxima semana a divulgação de um documento em que serão especificadas as medidas a adoptar.

Estiveram presentes o Sindicato dos Jornalistas, o Sindicato das Telecomunicações, a Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Gráficos e representantes das comissões de trabalhadores da Empresa Pública «Notícias»/«Capital», «Diário Popular» e ANOP.

Portugal visto de fora

LE MATIN

Agitação social crescente em Portugal

O clima social deteriora-se rapidamente em Portugal, onde se multiplicam as greves e as manifestações.

O Primeiro-Ministro Sá Carneiro fez demasiadas promessas durante a sua recente campanha eleitoral. Os trabalhadores portugueses não só não vêm a sua situação melhorar, como estão a pagar o reforço da austeridade decretada pelo Governo.

Respondendo ao apelo da central sindical portuguesa CGTP, dezenas de milhares de trabalhadores desceram à rua para protestar contra o Governo e a carestia de vida. As manifestações realizaram-se em Lisboa e em várias cidades de província, no fim de um dia de greve. Esta afectou sobretudo a dúzia de empresas nacionalizadas mas registaram-se também paralisações de trabalho de solidariedade com a duração de apenas alguns minutos no conjunto do País. Tratava-se igualmente de fazer pressão sobre o Governo, que não queria ratificar cerca de quarenta convenções colectivas de trabalho já negociadas entre o sindicato e o patronato. O Ministério do Trabalho, que acabou por ceder em todos os casos, defendia que os aumentos encarecidos não tinham «fundamento económico», quando, em determinados casos, os salários não tinham sido alterados há mais de dois anos e o ritmo da inflação atinge cerca de 25%.

Por outro lado, um boletim do Ministério da Economia revela que os salários reais se encontram em queda livre há três anos e, em certos sectores, se situam em níveis inferiores aos de há doze anos.

A questão das convenções colectivas provocou mesmo perturbações no seio da AD, tendo os monárquicos criticado o Governo, enquanto a UGT, a central sindical de tendência social-democrata, se colocava numa posição bastante incómoda, a meio caminho entre a defesa dos trabalhadores e o apoio ao Primeiro-Ministro.

No Alentejo, onde o Governo acelerou a entrega das «reservas» aos proprietários cujas terras foram ocupadas em 1975, a tensão aumenta igualmente. (José Alves, 17.2)

FINANCIAL TIMES

Portugal pede nova ajuda à CEE

Espera-se que a subdesenvolvida economia portuguesa receba em breve um novo impulso, como resultado de um pacote de medidas de auxílio que está a ser negociado pelas autoridades portuguesas e pela CEE.

Segundo responsável da Comunidade, os pormenores sobre o auxílio técnico e financeiro solicitado por Portugal no ano pas-

sado serão discutidos detalhadamente no decurso da visita de Lorenzo Natali, vice-presidente da Comissão da CEE, no fim do corrente mês.

Embora a soma em questão, tenha de ser acordada, o alcance daquele pacote será semelhante ao auxílio que Portugal tem vindo a receber desde 1975.

A necessidade deste novo auxílio foi reconhecido por ambas as partes, devido à pendente admissa de Portugal na CEE. Bruxelas sempre salientou que o problema principal relativamente ao ingresso de Portugal na Comunidade provinha do desequilíbrio do desenvolvimento económico do País.

O actual Governo de centro-direita espera agora convencer Bruxelas que tem a necessária clareza económica e política

mente à margem, Sá Carneiro, está plenamente convencido de que a sua hora chegou. Na semana passada, afirmou: «As coisas mudaram. Assumimos plenamente o Poder.»

O Primeiro-Ministro apresenta as suas prioridades: «O nosso primeiro objectivo é vencer as próximas eleições. Teremos então de escolher um novo presidente da República e rever a Constituição. Só quando estes objectivos tiverem sido alcançados, poderemos dar início ao processo de reformas no País e preparar a nossa entrada no Mercado Comum.»

Mas as grandes batalhas ainda estão para vir. As relações entre o novo Governo e o presidente português de tendência socialista, general Ramalho Eanes, são frias.

SINTESE

A imprensa europeia ocidental assinala unanimemente a onda crescente de agitação social em Portugal, em consequência da política económica do governo de centro-direita. As medidas de reforço da austeridade decretadas pelo Governo, a recusa inicial de ratificação das convenções colectivas de trabalho já negociadas entre o patronato e os sindicatos, bem como a prossecução da política de privatização da reforma agrária no Alentejo, são apontadas como as causas directas do aumento das tensões sociais e das manifestações de descontentamento popular.

Entretanto, a política do Governo da AD é analisada na perspectiva das suas consequências a curto, médio e longo prazo. Certos observadores afirmam que a ofensiva do Governo nos sectores da comunicação e do trabalho demonstram que a AD não está disposta a sacrificar os critérios de eficácia a considerações éticas. Salientam, no entanto, que o Partido Comunista aproveita os efeitos dessa ofensiva da direita surgindo como pólo aglutinador do descontentamento social e, assim, assegurando a liderança das forças da oposição, tanto mais que o PS e as restantes forças da esquerda estão, neste momento, mais empenhadas na preparação de uma estratégia ofensiva de alcance eleitoral.

Por sua vez, a imprensa britânica realça o programa de prioridades de Sá Carneiro: vencer as próximas eleições, escolher um novo presidente da República, rever a Constituição, e só, então, dar início ao processo de reformas no país e preparar o ingresso na CEE. «Financial Times» refere as próximas conversações entre o Governo português e a CEE sobre o auxílio técnico e financeiro solicitado por Portugal no ano passado.

«El País» assinala, por outro lado, que a vida política portuguesa é já marcada pela preparação das próximas eleições, cujos resultados serão decisivos para o futuro do país e do regime democrático.

para aplicar às áreas de economia afectadas pela crise, auxílio técnico e ajuda financeira (21.2).

THE SUNDAY TIMES

O Primeiro-Ministro tenta conquistar o voto dos camponeses

Sá Carneiro tem duas surpresas para o eleitorado que o levou ao poder nas eleições de Dezembro passado: a redução de impostos e o anúncio da primeira fase de um plano de longo alcance, através do qual se estabelecerá uma oposição à influência comunista no Alentejo.

Com os socialistas em desordem, os comunistas a pregar a moderação e o exército firme-

«Vamos ser muito cautelosos para não dar ao Presidente ou ao Conselho da Revolução qualquer pretexto para nos atacar com base na Constituição. O primeiro que iniciar as escaramuças pagará por isso nas eleições» — concluiu Sá Carneiro. (Stephen Aris, 24.2)

ABC

Encontro de Sá Carneiro com os militares

Uma centena de oficiais dos três ramos das Forças Armadas, que fazem um curso de altos estudos militares, ouviram de Sá Carneiro um relato pormenorizado dos aspectos mais importantes da política internacional,

da defesa, economia e alguns aspectos da política de trabalho do Governo de centro-direita. Quem assistiu a semelhantes encontros no Instituto de Altos Estudos Militares, pode concluir que o líder da AD não só na exposição dos seus pontos de vista, como na resposta a numerosas e difíceis perguntas, foi claro, e causou a melhor impressão entre os futuros altos comandos militares.

Sá Carneiro aproveitou a oportunidade para recordar que o seu Governo continua interessado em solucionar o caso de Timor e espera a opinião do Presidente da República e do Conselho da Revolução.

A política energética do Governo foi outro tema solicitado. Sá Carneiro mostrou-se preocupado sobre eventuais alternativas às actuais fontes energéticas que permitam aliviar os gastos que pesam na economia portuguesa e apresentou como soluções positivas a compra de energia a Espanha e o desenvolvimento dos recursos hidráulicos portugueses (Manuel Silva, 27.2).

EL PAIS

Portugal em véspera eleitoral antecipada

A seis meses das próximas eleições legislativas, a vida política portuguesa, começa a ser dominada pelos preparativos da votação que todos reconhecem ser decisiva para o futuro do País e do regime democrático.

Enquanto os principais partidos da oposição, com especial ênfase no PS, se esforçam por estabelecer uma estratégia ofensiva, o Governo empenha-se em privá-los dos seus dois principais instrumentos de contestação: os meios de informação e o movimento sindical.

As decisões adoptadas na semana passada pelo Governo demonstram que a AD não está disposta a sacrificar os critérios de eficácia a considerações éticas. Colocando homens da sua confiança no controlo de todos os meios de Comunicação do Estado, reduz as manifestações dos partidos da oposição, sobretudo do PS, aos seus próprios meios para fazer chegar os seus pontos de vista à opinião pública. Ao decretar em «situação económica difícil» três empresas públicas — duas do sector da informação e uma dos transportes — deixa sem efeito a actividade sindical e reivindicativa nestas empresas, lançando um aviso e uma ameaça sobre todas as empresas estatizadas, as únicas com dimensões e com uma capacidade organizativa sindical susceptíveis de dirigir uma ofensiva séria contra o Governo no campo laboral.

O Partido Comunista parece decidido a capitalizar os efeitos da ofensiva governamental em proveito dos seus objectivos partidários: assegurar a liderança da oposição. (Nicole Guardiola, 26.2)

Sousa Brito:

Nem sustos nem apocalipse nos estatizados

O secretário de Estado da Comunicação Social afirmou ontem «não haver vontade de assustar nem de criar situações de apocalipse» nas empresas do sector declaradas em situação económica difícil.

Em declaração à televisão, Sousa Brito referiu-se à empresa Notícias/Capital e disse que poderá haver suspensões de salários e de pessoal enquanto a empresa não recuperar economicamente, mas que isso seria «uma medida máxima que ninguém deseja tomar».

Acrescentou que medidas pontuais estão a dar os seus resultados com uma economia de 24 mil contos obtidos através de

um plano já conseguido de reorganização de horários e de outros 28 mil pela execução do «Mundo Desportivo» nas oficinas da EPNC.

Por outro lado, disse, os serviços de distribuição de «A Capital» passarão, já a partir de amanhã, a distribuir também o jornal «A Tarde», prevendo-se que a medida se possa alargar ao «Diário Popular» e ao «Diário de Lisboa», o que permitiria sensíveis reduções de custo de exploração.

Sousa Brito afirmou que «o abandono a que tem sido votada a RDP é um dos casos tristes de informação em Portugal». Entendendo que os aumentos

de salários exigidos pelos trabalhadores são «perfeitamente justos», o secretário da Comunicação Social acrescentou que «a situação é tão confusa» que melhor seria esperar até à publicação do estatuto da RDP.

O documento, frisou, está «já preparado e ultimado» e deverá ser tornado público ainda na próxima semana.

Indemnizações aos gestores

A Secretaria de Estado da Comunicação Social pediu parecer à Procuradoria Geral da República sobre o pagamento das

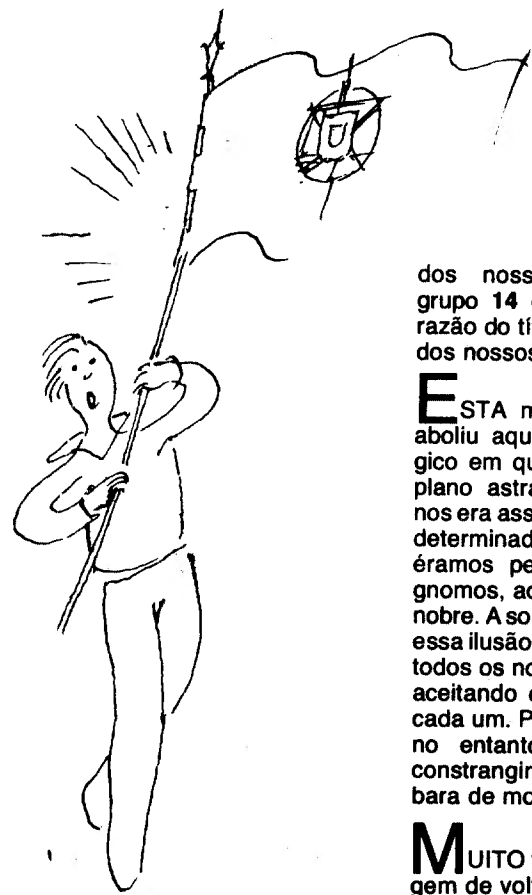
indemnizações aos gestores das empresas de Comunicação Social estatizadas recentemente substituídos.

Segundo decisão governamental, compete às empresas suportarem os encargos com o pagamento das indemnizações a que os gestores substituídos tenham direito.

Numa conferência de Imprensa, no dia 22, as comissões de trabalhadores da ANOP, Diário Popular, Notícias/Capital e Radiodifusão Portuguesa manifestaram o seu desacordo perante tal decisão.

Segundo as CT, é ao Estado que compete o pagamento das referidas indemnizações.

OS VERDES ANOS DA REPÚBLICA DE 1910



22.º CAPITULO

Um Anjo

Sobe ao Céu

dos nossos companheiros do grupo 14 de Maio. Eis, leitor, a razão do título deste 22.º capítulo dos nossos verdes anos.

ESTA morte, confesso, quase aboliu aquele encantamento mágico em que vivíamos num quase plano astral, onde a perenidade nos era assegurada por um axioma determinado pelo destino. Sim, éramos pequenos demónios, ou gnomos, ao serviço de uma causa nobre. A sorte pelo menos nos dera essa ilusão. Tínhamos abdicado de todos os nossos sonhos pessoais, aceitando o eterno anonimato de cada um. Por amor à República. E no entanto, para nosso maior constrangimento, um de nós acabara de morrer.

MUITO tenho escrito nesta viagem de volta ao passado, de uma época, que, hoje, só posso considerar como a mais palpitante da minha vida. Os rapazes do 14 de Maio! Quantos éramos? Não sei ao certo. Talvez uns vinte. Mas os que mais ficaram na minha memória são talvez uns seis. Esqueçam-se de mim. Mas quero lembrar alguns. O Gervásio, o

CHIANCA DE GARCIA

DO Gervásio não preciso falar. Ele tem-se destacado por si só, nestes movimentados vinte capítulos. Do Marcelo, por certo lembra o leitor os problemas do seu espírito, as suas dúvidas, as suas incertezas, e aquela incompreensão de sentimentos existente entre ele e o pai. Mas... não quero deixar de recordar o Chico Veras, criado e educado por uma viúva que encontrara o corpo do marido crivado de balas, no Largo de São Domingos, em Outubro de 1910, e ensinara o herdeiro do operário assassinado, a odiar a Polícia. Este Chico Veras era dono de dois **Taurus 1918**, que nós lhe tínhamos posto nas mãos. E sabia servir-se deles... quanto ao Mário Teivas, esse, colecionava estampas de armas militares de todos os tempos. Das mais remotas eras, às mais modernas, como aquelas dos **cow-boys** dos filmes americanos, — e a quem entregamos a nossa primeira metralhadora, com a qual tornou-se um perito. Tinha dezasseis anos de idade... E não es-

de capturar D. Manuel II, quando este, segundo afirmara Paiva Couceiro, estava em pleno oceano a bordo do navio **Haya 2**, em vésperas de chegar à capital do norte. Mas só vim a saber, depois de estar em Lisboa, que Marcelo acompanhara o tenente naval Prestes Salgueiro, que, com um grupo de marinheiros, conseguira apoderar-se de uma canhoneira, que, na calada da noite, partiu em busca do rastro do **Haya 2**, a fim de trazer para Lisboa, preso, aquele rei que Paiva Couceiro esperava, no Porto, para colocar no trono.

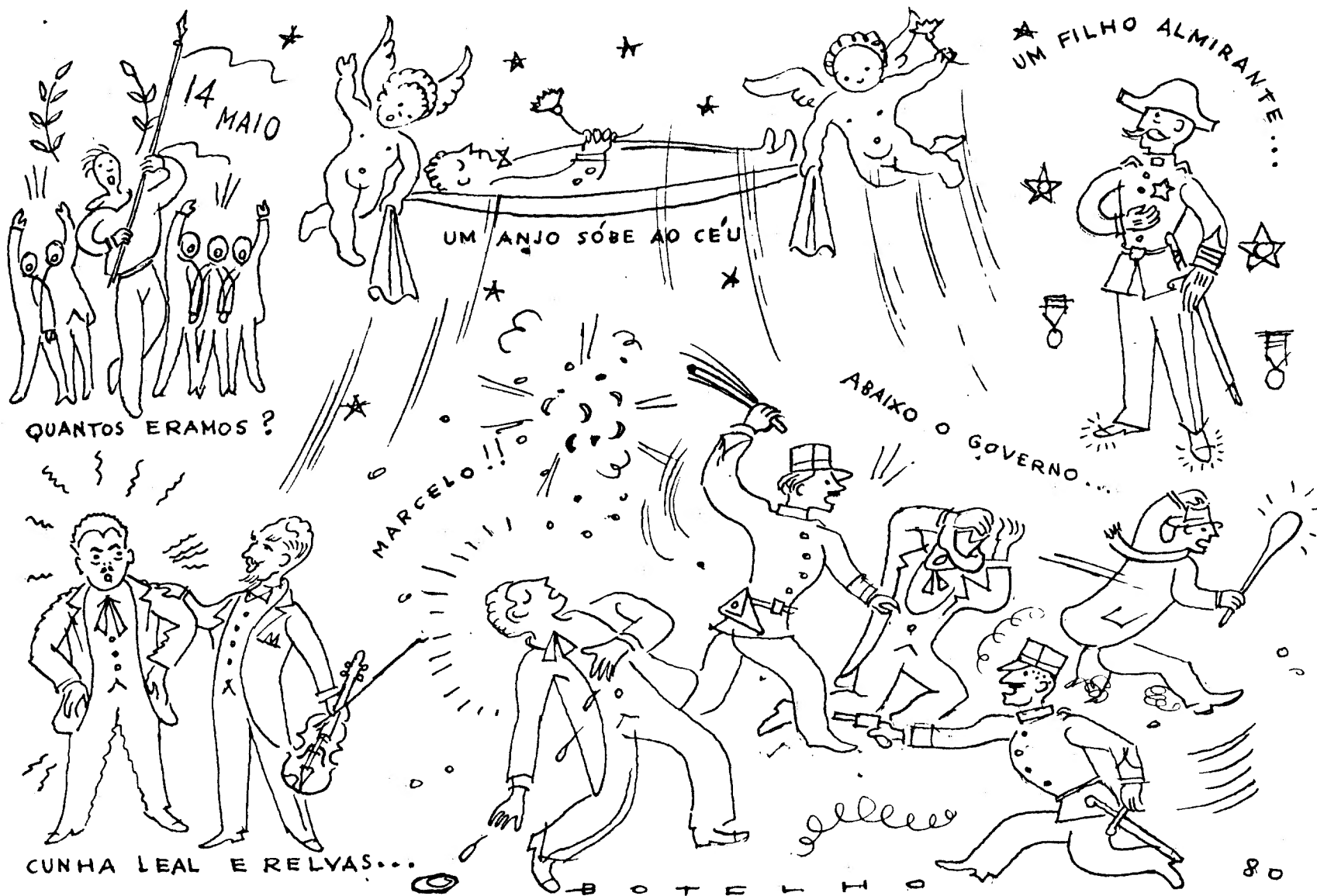
TAREFA inútil como o leitor já sabe. Mas João Tamagnini, o então chefe do governo ao saber que tinham deixado evadir-se, com destino desconhecido, um navio da Marinha de Guerra, teve logo o desejo de imediatas e violentas represálias. Mas a isto se opôs o Presidente Canto e Castro lembrando-lhe que o melhor, no momento, era dar tempo ao tempo, tanto mais que o navio tinha sido capturado por apenas meia dúzia de republicanos. E sem a menor reacção.

João Tamagnini, enquanto continuava no Governo, tinha mantido a ordem, dada aos fortes da Barra, de que, se ela tentasse voltar, a metessem no fundo das águas profundas do mar. Calcule, pois, o leitor, as esperanças que tal acontecimento despertou em mim. Ia saber, ao certo, pela voz de Marcelo, as razões daquela missão fracassada.

E logo corri em busca do Marcelo. Por certo estaria em casa. Entrei pela Rua de Santa Marta. Subi. Bati na porta. E, em segundos, vi diante de mim o rosto alegre de Inês, dizendo a ri:

— Já sabe? Sim, o Marcelo chegou! Esta madrugada. Vem que parece outro. Queimado do ar do mar. Mas entre. Não, não incomoda. Sente-se. Ele não está. Saiu. E sabe para quê? Para ir atrás de você, de você, e do Gervásio. Mas disse que se vocês aparecessem, não os deixasse sair. Quer ter os dois aqui, hoje, para conversarem com ele...

— É um prazer, Inês, esperar o Marcelo tendo você a meu lado. E seu pai?



Marcelo, o Mário Teivas, o Pedro Licas, o Zeca Madragoa, o Chico Veras, e alguns outros de presença mais fortuita, como aquele a quem tínhamos dado o nome de Zé de Lorrão, — falha praticada por nós, — visto não termos sequer pressentido que estava ali o futuro assassino de Sidónio Pais. Sempre tínhamos aceitado a luta. Mas nunca aceitaríamos o crime premeditado. E inglório. Lembre-se o leitor, — a propósito, — o capítulo destes Verdes Anos que tinha o título de: **O que tem de ser tem muita força.**

queço o Pedro Licas, filho de um artista plástico que pintava negras árvores contorcidas, como se fossem símbolos de todo o desespero humano. Mário tinha no sangue a febre que herdara do pai de adivinhar a crueldade do mundo. Era dono da melhor pontaria do grupo.

MARCELO é certo que tem estado ausente destes nossos recentes capítulos, desde que o leitor o viu partir do Porto com a ideia fixa

ASSIM vivíamos. Foi porém numa manhã dourada e primaveril que acordei sobressaltado, ao ouvir, das bandas do Tejo, o alegre troar de uma salva de canhões. Corri para a Baixa, ansioso por saber o que se estava passando. Mas, no Rossio, já tudo estava esclarecido. É que tinha desembarcado no Terreiro do Paço, o tenente Prestes Salgueiro, que, só agora, ao fim de várias semanas, conseguira entrar no Tejo, a bordo da tal canhoneira roubada, pois

— O pai? Você tem estado com ele? Não? Pois está muito diferente do que era. Ainda esta manhã antes de sair esteve conversando mais de uma hora com Marcelo. E nem sequer brigaram.

— Mas que disse o Marcelo?

— Contou que nestas semanas que passou a bordo, aprendeu a compreender que tem perdido a juventude sem nada que corresponda ao seu desejo de correr mundo, de viajar, de aprender, de

MARQUISES

E CAIXILHARIA EM ALUMINO ANODIZADO

ORÇAMENTOS

GRATIS

CAIXILUX

COMERCIO E INDUSTRIA DE ALUMINIOS, LDA

Escritório e Salão de Exposição:
Rua Francisco de Holanda, 28 A
Tel. 77 74 88 — 1100 LISBOA

PUB

O GOVERNO PPD/CDS RESPONSÁVEL PELA PARALISAÇÃO DOS TRANSPORTES

Depois da agressão ao Povo português em geral constituída pelos brutais aumentos dos géneros de primeira necessidade, como os combustíveis, o azeite, a electricidade, o pão, o açúcar, o leite, a margarina, o arroz e até a «bica», o governo PPD/CDS lançou agora uma ofensiva contra o sector nacionalizado dos transportes.

No intuito de reprimir a luta dos trabalhadores em defesa dos seus direitos, o Governo acaba de declarar arbitrariamente a R. N. «empresa em situação económica difícil», ameaçando tomar medida semelhante para com a CP, TAP, CTM, etc. Esta medida significa a possibilidade de suspensão da contratação colectiva, redução de salários e mesmo despedimentos sem qualquer indemnização, tudo isto ao livre arbítrio do Governo.

Perante estes atentados contra os seus mais elementares direitos, os trabalhadores, outra coisa não podiam fazer que não fosse o lançar mão dos meios legais ao seu alcance para manifestar o seu repúdio e não aceitação de tais decisões.

Por outro lado, o Governo, utilizando os meios de Comunicação Social estatizados que, de forma ditatorial, está a colocar ao seu inteiro serviço, pretende mistificar a opinião pública, virando-a contra os trabalhadores dos transportes e desviando a atenção dos utentes para os próximos aumentos das tarifas.

A nossa luta dirige-se também para a defesa dos interesses das populações porquanto, a serem aplicadas as medidas do Governo, degradar-se-ia ainda mais a situação destas empresas, piorando a qualidade dos serviços com todos os perigos daí decorrentes.

O que o Governo pretende, no imediato, é entregar centenas de milhares de contos aos capitalistas à custa dos trabalhadores e da população em geral, pondo assim a nu a sua verdadeira política de defensores do grande capital e de inimigos dos trabalhadores.

- CONTRA AS TENTATIVAS DE DESTRUIÇÃO DAS EMPRESAS DE TRANSPORTES!
- CONTRA O AUMENTO DAS TARIFAS!
- POR TRANSPORTES AO SERVIÇO DO POVO!

**NA PRÓXIMA TERÇA-FEIRA, DIA 4 DE MARÇO,
PARALISAÇÃO DA RODOVIÁRIA NACIONAL
— DAS 00.00 ÀS 24.00 HORAS**

**E DAS RESTANTES EMPRESAS DE TRANSPORTES
— DAS 9.30 ÀS 12.30 HORAS**

Lisboa, 1 de Março de 1980.

A Comissão Coordenadora das Organizações Sindicais do Sector de Transportes

Convenção da UEDS debate alianças com PS e ASDI

Com cerca de três centenas de delegados começou esta manhã no Teatro Vasco Santana, em Lisboa, a II Convenção da UEDS. Em discussão a política de alianças. Para o efeito apareceram três listas, uma subscrita por elementos do Secretariado com Lopes Cardoso à cabeça, outra de um grupo de professores e estudantes de Lisboa em que se destaca o nome de Justino Joffre e uma outra de alguns militantes da UEDS da zona de Coimbra. As primeiras duas, que são substancialmente semelhantes, defendem «um bloco social de apoio ao projecto

constitucional», reunindo o mais vasto leque de forças que se reclamam de uma via democrática para o socialismo». A última moção defende a manutenção da UEDS como «espaço perfeitamente autónomo».

Para além do tema das alianças há a possibilidade de o debate aquecer durante a apresentação de uma lista do Secretariado para os novos órgãos directivos da UEDS, que, pela primeira vez, vai eleger uma Comissão Política. Esta manhã aparecia provável que os elementos da segunda lista, na sequência de negociações que têm

vindo a decorrer, não apresentem uma lista alternativa à do Secretariado.

Entretanto é quase ponto assente que irá haver algumas mexidas nos órgãos directivos. Um dos dirigentes de quem se espera uma subida ao Secretariado é Américo Ramos dos Santos que com Rui Polónio Sampão, presidente do Partido, e Lopes Cardoso, secretário-geral, presidirá à mesa da abertura da II Convenção. Outros nomes poderão sair, ou por motivos pessoais ou profissionais ou mesmo como reflexo do trabalho desenvolvido durante a última campanha eleitoral.

Durante a Convenção será ainda ratificada a política sindical da UEDS, apontando preferencialmente para a participação em eleições sindicais em listas unitárias «não hegemonizadas».

Na sessão de encerramento marcada para amanhã, a partir das 18 horas, o PS estará presente, já através da sua comissão negociadora para a política de alianças (José Galvão, Teles, António Reis e Vítor Constâncio). Foram também convidados a ASDI (que aceitou já o convite), o PCP, MDP e UDP.

Mário Soares na Nicarágua

“Aliança de grupos direitistas perderá as próximas eleições”

Mário Soares, que se encontra desde a passada quinta-feira na Nicarágua, a fim de participar numa reunião da Internacional Socialista como manifestação de solidariedade com a revolução sandinista que derrubou o ditador Anastasio Somoza, afirmou ontem em Manágua estar a suscitar muita inquietação «o afã com que o Governo direitista de Sá Carneiro procura fazer retroceder o processo de socialização iniciado em 1974», pelo que se poderá viver futuramente em Portugal «uma fase acentuada de greves e protestos».

Criticando depois as tentativas do Governo AD de «difícultar a actividade das empresas que foram nacionalizadas e ede entregar a terra aos seus antigos proprietários», o secretário-geral do PS profetizou que «a aliança de quatro grupos direitistas, que dominam actualmente o poder em Portugal, perderá as próximas eleições. «O Partido Socialista — sustentou Mário Soares —

continua a ser a principal força da oposição no País e mostrará a sua força na contenda eleitoral que terá lugar dentro de meses e que permitirá reatar o processo de democratização iniciado em Portugal há seis anos».

CALAR OS DEPUTADOS DEPOIS DA INFORMAÇÃO

Entretanto o Partido Socialista acusou ontem o Governo de querer «amordacar o Parlamento através da aprovação de um regimento antidemocrático». Num comunicado distribuído ao princípio da noite, o PS diz que a maioria governamental pretende uma «nova Assembleia Nacional, à moda de Salazar e Caetano». «Depois, virá uma nova Lei Eleitoral, retintamente talhada, para perpetuar o reinado

de Sá Carneiro e da sua minoria de direita», afirmam os socialistas.

Mais adiante, e em resposta à Conferência de Imprensa da AD, de quinta-feira, o PS considera que aquela coligação concebeu mal e executou pior «uma campanha de descrédito dos partidos que selhe opõem». «Já se calaram os órgãos de Informação. É preciso calar os deputados. A rolha por enquanto possível é a adulteração do Regimento. Ténhamo-la por certa», frisa o PS.

O PS afirma ainda ter sido injustificável o facto de a AD ter prolongado a sessão parlamentar de terça-feira até à manhã do dia seguinte, para o esgotamento da ordem de trabalhos. «Por tratar estavam ainda dois assuntos do maior melindre, um dos quais — o pedido de ratificação da Lei das Renditas — poderia, segundo o Regimento, ocupar três sessões parlamentares, tudo dependendo do número de

oradores que se inscrevessem» refere o comunicado.

Os socialistas lembram que a AD recusou a suspensão da sessão às 0400, após o que o PS libertou os seus deputados «do dever de continuarem aquela vigília vexatória e inútil, à excepção do porta-voz designado para intervir na discussão, que nela interveio e se manteve no hemisfério até cerca de 07h00», quando os trabalhos terminaram.

Depois de referir que o PCP tomou idêntica atitude, o PS lembra o facto de a AD ter deputados suficientes para assegurar o quorum pelo que, se isso não aconteceu, «só dela se pode queixar».

O comunicado refuta acusações de comportamento antidemocrático e diz que o Governo e a coligação que o apoia preparam «mais um passo em frente na marcha propedéutica para o assalto às instituições».

Carlos Macedo: Candidato militar da AD teria de ser anti-Eanes

Carlos Macedo, presidente da Comissão Política do PSD, declarou no Porto que um candidato militar da Aliança Democrática à Presidência da República teria de ser um antieanista», pelo que entende que tal candidato deve ser um civil.

«A política é feita por políticos e os militares devem estar nos quartéis», acrescentou aquele dirigente que pelos vistos é também partidário da marginalização dos militares e da sua colocação num «gheto» político.

O dirigente social-democrata que disse haver quanto à questão presidencial três hipóteses que não especificou está convencido de que se o candidato da AD à Presidência «tiver um carisma político forte, o general Ramalho Eanes poderá sofrer uma derrota acentuada na primeira volta, já que o Partido Comunista guardará os seus votos para a segunda».

Carlos Macedo disse ainda que «a luta política está a ser de uma intensidade brutal e vai aumentar, principalmente no campo laboral, parlamentar e talvez no 25 de Abril e no 1.º de Maio, na rua, e a Aliança Democrática deve estar preparada».

A propósito das críticas feitas pela oposição ao Governo, Carlos Macedo diria que o Executivo Sá Carneiro não está a servir clientelas políticas mas «a tentar repor a realidade nacional, sobretudo na área económica».

De Oslo para Belém

Embaixador Fernando Reino novo chefe da Casa Civil do Presidente da República

O Presidente da República convidou para desempenhar o cargo de chefe da sua Casa Civil que se encontrava vago desde Janeiro de 1979, o embaixador Fernando Reino, que entretanto voltará ainda à Noruega e à Islândia, onde desempenhava as suas funções.

Segundo uma nota da Presidência da República a decisão agora tomada corresponde a um desejo expresso pelo dr. Caldeira Guimarães, de não acumular o cargo de assessor do Presidente para assuntos económicos com as funções de chefe da Casa Civil, que até agora assegurava, e que aceitara assumir a título interino.

O dr. Fernando Reino nasceu em 1929, em Felgar (Trás-os-Montes). É licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, tendo entrado para o Ministério dos Negócios Estrangeiros em 1957. Frequentou o Colégio de Defesa da NATO e foi aprovado no concurso para conselheiros de embaixada com uma monografia sobre o «Mundo Árabe» que apresen-

tou.

Exerceu funções nas delegações permanentes de Portugal junto da NATO e junto da CEE e nas embaixadas de Tóquio, Tananarive e Tunis e no consulado da cidade do Cabo.

Foi chefe de repartição dos organismos económicos internacionais do Ministério dos Negócios Estrangeiros de 1973 a 1974 e director em exercício do Gabinete Coordenador para a Cooperação, de Janeiro a Agosto de 1975, tendo nessa qualidade integrado a Comissão Nacional de Descolonização. Em 1976 presidiu à Comissão de Reestruturação do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Desde Junho de 1977 exercia as funções de embaixador de Portugal em Oslo e em Reykjavik.

O novo chefe da Casa Civil do Presidente da República participou em várias reuniões internacionais, nomeadamente no âmbito das Nações Unidas, de que se destacam as seguintes: membro da comissão negociadora do acordo assinado entre Portu-

gal e a CEE (1972), presidente da delegação portuguesa à reunião de informação no quadro das negociações com as Comunidades Europeias sobre a política e a prática comunitária em relação aos produtos CECA (1972), membro da delegação portuguesa à IV sessão especial da Assembleia das Nações Unidas (1974), presidente da delegação portuguesa ao 17.º Congresso da União Postal Internacional (1974), membro da delegação portuguesa às conversações com os movimentos de libertação de Angola e signatário do Acordo de Alvor, presidente das delegações às negociações sobre o contencioso económico e financeiro, cooperação e assistência técnica com a Guiné Bissau, Cabo Verde e S. Tomé e Príncipe (1975), coordenador principal das negociações económicas e financeiras e de cooperação e assistência técnica com a Venezuela (1976) e presidente da delegação portuguesa às negociações económicas comerciais com a Islândia em 1978 e 1980.

A.R. debate sectores económicos

Análise de Vital Moreira desorienta Amaro da Costa

Um Amaro da Costa colérico, fora de si, inquieto; o dr. Pinto Balsemão «encarnado», defensivo, calado e, ainda, o dr. Brás Teixeira, secretário de Estado da Presidência do Conselho (poderá ser este o mesmo homem que em 1969 lutava na CDE contra a ditadura?), agitado, nervoso, remexendo com frequência papéis e um exemplar, graficamente bonito, da Constituição, foram a imagem clara da «impotência» governamental face à intervenção, brilhante e demolidora, do deputado Vital Moreira, ontem, ao princípio da tarde. A bancada AD escutou silenciosa. A oposição aplaudiu toda, em conjunto, socialistas e comunistas. Tratava-se, em suma, da mais acabada desmontagem dos objectivos do Executivo com o seu pedido de autorização de alterações à Lei 46/77 (sectores vedados à iniciativa privada).

Já Pinto Balsemão subira à tribuna para, em nome da equipa ministerial, dizer convicto (ou «sem se rir», comentaria alguém da oposição) que enquanto este Governo «estiver no poder a Constituição será cumprida»; que a iniciativa privada terá «importante papel» na criação de «novos postos de trabalho» e que não haverá reconstituição dos grupos monopolistas.

«PARA INGLÊS E NATO VEREM...»

Vital Moreira dividiu a sua intervenção em quatro pontos fundamentais: «A autorização legislativa e a urgência»; «a 2.ª contra-revolução legislativa»; a inconstitucionalidade» e, finalmente, «um Governo privado».

Na primeira parte mostrou como o Executivo procura, para além da «subversão do regime constitucional», subverter também o funcionamento da Assembleia da República. Assim, denunciou o facto de se tentar manter a AR «inundada» com pedidos de ratificação de diplomas que o executivo poderia, ele próprio, revogar, ao mesmo tempo que retira — como no caso em questão — a possibilidade de debate parlamentar de uma «matéria que constitucionalmente lhe é reservada». Contou, por exemplo, que dois desses pedidos de ratificação à AR respeitam à criação de um gabinete de Imprensa e Relações Públicas num Ministério e às ajudas de custo ao pessoal da Guarda Fiscal...

Ou seja — frisou — o Governo quer manter os deputados «ocupados com questões menores», quer «furtar à discussão pública, à contradição democrática e à crítica da oposição as peças mais graves» dos seus projectos inconstitucionais e «transferir para o silêncio dos gabinetes ministeriais e dos conciliabulos entre Governo e a CIP aquilo que teme submeter à discussão clara e aberta na AR».

Trata-se, acentuou, de tentar transformar a AR «numa espécie de Assembleia Nacional dos antigos tempos», quando o Governo de então «legislava sobre os assuntos mais importantes, enquanto a AN era ocupada com questões de «cana caprina», para inglês e NATO verem que existia...»

Vital Moreira debruçar-se-ia, ainda neste ponto, sobre a

estranha urgência do Governo em «liquidar o assunto o mais depressa possível tal como com o aumento de preços a entrega de reservas, e outras medidas, enquanto se mostra menos veloz em actualizar pensões, diminuir impostos, acelerar ACT's ou em apresentar o Orçamento. «Só tem pressa — acrescentou — em pagar a factura à oligarquia financeira que o apoiou».

CDS COMANDA!

Sobre o segundo ponto da sua intervenção («A 2.ª contra-revolução legislativa»), o deputado de Aveiro começou por recordar que na primeira contra-revolução foram peças essenciais a Lei Barreto e a Lei de Delimitação do Sector Público e Privado, sendo esta agora ameaçada de alterações, de modo a servir os «objectivos actuais da direita».

Vital Moreira recordou que este diploma fora negociado entre o PS e o PSD/PPD, em 1976, vangloriando-se o último partido da sua «paternidade» de tal maneira que a apresentação parlamentar do diploma caberia a um seu deputado e não ao Governo PS.

Frisando que as alterações agora propostas surgem via CDS, aquele deputado acrescentaria ante o evidente embaraço da bancada PSD: que, este partido, «reclamadamente dominante na coligação governamental abandona uma lei que era fundamentalmente sua e cede em toda a linha ao CDS. Tal como na política externa, tal como na linha ideológica do Governo, tal como nos governadores civis, também agora no campo económico é, afinal, o CDS que marca o



tom governamental, que se assenhoreia das suas alavancas, que aprofunda a sua hegemonia. A dúvida quanto a saber se este Governo se deve designar por Sá Carneiro-Freitas do Amaral, ou vice-versa, começa a obter resposta rotunda».

Em resumo, sobre este ponto diria Vital Moreira que a proposta CDS, ao contrário da lei PSD/PS — que apenas abria caminho à restauração capitalista das nacionalizações eliminando todas as barreiras ou limites permitindo o «desmantelamento puro e simples do sector público, a anulação das nacionalizações e a reconstituição livre dos grandes grupos financeiros».

«PURAMENTE INCONSTITUCIONAL»

Na parte seguinte, o parlamentar comunista subli-

nhou, com ironia, o facto de o Governo ter esquecido um pormenor: «o problema da constitucionalidade de tais propostas». Rebatendo, sistematicamente, a legitimidade das alterações desejadas pelo Executivo face à Lei Fundamental, Vital Moreira concluiria que «na sua versão CDS, ficam sem ponta por onde a Constituição lhe possa pegar, como facto puramente inconstitucional», pondo em dúvida a sua passagem na Comissão Constitucional.

Acerca dos propósitos ou juras ministeriais de respeito pela Constituição lembrou o deputado os factos e promessas ou declarações públicas dos governantes para acrescentar que «a hipocrisia, o farfalismo e a desfaçatez são, deliberadamente, um método de Governo».

«Um simples comité executivo de uma pequena oligarquia», classificou, ainda, Vital Moreira na parte final da intervenção o actual Executivo negando-lhe qualquer distanciamento face a grupos de interesses e apoiando-o mesmo de «conjunto de grupos de interesses a governarem-se a si mesmos». «Confirma-se — disse — a direita não governa — governa-se».

(...) «a própria gestão do Estado já está entregue a entidades privadas... já foi roubada à colectividade para se entregar gratuitamente a um pequeno grupo de senhores dominais. É o grande triunfo da monarquia... feudal!».

«Havia compromissos a satisfazer — deduziu Vital Moreira, dívidas políticas a pagar; havia que prestar tributo ao desforismo frenético dos

grupos que constituem o substrato social activo da AD». E, ironizando acerca de uma expressão usada na véspera por Lucas Pires (que aguardou, no final, cópia do discurso de Vital acrescentou: «mas se o ano propedéutico é o que se mostra, o que será o curso? Se agora estamos perante um certo neomarcelismo, em cuja liderança ideológica participam notáveis neo-salazaristas, não restam dúvidas que depois venham estes tomar o comando das operações».

E, perante os já citados aplausos de toda a oposição e o silêncio frio e inquieto da bancada AD, o deputado do PCP concluiu que, tal como os estudantes o fizeram relativamente ao verdadeiro propedéutico, também o Povo português saberá chumbar este Governo, levantou, de imediato, e furioso, Amaro da Costa, ministro da Defesa (justificou a sua presença ali porque a indústria de guerra é abrangida pela lei em debate...) clamando que a «honra» do Executivo fora posta em causa. Frio, cortante, Vital Moreira limitou-se, em breves palavras, a notar que, até nos protestos é o CDS que aparece a liderar a comandar o Governo, confirmando, em suma, a justeza da sua análise.

Mas, depois de amanhã, haverá mais sobre a polémica proposta governamental e das respectivas reacções à intervenção do deputado comunista. Até Sousa Tavares pretende botar palavra pois — disse — o discurso brilhante do deputado comunista merece «muitos protestos».

Eugénio Alves

STOCKS ARTIGOS DE VERÃO

VENDEM-SE PARTES DE COLECÇÕES DE EXPORTAÇÃO CONSTITUÍDAS POR:

- BLUSAS SENHORA LISAS E ESTAMPADAS
- CAMISAS DE HOMEM LISAS E ESTAMPADAS
- VESTIDOS DE SENHORA E CRIANÇA
- SAIAS DE SENHORA
- T-SHIRTS SENHORA, HOMEM E CRIANÇA
- CALÇAS VELUDO CANELADO E LONA ALGODÃO
- FATOS DE BANHO DE MALHA ALGODÃO
- SHORTS DE ALGODÃO E VISCOSE
- BONÉS, BOLSAS, CINTOS, ETC.

ENTREGA IMEDIATA

PREÇOS ESPECIAIS PARA GRANDES QUANTIDADES OU REFERÊNCIAS COMPLETAS.

CONTACTAR FERNANDO GUEDES, LDA. — PORTO

TELEFS. 666600 - 666474 - 667686

ANDARES CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA

SERVIÇOS MUNICIPAIS DE HABITAÇÃO

COMERCIALIZAÇÃO DE FOGOS CONSTRUÍDOS AO ABRIGO DE CONTRATOS DE DESENVOLVIMENTO PARA HABITAÇÃO

Localização: VALE DA AMOREIRA — BAIXA DA BANHEIRA

ENTRADA DESDE 30 000\$00

N.º DE ASSOALHADAS	PREÇOS DE VENDA	PRESTAÇÕES MENSAIS
3 área: 74,93 m2	desde 698 c.	desde 3604\$
4 área: 92,65 m2	desde 844 c.	desde 4354\$
5 área: 105,65 m2	desde 942 c.	desde 4862\$

Prontos a habitar.

Entrega das chaves na assinatura do contrato-promessa de compra e venda.

A comercialização é directa e por ordem de inscrição.

No acto da inscrição paga-se uma quantia de 10 000\$00.

Empréstimos com taxas de juro bonificado, até 95% do preço da venda.

Isenções de impostos (sisa e contribuição predial).

Comercialização nos SMH da Câmara da Moita (telef. 2390005)

Visitas no local todos os dias.

Os SMH da Moita apenas intervêm na comercialização dos fogos.

Início da comercialização: 10 de Março de 1980
28 de Fevereiro de 1980

O Presidente da Câmara Municipal
José António M. de Brito Apolónia

DE ONTEM PARA HOJE

Automobilista abatido pela GNR na Mealhada

Uma patrulha da GNR abateu ao princípio da noite de ontem, «por engano», um automobilista, José Augusto, de 35 anos, casado, pai de dois filhos, que se dirigia para a sua casa, na Mealhada, depois de ter assistido aos treinos do Rally «Portugal Vinho do Porto», na serra do Buçaco. De acordo com uma informação fornecida pelos autores dos disparos, que se encontravam na estrada a tentar detectar os quatro assaltantes da fábrica «Cerâmicas Reunidas», José Augusto, que viajava num carro «Toyota» «semelhante ao que fora utilizado pelos assaltantes», não teria parado ao sinal dos grm's. A fábrica, situada em Fornos, nas proximidades de Coimbra, foi assaltada ontem à tarde, tendo sido levados cerca de setecentos contos, destinados ao pagamento de salários. No «golpe» foi ferido um funcionário com um tiro num pé. A «Cerâmica Reunidas» tem quatrocentos trabalhadores e um volume de vendas anual da ordem dos duzentos mil contos, dos quais trinta por cento são destinados à exportação.

AINDA O CASO DA CANTINA UNIVERSITÁRIA

O ministro da Educação Vítor Crespo, mandou instaurar um processo disciplinar ao Director dos Serviços Sociais da Universidade de Lisboa, Anibal Cameiro, segundo informou ontem o MEC. Esta decisão anunciava em comunicado, surge na sequência de um processo judicial promovido contra os responsáveis por aqueles serviços, devido a terem sido detectados, conforme temos vindo a noticiar, géneros alimentícios impróprios para consumo nas cantinas da Cidade universitária de Lisboa. O ministro determinou também a instauração de processos semelhantes aos trabalhadores do mesmo organismo, António Maia e Armando Amaro, considerando que «procedimento disciplinar é autónomo em relação ao procedimento penal» como se sabe, os três réus do processo foram condenados na passada terça-feira, no tribunal de Polícia em pena de prisão e multa de 450 contos.

PROTECÇÃO CONTRA CATÁSTROFES

Dentro de uma a duas semanas deverão entrar em funcionamento os Centros e Gabinetes de Protecção Civil destinados a auxiliar as populações em situações de catástrofes. O Governo tinha fixado a data de ontem como limite para a instalação dos centros de Coimbra, Aveiro e Santarém e dos Gabinetes da Régua, Abrantes e Vila Franca de Xira. No entanto, segundo apurou a ANOP junto da Comissão Instaladora Central, o prazo não pode ser inteiramente acatado por só muito recentemente terem sido nomeados os governadores civis, entidades de quem depende a coordenação dos Gabinetes e Centros. Criados pelo Governo de Maria de Lurdes Pintasilgo, esses organismos de protecção civil surgem do pressuposto de que grande parte das catástrofes podem ser evitadas, ou pelo menos minimizadas se forem tomadas a tempo as necessárias medidas de prevenção e socorro.

CABECILHA TINHA QUINZE ANOS

A PSP da Guarda deteve ontem seis jovens, cinco estudantes e um ajudante de

bate-chapa, de 15 e 16 anos, implicados em vários furtos na região. O cabecilha do grupo tem 15 anos e está implicado num outro processo de mais três assaltos. A Polícia apreendeu em casa dos detidos, cuja identidade não foi revelada, uma pistola lança gases, duas caixas de munições, gases lacrimogénios, focos de iluminação, acessórios de automóveis, autorrádios e respectivas colunas, cascos, peças de vestuário, máquinas calculadoras, artigos escolares e produtos alimentares. Os assaltos, em número de 23, foram realizados na Guarda, Sabugal e Vilar Formoso, de dia e de noite, sendo alguns artigos sido roubados na Sé Catedral, e Igreja de São Vicente da Guarda.

PORTUGUÊS MORTO POR BOMBEIRO

No Tribunal de Puy-de-Dôme, em Riom, França, iniciou-se ontem o julgamento do bombeiro Alain Chassin, acusado de ter agredido mortalmente em Julho de 1977, em Pont-de-Château, o operário português António Gonçalves da Costa, de 35 anos. O caso verificou-se no final da festa de «L'humanité», tendo o operário português falecido em 9 de Julho daquele ano, devido à agressão sofrida quando de uma rixa entre os serviços de vigilância dos festejos e vários portugueses, que teriam tentado entrar abusivamente nas instalações. A audição das testemunhas, no primeiro dia de julgamento, não permitiu determinar os motivos e a origem precisa dos incidentes. Os jurados, escolhidos ao acaso entre os eleitores, pronunciaram-se ao na próxima sexta-feira.

TRÊS CHILENOS PRESOS POR ROUBO

Com a captura ontem ocorrida no Porto de um indivíduo de nacionalidade chilena, eleva-se para três o número de chilenos detidos pela Polícia Judiciária, implicados numa série de assaltos a residências no Porto e arredores. Na passada quarta-feira haviam sido detidos em Lisboa dois deles que agora foram remetidos para as prisões daquela corporação no Porto, a fim de se averiguar da sua implicação nos assaltos verificados ultimamente, um dos quais à residência do advogado Miguel Veiga, foram furtados objectos no valor de mais de mil contos.

Fagundes pede absolvição de Isabel do Carmo e Carlos Antunes

“Aqui a prova chama-se Almeida Lucas”

«Aqui a prova chama-se Dinis Almeida Lucas». — afirmou o advogado de defesa de Isabel do Carmo e Carlos Antunes, na sessão de ontem do julgamento do chamado caso PRP em que são réus, sob a acusação de controlo «de autoria moral».

Jorge Fagundes, no decorrer da sua extensa intervenção tentou demonstrar que Dinis Lucas, a única prova em que o procurador da República se baseou para pedir a condenação dos réus, mentiu descaradamente. No entender da defesa «a prova não conseguiu provar mais que a quadratura do círculo».

Apesar de fastidiosa a análise de Jorge Fagundes continha elementos ligados por uma lógica interna indiscutível — e portanto difíceis de deitar abaixo. Desmontou os depoimentos, lidos no tribunal, de Azevedo Plácido (abatido a tiro na Marinha Grande) e de Pinto Balsemão «figura um tanto enigmática que terá sido caucionado». Que terá desaparecido. Não se sabe ao certo onde pára esse familiar de político da AD, agora governante.

A defesa fez ainda ressaltar «as gravíssimas contradições entre as declarações de Dinis Almeida Lucas e José Alberto Dinis, naquele mesmo tribunal da Boa Hora. Isto no que se refere à organização clandestina que teria praticado assaltos a bancos e atentados bombistas. O primeiro contou uma história, o segundo, outra bastante diferente».

Quanto ao depoimento de Franklim Silvestre, o dr. Jorge Fagundes confessando-se um «apaixonado da psicanálise» atribuiu um significado especial ao facto daquele se apresentar vestido, na audiência, com uma gabardine de Dinis Lucas. Deduziu a defesa que numa situação psicanalítica Dinis Lucas funcionaria, em relação a Franklim Silvestre, «como o pai», do qual precisava de trazer um objecto que com ele se relacionasse para se sentir protegido. «Ele vem amedrontado mas também animado pelas palavras de Dinis Lucas» — sublinhou Jorge Fagundes.

Numa outra passagem a defesa salientou, ainda, que apesar

de Dinis Lucas, na sua opinião «um denunciante mentiroso», ter contado uma história mirabolante (que metia explosões de comboios na Mauritânia) a respeito de Ernesto Alpoim Rocha, no julgamento deste em Braga, ele foi absolvido.

Pelo que se depreende das vinte e duas absolvições, já havidas em diversos processos do «caso» ou «casos PRP», segundo Jorge Fagundes, o testemunho incriminatório de Dinis Almeida Lucas parece não ter impressionado os juízes. Nos casos em que efectivamente se encontraram provas «de facto» é que surgiram algumas condenações.

Ainda, de acordo com Jorge Fagundes, o testemunho de Dinis Almeida Lucas não deveria ser tomado em conta pelo tribunal visto ele estar motivado por «instintos de defesa». Foi aliado com a promessa de que seria abrangido por uma Lei Antiterrorista. Ainda na forja. E não olhou a meio para atingir os fins a que se propunha.

Essa lei que Dinis Lucas fingiu desconhecer, quando interro-

gado pela defesa não parece ser invenção. Há já um esboço dela. Jorge Fagundes descobriu o esqueleto disso no boletim (n.º 290, de Novembro de 1979) do Ministério da Justiça. Fala-se em que o Tribunal poderá «diminuir ou isentar a pena» daqueles que se afastem do caminho que trilham e que colaborem na descoberta dos participantes nos actos de que são acusados.

Foi, portanto na certeza de que poderia vir a beneficiar dessa lei que Dinis Lucas, na óptica do dr. Jorge Fagundes, se teria matriculado na Faculdade de Medicina, na maior das tranquilidades.

As tantas, depois de tecer uma série de considerações sobre o que levaria Dinis Lucas a incriminar os seus constituintes, a defesa deixa no ar esta pergunta: «Não será ele da CIA?»

Finalmente o dr. Jorge Fagundes passou à matéria de direito aplicável, tendo chegado à conclusão de que a sentença para os seus constituintes deveria ser a da absolvição.

L.F.

Caso Delgado

Onde se fala de vendedores de carneiros e de fábulas mas não do crime

— Eu não considero que o general tivesse aceitado ir a Badajoz por uma questão de desespero — disse ontem à tarde em Santa Clara o dr. Piteira Santos, tratando de bloquear aquilo que parecia uma insinuação da Promotoria, quando sugeriu que o general «ficara abandonado em Argel e sem meios», assim há maneira de quem «lamentava» que a oposição portuguesa o haja deixado isolado e que este poderia ter sido o motivo que o levaria a aceitar os apoios (ou as promessas) de um Mário de Carvalho e outros, cuja objectividade era, como se sabe, o de atrair Humberto Delgado à fadida cilada.

De resto, Piteira Santos explicaria que apesar do seu afastamento da frente de Argel, o general mantivera a sua actividade a vários níveis. Por exemplo: ao mesmo tempo que preparava a sua vinda a Espanha, empurrado pelo pido Mário de Carvalho, preparava o chamado «Plano Laranja», ou seja, o da implantação de um governo antifascista no território de Macau. Não era, pois, um homem derrotado. Inclusivamente e pouco antes da sua partida para a Europa, negociava com a embaixada da

China em Argel, a possibilidade duma visita àquele país.

— Aqui sentia-se a influência da Frente de Acção Patriótica — explica o dr. Piteira Santos, que acrescentou: «A FAP, como se sabe, era de nítida tendência pró-chinesa».

Como de costume, o produtor, coronel Dias Morgado, no seu tom monocórdico e enrolado, que ajuda a confundir e a prolongar as sessões, prosseguiu a sua «investigação» histórica acerca da oposição portuguesa e do general Delgado. Por fim, até falaria num comandante da extinta Brigada Naval, Soares de Oliveira, que teria sido enviado a Argel por Henrique Tenreiro, disfarçado de vendedor de carneiros. Perante isto, Piteira Santos diria:

— Eu penso que essa foi uma das muitas fábulas que para aí se inventaram. De qualquer modo, posso garantir que se tal facto tivesse alguma coisa a ver com a realidade, o comandante Soares de Oliveira talvez comprasse carneiros. Mas o que ele não encontraria em Argel seriam ovelhas portuguesas.

O juiz-presidente interviria então para exclamar:

— V. Ex.ª, sr. promotor, acre-

ditado que um oficial da Armada, fossem quais fossem as suas ideias políticas, se sujeitaria a mascarar-se de vendedor de carneiro em nome do que quer que seja? Ora, valha-nos Deus!

Antes, porém, de chegar aqui, o sr. promotor, embora numa forma surreiteira, tentou chamar a atenção, mais uma vez, para as contradições e discordâncias no interior da oposição portuguesa em Argel e, sobretudo, para as diferenças de opinião entre alguns dos seus membros e o general Delgado, como se pretendesse afirmar algo mais. O alvo desta «curiosidade» são, para o sr. promotor e de preferência, os elementos do Partido Comunista Português em Argel. Em dado momento indaga:

— O dr. Piteira Santos tem alguma referência de que numa reunião do Comando Operacional, o dr. Pedro Ramos de Almeida tenha vetado uma acção armada proposta pelo general?

— Não senhor não tenho — responde Piteira Santos. — Mas ainda que isso fosse verdade, era perfeitamente legítimo que uma representação política se opusesse a modelos de acção com os quais não concordasse. Mas deixe-me dizer-lhe, sr. pro-

motor, que não era só o dr. Ramos de Almeida ou os membros do PC que divergiam do general que, como já aqui afirmei, na sua generosidade, fogueidade e ingenuidade, nem sempre se conduzia da forma mais acertada. Por exemplo: nós não podíamos estar de acordo que se pedisse ao sr. Henrique Cerqueira para ser ele a escolher e enviar para Argel doze saboteadores que ninguém sabia quem eram, nem donde vinham. Inclusivamente, houve que discordar, quando o sr. general Humberto Delgado tentou impor a presença de desconhecidos, entre os quais o Mário de Carvalho, nas nossas reuniões.

A testemunha falaria ainda do grande apreço que o então presidente argelino, Ben Bella, tinha pelo general Delgado e da franqueza com que lhe prometeu todos os apoios possíveis para uma luta séria contra o regime fascista.

O julgamento prossegue na próxima quarta-feira, ainda com o coronel Dias Morgado a inquirir Piteira Santos. Com um bocadinho de boa vontade, achamos que lá para o ano 2001 temos o julgamento terminado.

Josué da Silva

AOS EMIGRANTES E PÚBLICO EM GERAL
sensacionais descontos
do ANIVERSÁRIO
da MARAVILHOSA
Móveis Império, Séc. XVII, Luis XVI e Modernas,
Estantes, Maples e Sofás-camas em todos os modelos em pele
Papel de parede, Alcatifas
NÃO DEIXE DE VER OS NOSSOS SOFÁS-CAMAS EM PELE TIPO FRANCÊS
*** CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA EMIGRANTES**
SEDE: Praça Paiva Couceiro, 1-1100 Lisboa SALÃO DE EXPOSIÇÃO: Rua Neves Ferreira, 4-A
Telefone 846839 Telefone 824840

CURSOS

PERFURAÇÃO/VERIFICAÇÃO
GRAVAÇÃO DISKETTES

Sistema IBM e UNIVAC

Recolha de dados p./computador

INÍCIO: 6-3-80

DACTILOGRAFIA
Início: todos os dias

INSCRIÇÕES LIMITADAS

EXTERNATO CONTINENTAL

Tel. 32 56 52

— Rua do Arsenal, 100-1.º

1100 — LISBOA

Multiplicam-se os incidentes na zona da Reforma Agrária

Na Zona da Reforma Agrária agudizam-se os problemas criados pelo Governo de Sá Carneiro com a sua política de recuperação latifundista.

Ontem no distrito de Évora, onde estão em curso sessenta processos de entregas de reservas, que abrangem praticamente todos os seus concelhos, foram feridos dezenas de trabalhadores da UCP de Aguiar.

Durante uma manifestação efectuada em Évora, o Comando da PSP, apreendeu a carta de condução a um trabalhador que guiava o carro do som, centro divulgador das palavras de ordem.

Neste momento, no Tribunal de Elvas, estão a ser julgados quinze trabalhadores de Campo Maior cujo único crime é o de reivindicarem trabalho. O Governo não quer dialogar. Quer destruir e pisar os trabalhadores.

Ainda ontem, na Câmara Municipal de Évora, houve uma retirada ostensiva dos vereadores da AD precisamente na altura em que representantes dos trabalhadores da UCP de Aguiar apresentavam uma moção de repúdio sobre acontecimentos nesse mesmo dia, ali, ocorridos.

Retirada estratégica ou uma simples «má disposição»?

Já nas malhas da Judiária

Traficantes de "Mercedes" com chapas falsas de Angola

A Polícia Judiciária remeteu ontem ao Tribunal de Instrução Criminal (TIC) um volumoso processo relacionado com o furto e tráfico de automóveis de marca «Mercedes», em que se encontra envolvida uma rede que operava em vários países, sendo as viaturas transportadas de Paris até Salamanca, onde eram vendidas a baixo preço.

Entre os compradores — segundo refere a nota distribuída pela PJ, encontra-se um médico, que adquiriu cinco carros dos oito que chegou a encomendar

por preços que variam entre os cento e vinte e os cento e cinquenta contos, vendendo-os posteriormente, já «legalizados», por quantias quatro ou cinco vezes superiores.

Um dos elementos da quadrilha dedicava-se à falsificação das chapas de matrícula e documentos de modo a permitir a entrada em Portugal dos veículos furtados como se de viaturas provenientes de Angola se tratasse.

Até ao momento, a PJ já identificou vinte indivíduos, alguns

dos quais compraram os automóveis sabendo da sua proveniência ilegal, mandando fazer, eles próprios, as falsas chapas de matrícula e os documentos necessários, com os quais conseguiram a sua posterior legalização, nomeadamente em Aveiro e Coimbra.

A PJ, segundo afirma no seu comunicado, já apreendeu treze viaturas, tendo-lhe a conclusão desse processo permitido efectuar diligências para outros que se encontram pendentes nas Directorias de Lisboa e Coimbra.

Por ausência de um dos réus

Julgamento da rede bombista foi ontem adiado "sine die"

Argumentando com a necessidade de se cumprirem os prazos para a notificação por edital de um dos réus, Manuel Ramos Teixeira Gomes, ausente em parte incerta, o 3.º Tribunal Militar de Lisboa decidiu ontem adiar «sine die» o julgamento da rede bombista inicialmente marcado para a próxima segunda-feira. O acórdão baseia-se «na necessidade legal de se cumprirem os

prazos para a notificação por edital do réu revel».

No processo, recorde-se, estão implicados, entre outros, Ramiro Moreira, major Mota Freitas, Júlio Regadas, agente da Polícia Judiciária, e capitão Calmote Duarte. São acusados do rebentamento de bombas (algumas das quais provocaram mortes) na Embaixada de Cuba,

na Avenida da Liberdade frente a um centro do PCP e noutros locais do País.

Alguns dos réus foram condenados em primeira instância, em 6 de Julho de 1978, no 5.º TMT, mas o Supremo Tribunal Militar, em 20 de Maio de 1979, anulou o julgamento na sequência da detecção, em seu entender «de nulidades de diversa ordem».

Factos por números

Redução do Imposto Profissional custa cinco mil contos ao Estado

A redução do Imposto Profissional vai custar cerca de 5 mil milhões de escudos em diminuição de receitas ao Estado, afirmou ontem o ministro Cavaco Silva.

Em declarações prestadas à RTP, o ministro das Finanças salientou que a redução do Imposto Profissional tem por fim aumentar o rendimento disponível do contribuinte e que para compensar a redução de receitas o Governo vai fazer poupanças noutros sectores.

Entre estas, segundo Cavaco Silva, está a redução dos subsídios às empresas públicas e dos gastos públicos em geral.

Insuficiente o subsídio do gasóleo para agricultura

O preço do litro de gasóleo à agricultura vai ser subsidiado em quatro escudos e cinquenta centavos — anunciou o ministro Cardoso e Cunha.

O ministro da Agricultura divulgou esta medida durante uma reunião com membros da direcção da Confederação Nacional da Agricultura (CNA).

Joaquim Casimiro, da direcção da CNA, declarou que o subsídio que diminuirá para treze escudos o preço do litro do gasóleo a utilizar na agricultura, «é insuficiente».

O dirigente da CNA anunciou a Cardoso e Cunha a realização, em 23 de Março, do «Encontro dos Agricultores de Portugal, que decorrerá em Coimbra».

Na reunião foram ainda abordados outros problemas da agricultura como a concessão de crédito e juros ao sector.

Encontro Portugal-Espanha «no quadro da EFTA»

Realiza-se na segunda-feira, na Feira Internacional de Lisboa, um encontro sobre o acordo Luso-Espanhol, no âmbito da Associação Europeia de Comércio Livre (EFTA).

Será abordado o «Acordo de Comércio Portugal Espanha», «a exportação espanhola para Portugal» e a «exportação portuguesa para Espanha», estando as conclusões a cargo de Eurico Correia, do Banco «Fonseca e Burnay», entidade que organiza o encontro, de parceria com a Associação Industrial Portuguesa.

Do encerramento dos trabalhos encarregar-se-á o vice-presidente da Associação Industrial Portuguesa, Morbey Rodrigues.

O SUPER-ROMANCE

CHEGOU



O DIA DOS PRODÍGIOS

LÍDIA JORGE

a grande revelação para os anos 80

UM ROMANCE PRODÍGIO

O HOLOGRAMA DO POVO QUE SOMOS

O LIVRO QUE TAMBÉM OS SEUS NETOS TERÃO DE LER UM DIA

Há 35 anos que editamos e dizemos-lhe **DEVE LER ESTE LIVRO**

1945 1980

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA

Pub.



Secretariado das Comissões de Trabalhadores

MOÇÃO

O Secretariado das Comissões de Trabalhadores da Cultura Industrial de Lisboa, reunida em 29/2/80, considerando que a declaração da RN, RDP e EPNG em situação económica difícil é uma das medidas mais graves e desestabilizadoras tomadas até hoje no campo social por parte do Governo, decide:

- 1.º — Manifestar a sua solidariedade aos trabalhadores da RN em luta e a todos aqueles que estão ameaçados por tão grave medida;
- 2.º — Denunciar a política de chantagem do Governo que procura lançar uma cortina de fumo aos olhos das populações para justificar os já anunciados aumentos dos transportes;
- 3.º — Repudiar os processos coercivos do Governo que para além de querer retirar o direito ao trabalho e ao salário a milhares de trabalhadores, põe em causa o direito de greve e a liberdade sindical. A limitação dos direitos e liberdades dos trabalhadores tem como fim último, atacar o sector nacionalizado dos transportes, retirando para as mãos do grande patronato os sectores mais rentáveis, enquanto os prejuízos e sacrifícios serão pagos exclusivamente pelos trabalhadores e pelo povo português;
- 4.º — Apelar a todas as Comissões de Trabalhadores da região de Lisboa para que, expressem o seu apoio à greve dos trabalhadores da Rodoviária Nacional marcada para o dia 4/3/80.

NA UNIDADE OS TRABALHADORES AVANÇAM!
Lisboa, 29/2/80
O SECRETARIADO DA C.I.L.

Você quer saber quanto lhe custaria este espaço no «Diário de Lisboa»

Faça-nos a pergunta pelo telefone n.º 36 87 40

TÉCNICOS MOÇAMBIQUE

COM FORMAÇÃO MECÂNICA E EXPERIÊNCIA COMERCIAL NECES-SITAM-SE PARA TRABALHAR R.P.M

ENVIAR CURRÍCULUM DETALHADO E CONDIÇÕES PARA O N.º 1301.

ALEMÃO

Cursos intensivos
Professores de origem
Inscrições abertas
de Segunda a sexta-feira das 9 às 20.30



CENTRO DE ESTUDOS TÉCNICO-INTERNACIONAIS
SCARL
Av Duque de Loulé 71 2 1000 Lisboa
Telefone 40 345

CÂMARA MUNICIPAL DO CONCELHO DE SETUBAL

SERVIÇO DE INFORMAÇÕES E RELAÇÕES PÚBLICAS

ANÚNCIO

COMEMORAÇÕES DO 25 DE ABRIL

Para os devidos efeitos, dá-se conhecimento a todas as colectividades de cultura, recreio e desporto do Conselho de Setúbal que na Divisão de Animação da Câmara Municipal, se recebem até ao dia 8 de Março, indicações de actividades promovidas ou a promover por aqueles organismos e que possam ser integrados no Programa das Comemorações do 25 de Abril.

Setúbal, 27 de Fevereiro de 1980
O PRESIDENTE DA CÂMARA
Francisco Leonel Rodrigues Lobo

Santos Silva saiu da prisão

— mas hierarquia da Força Aérea continua a voar acima da legalidade democrática

O capitão Santos Silva, militar de Abril e oficial de integridade moral, acima de qualquer dúvida, terminou o cumprimento de mais uma pena de «prisão disciplinar agravada» que de novo lhe foi imposta pelo chefe do Estado-Maior da Força Aérea, general Lemos Ferreira. Trata-se da segunda pena de prisão sofrida por aquele conhecido oficial no curto espaço de um mês, tendo como exclusivo fundamento o exercício do seu direito de defesa e o protesto contra a ilegalidade da sua passagem compulsiva à reserva.

A notificação de que lhe seria instaurado novo processo disciplinar fora entregue na sua residência no próprio dia em que terminou a pena anterior. Por ofício de 21 de Fevereiro de 1980 foi-lhe comunicado o despacho do general Lemos Ferreira, de 11 de Fevereiro, que o remetia de novo para a prisão «por ter manifestado por escrito ideias ofensivas dos seus superiores, reincidindo em atitude anterior». Teria assim «infringido os deveres 15.º e 18.º do Art.º 4.º do RDM».

PROFETAS EM CASA ALHEIA

Confirma-se assim a «profecia» do «Correio da Manhã» de 17 de Janeiro de 1980 que com um mês de avanço «noticiava» que «tudo leva a crer que Santos Silva seja mais uma vez punido, talvez com mais cinco dias de prisão, ao abrigo dos Artigos 13.º, 15.º e 18.º do RDM».

Revela-se deste modo inteiramente justificada a crescente

estranheza e apreensão que tem vindo a manifestar-se nos sectores legalistas das Forças Armadas sobre a maneira como é utilizado na Força Aérea o já de si anacrónico «poder discricionário» dos chefes de Estado Maior.

Como pode compreender-se que um jornal, repetindo já idêntica profecia de um outro matutino da véspera do mesmo quadrante reaccionário, pudesse revelar com um mês de antecipação a nova punição imposta agora ao capitão Santos Silva?

Não nos surpreende o facto de tais notícias denunciarem o acesso fácil daqueles jornais aos mais altos níveis hierárquicos da Força Aérea. O que surpreende é que em matéria de tanto melindre e responsabilidade se faça inadvertidamente (?) uma revelação da maior gravidade: a existência de decisão prévia de punir aquele oficial fossem quais fossem os resultados do processo disciplinar que nem sequer fora iniciado.

CSD MODERNOS TRIBUNAIS PLENÁRIOS?

Surge assim nova luz para a compreensão das denúncias que têm vindo a público, e que a realidade dos factos tem vindo a confirmar, de que os militares da Força Aérea estão sujeitos a uma justiça de «foro pessoal» que não encontra paralelo nos estados de direito e ficam mais claras as razões que estão na origem do envio para o Conselho Superior de Disciplina de quase

70 oficiais e sargentos da Força Aérea, a maior parte dos quais após a aprovação da Lei da Amnistia.

Sabendo-se que aqueles Conselhos compete somente pronunciarem-se sobre as penas mais graves previstas no RDM — reforma e reserva compulsivas e separação do serviço — que poderá significar a formulação de acusações após quatro anos e que não constituem sequer infracção prevista na RDM, senão a tentativa de formalizar «legalmente» saneamentos já decididos de antemão?

E esta ideia fica ainda mais reforçada se considerarmos o facto de a quase totalidade dos militares em causa se encontrarem privados do exercício de funções há mais de quatro anos por decisão do Chefe do Estado Maior da Força Aérea.

A decisão de os sanear parece pois ter sido tomada naquela altura. Senão como explicar que só agora sejam submetidos a CSD?

As medidas legais e arbitrárias contra militares ligados de algum modo ao 25 de Abril continuam a manchar nos outros ramos a difícil normalização democrática do nosso País, mas as proporções que tais medidas atingem na Força Aérea são de molde a causar as mais sérias preocupações.

UM CASO EXEMPLAR

O caso do capitão Santos Silva, é, entre muitos, um exemplo de arbitrariedade.

Julgado à porta fechada em Conselho Superior de Disciplina como presumível signatário de um documento publicado em tempos num jornal, é passado compulsivamente à reserva sem que esse documento fosse sequer exibido ou mesmo afirmada a sua existência.

Mais parece que este julgamento secreto onde nada do que lá se passa é reduzido a auto — é apenas uma formalidade para co-responsabilizar cinco generais na decisão final que compete ao chefe do Estado Maior.

Mas o insólito não fica por aqui. Necessitando documentar o recurso para o Supremo Tribunal Militar da pena que lhe fora imposta em consequência da «opinião» que lhe é atribuída, fica a saber, pelo despacho que teve de requerer, que o exercício da sua própria defesa era motivo adicional para o seu saneamento.

Um dos crimes do capitão Santos Silva foi «permitir-se chamar a atenção dos membros do Conselho para a grave responsabilidade que assumiram».

Na exposição que mais tarde dirigiu ao chefe do Estado Maior da Força Aérea denunciando as irregularidades que enformaram todo o processo do seu saneamento, e que constitui um corajoso libelo contra a arbitrariedade nas suas múltiplas facetas e contra aqueles que invocam a ética para afastarem aqueles que a praticam, só obtém 15 dias de prisão por linguagem «moderada», que não por afirmações menos verdadeiras.

O Governo pratica a subversão e os trabalhadores defendem a democracia

— diz uma nota do PCP

O Partido Comunista Português, numa nota da secção de Informação e Propaganda do Comité Central, critica as declarações da AD «nos meios de informação tomados de assalto» e o desencadeamento de uma «campanha alarmista», proclamando-se que o País está em estado «pré-insurreccional» que as greves dos trabalhadores põem a «democracia em perigo» e a oposição faz obstrução «permanente».

Segundo o PCP, com essa campanha o Governo visa esconder a sua incapacidade para resolver os problemas nacionais e atribuir aos trabalhadores as graves consequências da sua política reaccionária.

A nota refere que «quem pratica a subversão e põe em perigo a tranquilidade pública é o Governo de Sá Carneiro, com a sua política de violação da Constituição, de confronto com outros órgãos de soberania, com as suas

medidas de prepotência e autoritarismo contra direitos e garantias dos trabalhadores».

O PCP sublinha no seu comunicado «que o que lança a intranquilidade no País são medidas como o aumento brutal de preços; o roubo das terras gados máquinas e outros bens a UCP's; o desrespeito pelas decisões dos tribunais, quando reconhecem os direitos das cooperativas; a suspensão de 40 contratos colectivos de trabalho; e outras medidas, como a obstrução ao funcionamento do regime democrático; a suspensão dos decretos do anterior governo e o boicote às comemorações do 25 de Abril...»

Diz ainda a nota que «perigo para a democracia representam a atribuição de milhões de contos de indemnizações a grandes capitalistas e a pretensão de impor uma lei-bur, para as próximas eleições».

Actividades do PSD no Algarve

O secretário-geral do PSD desloca-se hoje a Faro para visitar a sede do Partido em Vila Real de Santo António e inaugurar a sede do PSD em Faro.

Durante a deslocação António Capucho participará numa sessão de esclarecimento em Martilongo.

Por outro lado, diversos elementos da Comissão política distrital de Faro vão participar, no domingo, em diversos encontros dos sociais democratas em Aljezur e em Vila do Bispo. Em Loulé, também no domingo, elementos da comissão política distrital vão fazer uma análise da situação político-partidária.

PUB

EMPRESA DE CONSTRUÇÃO CIVIL PRETENDE ADMITIR

ENGENHEIROS: (chefe, mecânicos, estradas, esgotos, construção civil, electricistas, topógrafos e de planeamento) — 66 000\$00

ARQUITECTOS — 66 000\$00

CHEFES DE PESSOAL — 33 000\$00

TÉCNICOS: (betoneiros, betão e asfalto e manutenção) — 29 700\$00

MOTORISTAS: (máquinas pesadas e de camiões pesados com reboques) — 33 000\$00

MECÂNICOS — 29 700\$00

SOLDADORES E MOLDADORES — 24 750\$00

COZINHEIROS — 24 750\$00

PINTORES — 24 750\$00

ESTUCADORES — 24 750\$00

LADRILHADORES — 24 750\$00

AJUDANTES: (mecânico, soldadores, serralheiro, carpinteiro, pedreiro, electricista, estucador, ladrilhador) — 18 150\$00

EXIGE-SE:

- Experiência profissional com um mínimo de 3 anos
- Conhecimento de Inglês (relativamente aos quadros)

OFERECEMOS:

- Salários adequados a cada categoria profissional
- Alojamento, alimentação, transporte, bem como regalias sociais gratuitas

ENVIAR CANDIDATURA com indicação de:
Curriculum profissional detalhado.

RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 29 210

PUB



SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DE BEBIDAS

CONVOCATÓRIA

Nos termos do artigo 27.º dos Estatutos, com referência ao artigo 26.º alínea b) e c) convoco a Assembleia Geral Ordinária do Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Indústria de Bebidas, para o dia 22 de Março de 1980, às 15 horas, a qual se realizará no Largo da Trindade, 16-1.º (instalações do Sindicato Trabalhadores Imprensa), em Lisboa.

No dia 15 de Março de 1980, às 15 horas, e nos termos do artigo 37.º dos Estatutos, realizar-se-á a Assembleia Regional (Delegação de Loulé) com a mesma Ordem de Trabalhos, no Largo das Bicas Velhas, n.º 7, em Loulé.

ORDEM DE TRABALHOS

1. Discussão e votação do Relatório e Contas da Direcção, do parecer do Conselho Fiscal, referente a 1979.
2. Apreciação e deliberação sobre o Orçamento e Plano de Trabalho e Gestão apresentado pela direcção para 1980.

Nos termos do artigo 30.º dos Estatutos, a Assembleia Geral terá início à hora marcada, com a presença de qualquer número de sócios.

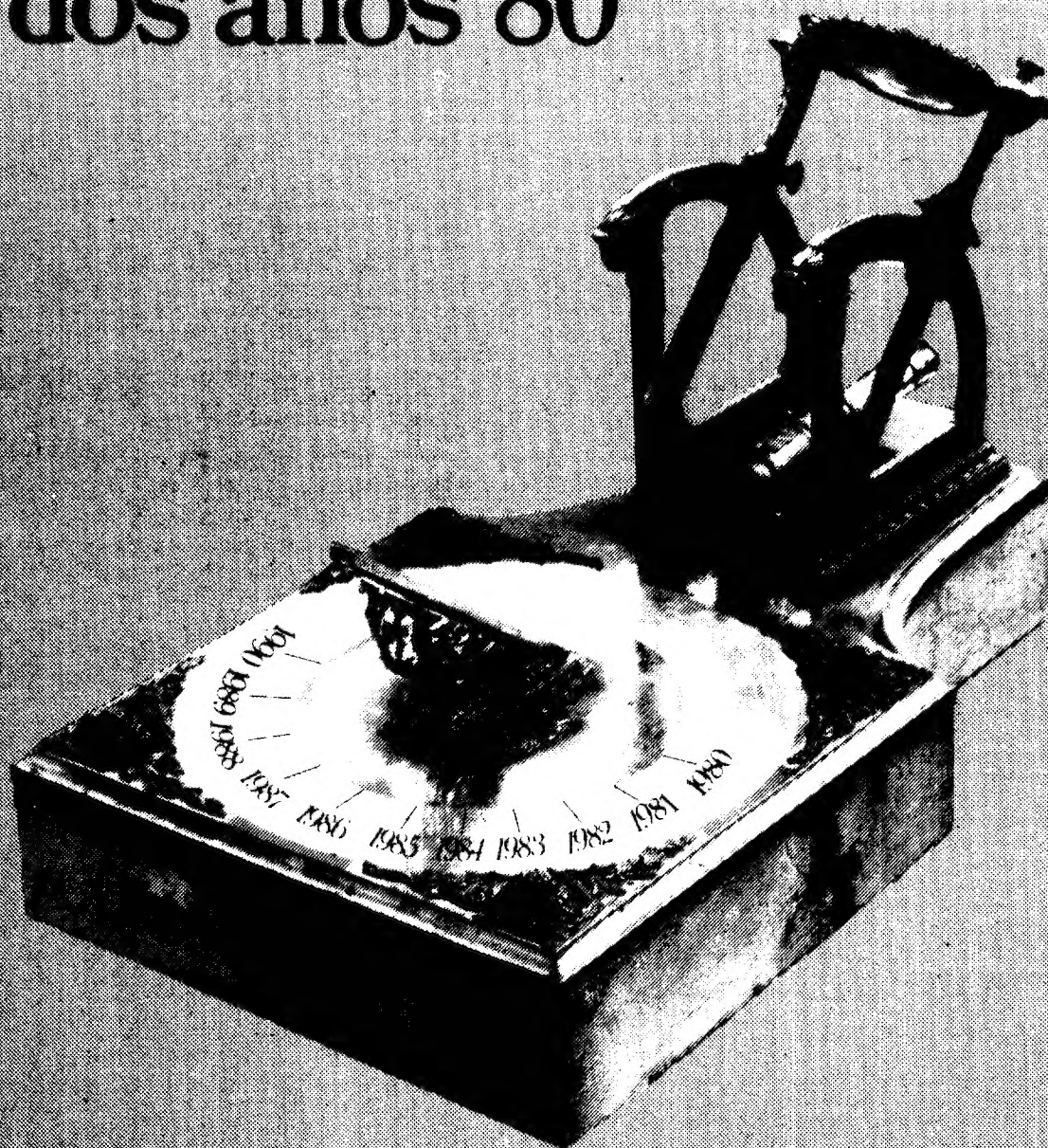
Lisboa, 25 de Fevereiro de 1980

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Avelino César Severino França

Nota: Todos os associados deverão comparecer munidos do respectivo cartão de sócio ou qualquer outro documento que contenha fotografia.
A direcção efectuará, a pedido dos sócios e nos estabelecimentos das empresas, sessões de esclarecimento sobre a matéria constante na Ordem de Trabalhos.



Aceitamos o desafio dos anos 80



Os anos 80 anunciam-se como anos de crise.
Os anos 80 exigem imaginação e eficácia.
Nos anos 80 vamos viver com a inflação.
As vozes mais autorizadas do mundo, confirmam essa dura realidade.
Em todo o mundo?

Não!

Os proprietários dos Apartamentos Turísticos Espaço T,
por serem proprietários desses apartamentos,
defenderam a tempo o seu dinheiro dos efeitos corrosivos da inflação.
Se ainda não defendeu o seu dinheiro da inflação
adquirindo os Apartamentos Turísticos Espaço T, não perca oportunidades.
Contacte hoje mesmo ESPAÇO T e enfrente com confiança os anos 80.

ESPAÇO T é um departamento Torralta.

Os senhores accionistas e investidores da Torralta
beneficiam de condições especiais.

CORTE E ENVIE HOJE MESMO A ESPAÇO T.

Departamento ESPAÇO T
Torralta - Club Internacional de Férias, SARL
Av. Duque de Loule, 24 - 1098 LISBOA CODEX
Telefones 55 44 79 - 55 56 81 - 55 60 31 - Telex 16465

Estou interessado em defender o meu dinheiro da inflação.
Sem compromisso, quero receber informações, sobre os
Apartamentos de Férias ESPAÇO T.

NOME

MORADA

LOCALIDADE

TELEFONE

PAÍS

ESPAÇO T

Eleições no Conselho Superior de Magistratura provocam agitação no meio judicial

As eleições dos representantes dos juizes de primeira instância no Conselho Superior da Magistratura estão a provocar alguma agitação no meio judicial português.

Marcadas para o próximo dia 10 de Março, as eleições são disputadas por três listas, duas afectas aos juizes mais conservadores e outra apresentada por elementos democráticos da magistratura. A tradicionalista Associação Sindical dos Magistrados Judiciais apresentou a lista C, que foi contestada por sectores conservadores do Norte do país, que contestaram o processo de formação da lista e apresentaram uma outra, onde apenas se registam diferenças nos elementos que representam os juizes do distrito judicial do Porto, mantendo a tónica conservadora.

A Associação, apanhada

desprevenida e receosa dos resultados do confronto em que os votos da direita ficavam divididos, pediu a impugnação da lista B e, ao mesmo tempo, da lista A, apresentada pelos elementos mais progressistas, invocando um argumento espantoso vindo de uma associação sindical — alguns dos juizes candidatos e proponentes daquelas duas listas eram juizes do Trabalho e, por isso, não poderiam ter os mesmos direitos que os restantes.

O Supremo Tribunal de Justiça, em duas decisões que proferiu sobre o assunto aceitou parte da argumentação da Associação e impediu a candidatura de juizes do Trabalho ao Conselho Superior da Magistratura, embora tivesse admitido a possibilidade de eles votarem e proporem listas. Isto apesar de um recurso apresentado pela

lista A, que também candidatava um juiz do Trabalho, que considerou aquela decisão inconstitucional. Com efeito, o art. 220.º da Lei Fundamental estabelece claramente que os juizes constituem um corpo único, pelo que não teria sentido fazer distinções entre juizes de primeira (os que não são originários dos antigos tribunais de Trabalho do Ministério das Corporações) e juizes de segunda (os que foram recrutados por aquele Ministério, quando os Tribunais de Trabalho eram dependentes do Governo). Para além disso, a Lista A alegou também que não tinha sido ouvida sobre a reclamação apresentada pela Associação dos Magistrados Judiciais, o que contraria o princípio processual do contraditório, e, ainda, que a decisão do Supremo não tinha sido devidamente fundamentada. Este recurso foi desaten-

dido, mas juizes apoiantes da Lista A consideraram que ainda há outras hipóteses para repor a legalidade.

Aliás, estes magistrados consideram também que é o próprio sistema eleitoral que é viciado à partida. Com efeito, o regulamento das eleições para o Conselho Superior da Magistratura determina que os mandatos serão atribuídos todos à lista que obtiver maior número de votos, o que contraria expressamente uma disposição constitucional que manda aplicar um sistema proporcional na eleição de todos os órgãos constitucionais, como é o CSM. Admite-se que os apoiantes da Lista A recorram a outras instâncias para conseguir que na regulamentação do processo eleitoral se acate a norma referida, nomeadamente para o órgão competente pela fiscaliza-

ção da constitucionalidade — a Comissão Constitucional.

COMPETÊNCIA

Toda esta efervescência causada pelas eleições tem, aliás, muito que ver com a Comissão Constitucional. Com efeito, o Conselho Superior da Magistratura tem uma competência importante — o de eleger dois membros da Comissão, de entre os juizes, para além de controlar todo o movimento de juizes (colocações, etc.). Sabendo-se que as maiorias no órgão presidido por Melo Antunes são normalmente muito pequenas, o controlo da representação dos juizes pode ter alguma importância, nomeadamente para conseguir a aprovação dos diplomas mais polémicos, e de constitucionalidade mais duvidosa, que ve-

nam a ser aprovados pelo actual Governo.

PROGRAMA

A lista A candidata-se com um programa que tem como elementos fundamentais o reconhecimento de que os seus membros têm prestígio profissional, interesse pelos problemas fundamentais da Administração Judiciária e defendem «zeloso acatamento da legalidade democrática no quadro do espírito e letra da Constituição da República». A lista é composta pelos juizes Amável Mateus e Bettencourt Faria (de Évora), Guerra Pires, Nascimento Costa Adélio André e Franco de Sá (de Lisboa), Matos Fernandes e Pires da Rosa (de Coimbra) e Fernando Fabião, Guimarães Dias Sampaio da Nôvoa e Alfredo de Sousa (de Lisboa).

Encontro Internacional de Magistrados

Defendida criação de juizes populares

«Entendemos que os representantes populares deverão intervir na plenitude da função de julgadores, na constituição dos tribunais estatais», afirmou ontem à noite Dimas de Lacerda ao ler uma comunicação do Sindicato do Ministério Público na sessão de abertura do III Encontro Internacional de Magistrados.

O representante sindical acentuou que a «participação popular na administração da justiça» — tema do encontro — é «a única via de democratização das instituições judiciais», depois de ter referido que se justifica a discussão do tema na medida em que estão ainda por analisar os resultados no quotidiano judicial, das modificações operadas na orgânica dos tribunais depois do 25 de Abril. Torna-se necessário saber «se os tribunais cumpriram a sua função de órgãos de soberania do Estado democrático, colaborando na efectiva democratização da sociedade portuguesa, com a sua enorme capacidade de intervenção pedagógica, vertente riquíssima da sua específica função, ou se, ao contrário, se alhearam do processo de transformação e desenvolvimento social, limitando-se a percorrer, rotineiramente, os velhos caminhos, desde sempre batidos, lá bem no

alto do monte inacessível».

Dimas de Lacerda definiu ainda a posição de fundo do sindicato sobre a questão da participação popular, defendendo: «Que a Justiça seja administrada em nome do povo, no sentido de que o seja em compromisso com as profundas aspirações de Justiça que se exprimem nos movimentos e nas manifestações das massas trabalhadoras, na sua luta contra a opressão e a desigualdade».

PASSOS TÍMIDOS

Na opinião do Sindicato, os passos já dados em matéria de organização judicial para consagrar essa participação foram excessivamente tímidos. A concretização do preceito constitucional que permite a instituição de juizes populares, que se traduziu até agora no estabelecimento de juizes sociais, para questões de trabalho, de arrendamento rural e de família dos julgados de paz e do juri foram insuficientes.

Em relação aos julgados de Paz, Dimas de Lacerda referiu que «pelas competências que lhe foram deferidas, pela forma de constituição seleccionada,

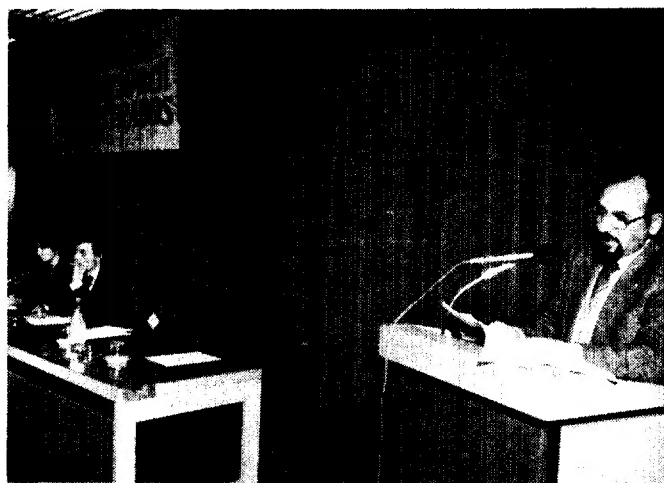
pelo processo de nomeação dos juizes consagrada, a instituição não corresponde ao espírito e função que lhes devia ser destinada em conformidade com as intenções decorrentes do ordenamento constitucional».

Também o funcionamento do juri merece algumas reticências ao Sindicato. «A Lei Orgânica dos Tribunais, confinando a intervenção dos jurados ao julgamento da matéria de facto em conjunto com os magistrados profissionais e reservando apenas a estes a aplicação da pena, retirou praticamente ao tribunal do juri a sua essencial natureza de tribunal com a participação popular».

Dimas de Lacerda defendeu a instituição de verdadeiros juizes populares, permitidos pela Constituição, já que seria «nesta jurisdição popular que caberiam as formas mais dinâmicas, mais vivas, mais autênticas, mais actantes e mais eficientes da participação popular na administração da justiça democrática, que se ambiciona».

REINO DOS JURISTAS

A primeira sessão do encontro, que ontem decorreu, foi aberta pelo presidente do Sindi-



O dr. Nascimento Costa usando da palavra esta manhã na segunda sessão III do Encontro Internacional dos Magistrados, na Fundação Gulbenkian

cato, dr. Artur Maurício, que estava acompanhado na mesa pelos presidentes dos Supremos Tribunais da Justiça e Administrativo, pelo Procurador-geral da República e por um representante do ministro da Justiça. Numa curta intervenção, aquele magistrado referiu que o facto de o Encontro ser aberto a todos os juristas não pretendia significar «a pretensão de continuarem a ser os profissionais do foro a de-

terminar o modo como «consentem» a participação de «estranhos» no seu «domínio» tradicional. Não se trata de suprimir os juristas, mas de começar a dar por findo o seu reino... de revelar, sem dramas, a perda de um privilégio que, aliás lhes não aproveita».

Durante a sessão de ontem registaram-se ainda mais duas comunicações. Uma, do advogado e deputado pelo MDP/CDE

Luis Catarino, que historiou a intervenção dos vários partidos políticos na discussão da participação popular nos tribunais durante as discussões que se processaram na Assembleia Constituinte. Outra, do procurador da República Manuel Baptista que se debruçou sobre a situação actual nos tribunais de trabalho.

Da intervenção deste magistrado registam-se alguns dados que são significativos quanto à situação existente. Perto de dez mil processos entram todos os anos nos tribunais de trabalho e actualmente estão pendentes perto de 400 mil e a solução dos conflitos laborais, quando dependente da decisão judicial, leva em média, mais de dois anos. Aquele procurador referiu também a incapacidade demonstrada até agora para dar alguma solução ao problema, nomeadamente através da incentivo da participação popular que poderia imprimir maior celeridade e simplicidade à tramitação processual.

O III Encontro Internacional de Magistrados, que conta com a participação de juristas da Jugoslávia, Bélgica, Angola, S. Tomé e Príncipe e Espanha, prossegue hoje de tarde, encerrando amanhã, à tarde também.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DOS FERROVIÁRIOS AVISO

Leva-se ao conhecimento dos interessados que, pelo despacho n.º 58/79, de 28 de Dezembro, do Secretário de Estado da Segurança Social, publicado no Diário da República, 3.ª série n.º 33, de 8 de Fevereiro de 1980, foi prorrogado até 30 de Junho de 1980 o prazo para apresentação dos requerimentos de retroacção de inscrição e de transferência de regulação, nos termos do despacho de 12 de Março de 1976.

O mesmo despacho é também aplicável aos trabalhadores que, tendo estado ao serviço da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, não chegaram a contribuir para nenhuma das caixas privadas e que, ao abrigo dos despachos n.º 11/79, de 24 de Abril e n.º 40/79, de 29 de Novembro, ambos do Secretário de Estado da Segurança Social, requereram a contagem da totalidade ou parte do tempo de serviço prestado.

Lisboa, Fevereiro de 1980
A COMISSÃO ADMINISTRATIVA



Electricidade de Portugal, EDP
/Empresa Pública

ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL

AVISO AOS CONSUMIDORES

Para realização de trabalhos nas instalações desta Empresa, no próximo Domingo, 2 de Março, será interrompido o fornecimento de energia eléctrica em baixa tensão nas seguintes zonas:

CONCELHO DE PALMELA: Aldeia de Cima, Quinta do Anjo, Craveiras e Vinha da Bicha, das 08 h 00 m às 12 h 30 m
CONCELHO DO SEIXAL: Axorda e Quinta da Prata, das 12 h 00 m às 13 h 00 m e das 17 h 00 m às 18 h 00 m
CONCELHO DE SESIMBRA: Erg, Lampreia e Alfaiateira, das 07 h 30 m às 14 h 00 m

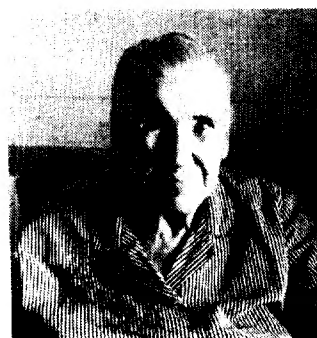
Lisboa, 1 de Março de 1980

ELECTRICIDADE DE PORTUGAL, EP
ZONA DE DISTRIBUIÇÃO SETÚBAL

Manuel Fernandes Camacho

ALBUFEIRA CÂNDIDA LUCIO CORVO E COSTA

Natural de Albufeira
100 Anos de Vida



1 DE MARÇO DE 1980

Filhos Maria Cândida Costa Lúcio, José Maria da Costa, Genro, Nora, Netos, Bisnetos desejam Felicidades pelo seu Centésimo Aniversário.

VALE DE SANTARÉM

Vendem-se 1100 m2 com 2 frentes pela maior oferta.
Telefone: 680128



DOMINGOS CAMPOS

(Fazendas-Guitarrista)

F A L E C E U

Um grupo de amigos, participam o seu falecimento, e que o funeral se realiza amanhã, dia 2 do Hospital do Rego para o cemitério do Lumiar

A greve dos transportes (3.ª-feira)

Sindicatos desafiam o Governo para debate público

As organizações sindicais do sector de transportes desafiam o governo para um debate público sobre as razões que as levaram a declarar uma greve geral no sector, na próxima terça-feira.

Em consequência da paralisação, a Rodoviária Nacional não circulará durante 24 horas; comboios, metropolitano, transportes urbano de Lisboa e Porto, TAP, cacilheiros e CTM ficarão imobilizados durante três horas (das 9.30 às 12.30). No entanto, o País poderá ficar também sem comboios durante todo o dia, já que o Sindicato (paralelo) dos Maquinistas marcou uma greve de 24 horas para terça-feira.

O governo, até ao momento, não respondeu ao convite das

organizações sindicais para um debate franco e aberto do problema, preferindo recorrer a notas oficiais e declarações unilaterais (o ministro dos Transportes falará hoje ao País, através da RTP, sozinho...) que os sindicatos não têm oportunidade de contestar pela mesma via.

As mesmas organizações imputam ao governo a intenção de aumentar o horário de trabalho e introduzir um sistema de intermitências em troca dos aumentos salariais e das diuturnidades já acordadas. Por isso, «repudiam firmemente a chantagem sobre os trabalhadores», exigindo a imediata publicação da matéria acordada.

Por outro lado, «alguns órgãos de comunicação social dão particular relevo a palavras do Governo segundo as quais a declaração da RN em situação económica difícil não provocará suspensões de contratos, nem despedimentos, pretendendo-se apenas proceder à reestruturação da empresa; como poderão os trabalhadores ter confiança nestas afirmações, quando a própria declaração da empresa em crise é perfeitamente abusiva e ilegal?» — perguntam os sindicatos dos transportes.

«Se apenas se pretende 'reestruturar a empresa', porque se recorre a legislação que aponta explicitamente para a suspensão dos instrumentos de regulamentação colectiva, para a diminuição dos vencimentos, para os despedimentos? É que, para nós, mais importantes do que o que se afirma, é o que se pratica. E, em relação a este Governo, estamos conversados: aumentos em flecha dos produtos de primeira necessidade e dos combustíveis, suspensão de mais de 40 contratos colectivos, etc., etc.» — acrescentam os sindicatos, em comunicado ontem divulgado.

Por seu turno, a CGTP-Intersindical Nacional solidarizou-se com a greve de terça-feira, lembrando que os trabalhadores que faltem ao seu

mprego por não terem transporte estão protegidos por lei: as faltas não podem ser descontadas nos ordenados, já que a impossibilidade de comrência por motivo não imputável ao trabalhador justifica a sua ausência.

SECTOR AUTOMÓVEL INATIVO A 13

A Federação dos Sindicatos Metalúrgicos anunciou a realização de uma greve no sector automóvel, no próximo dia 13. Segundo representantes sindicais, a paralisação, que durará todo o dia, destina-se a obrigar o patronato a retomar as negociações directas do Contrato Colectivo de Trabalho Vertical (CCTV).

Os representantes dos trabalhadores consideram que as negociações do CCTV se encontram num impasse, em virtude da Fetese (Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores dos Escritórios, afecta à UGT) se ter dedicado mais a «manobras político-patidárias» do que a servir os interesses dos trabalhadores.

São também visadas as Federações dos Sindicatos dos Trabalhadores dos Escritórios do Norte e do Sul, filiadas na UGT, que têm feito parte da Comissão Negociadora Sindical e que representam apenas cerca de cinco por cento dos trabalhadores do sector automóvel.

A Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Metalúrgicos representa cerca de 75 por cento dos trabalhadores do sector, que emprega cerca de 65 mil pessoas.

INFORMÁTICA DA F. PÚBLICA DIAS 5 E 6

Os trabalhadores de informática da Função Pública vão paralisar nos dias 5 e 6 de Março como forma de pressionar o Governo a aceitar a reclassificação das carreiras do sector.

A greve dos cerca de dois mil trabalhadores da informática afectará todos os departamentos públicos que utilizam estes serviços, nomeadamente os Arqui-

vos de Identificação e a Previdência.

Esteve anteriormente marcada uma greve para os dias 21 e 22 de Janeiro, mas foi desconvocada por o Governo ter aceitado discutir as reivindicações dos trabalhadores.

A contraproposta governamental apresentada sexta-feira aos trabalhadores não foi porém, considerada «aceitável» decidindo-se os trabalhadores, em plenário, pela paralisação.

Entre os pontos nomeados como não aceites pelo Governo conta-se o que diz respeito à intercomunicabilidade de carreiras, que concederia a possibilidade a um funcionário de ter acesso a outras carreiras informáticas sem necessidade de passar pela base.

Os trabalhadores contestam, por outro lado, que sejam exigidas para a Função Pública habilitações académicas superiores às que condicionam a entrada nas escolas de informática portuguesas, na sua generalidade particulares.

F. RAMADA (OVAR): JÁ HÁ PRÉ-AVISO

O pré-aviso de greve na empresa F. Ramada, de Ovar, foi já entregue pelos representantes dos trabalhadores à administração e ao Ministério do Trabalho.

Esta atitude dos trabalhadores confirma a deliberação tomada em recente plenário, que marcou um dia de greve para 4 do corrente.

Os representantes dos trabalhadores afirmam que a administração pretende «criar artificialmente a ideia de coacção física sobre directores e subdirectores», dado que um agente da Polícia foi à fábrica perguntar aos trabalhadores «se estava ali alguém preso».

Neste conflito, em que os trabalhadores já anteriormente haviam procedido a uma redução de produção, estão em causa a aplicação de uma nova tabela salarial e as relações entre a administração e a comissão de trabalhadores da empresa.

Em França

Suicídios provocam greve nos autocarros

Sete suicídios numa empresa, no espaço de três semanas, é excessivo, sobretudo quando eles derivam de factores objectivos que, a manterem-se, provocarão novas «vitimas» entre o pessoal. Estas as razões da paralisação de uma hora que os trabalhadores dos autocarros parisienses ontem concretizaram.

O último suicídio ocorreu na terça-feira: um revisor, pessoa de 53 anos, enforcou-se, deixando uma carta em que denunciava as violências da sociedade. Dias antes teve de receber tratamento no hospital a ferimentos provocados por indivíduos que o forçaram a abrir um armário numa estação dos arredores, pensando que ali haveria dinheiro. O armário guardava bebidas para o pessoal.

Os sindicatos franceses entendem que esta série de actos desesperados se deve à monotonia do trabalho, bem como ao isolamento desses trabalhadores, na sua maioria oriundos da província. A paralisação de ontem visava protestar, também, contra a insegurança dos trabalhadores do período nocturno.

GRÃ-BRETANHA: SINDICATOS RADICALIZAMSE

Os sindicatos britânicos do sector siderúrgico decidiram tornar mais «pesada» a greve que desde 2 de Janeiro afecta a indústria britânica do aço.

A decisão causou alguma surpresa entre os observadores, que previam um acolhimento favorável da sugestão formulada por Cillaghan, o «leader» da oposição trabalhista, no sentido da intervenção de um mediano independente que solucionasse o

conflito. Os sindicatos nem sequer aludiram a esta iniciativa, optando pelo endurecimento da luta, o que afasta qualquer esperança de uma solução rápida do diferendo.

Entretanto, começam a fazer-se sentir alguns reflexos da greve prolongada do sector siderúrgico, embora ainda haja grande quantidade de aço em «stock». Alegando falta de matéria-prima para enlatar os produtos que fabrica uma empresa do sector alimentar despediu ontem 800 trabalhadores.

SE A MODA PEGA...

O tribunal do trabalho de Manila (Filipinas) concedu a um trabalhador de uma agência funerária injustamente despedido uma estranha indemnização: uma carreta fúnebre e dois caixões. «Não tenho a intenção de morrer tão cedo», comenta o trabalhador, que tem 49 anos de idade. O tribunal justificou a decisão dizendo que a entidade patronal não dispunha de condições para pagar uma indemnização em dinheiro. Doutra sentença...

HOLANDA GREVE DO LIXO

Os «almeidas» holandeses vão estar em greve durante 24 horas, na próxima terça-feira, para protestarem contra o congelamento de salários, imposto pelo governo. Ontem, dezenas de trabalhadores municipais da recolha do lixo estacionaram os seus camiões no centro de Amsterdão, bloqueando o trânsito durante três horas, enquanto participavam na reunião sindical que convocou a greve.

Mais 8 por cento Desemprego aumentou em Janeiro

O número de desempregados no mês de Janeiro, inscritos na Direcção dos Serviços de Emprego, foi de 307.320, mais oito por cento que no mês anterior — revela o boletim informativo do Ministério do Trabalho.

De acordo com a mesma fonte, as ofertas de emprego por satisfazer eram, no mesmo mês, de 7.743, o que representa um acréscimo de 3,7 por cento.

Em relação ao mês de Dezembro de 1979, registaram-se 117 conflitos em empresa, mais 26 que no mesmo mês do ano anterior, segundo revela o boletim. Estes conflitos estiveram na origem das trinta greves verificadas. Os motivos que mais contribuíram para os conflitos relacionam-se com questões salariais e de estabilidade de emprego.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DO DISTRITO DE SETÚBAL

AVISO

AOS BENEFICIÁRIOS E CONTRIBUINTES DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA DO DISTRITO DE SETÚBAL

Leva-se ao conhecimento dos interessados de que em 3 de Março de 1980 está aberta ao público a Delegação Administrativa desta Caixa que abrangerá os residentes das áreas do Concelho de Almada, Mira-tejo e Corroios.

A Delegação funcionará na Rua D. Francisco Xavier de Noronha, 42 - 1.º Esq.º em Almada, de segunda a sexta-feira das 9,15 às 12 horas e das 14,30 às 16.30 horas, desempenhando as seguintes tarefas:

- Informações gerais;
- Encaminhamento de pedidos de informação;
- Recepção de documentos e de processos;
- Recepção de boletins e restantes documentos para inscrição em qualquer regime e seu encaminhamento;
- Encaminhamento dos requerimentos de prestações e mais documentação;
- Cobrança de contribuições de todos os Regimes.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

PUB.



MOÇÃO

— Considerando que o Governo AD demonstra bem a sua prepotência, o seu ódio às nacionalizações nas recentes arbitrariedades cometidas; nomeadamente, com a declaração da Rodoviária Nacional e outras empresas nacionalizadas em situação económica difícil e com o anúncio de medidas a curto prazo para a CP, TAP, etc.;

— Considerando estar na mira deste governo a intimidação dos trabalhadores e a retirada de conquistas alcançadas.

Os trabalhadores ferroviários da Oficina de Motorizados, reunidos em Plenário, durante a paralisação do dia 27-2-80, decidem:

— REPUDIAR TAIS MEDIDAS E EXIGIR A SUA REVOGAÇÃO IMEDIATA;

— SOLIDARIZAR-SE COM AS LUTAS DECRETADAS A NÍVEL NACIONAL CONTRA TAIS MEDIDAS.

APROVADA POR UNANIMIDADE!

MONTEPIO GERAL

Associação de Socorros Mútuos — Fundada em 1840

ASSEMBLEIA GERAL

Sessão ordinária

(a realizar, por motivo de obras no edifício da Sede, na Associação Comercial de Lisboa, na R. das Portas de Santo Antão, 89 — Lisboa)

Convoco os sócios para se reunirem em Assembleia Geral, no local acima indicado, no dia 18 de Março de 1980, pelas 17 horas.

Como para a Assembleia funcionar em 1.ª convocação é necessária, nos termos do n.º 1 do art. 175.º do Código Civil, a presença, pelo menos, de metade dos sócios, número que é de admitir não consiga alcançar-se, é designado o dia 27 do mesmo mês para a Assembleia Geral se reunir em 2.ª Convocação, às 19 horas, no mesmo local, podendo então deliberar qualquer que seja o número de presentes.

Dou conhecimento de que a sessão (2.ª Convocação) será dividida em dois períodos, o primeiro para leitura, discussão e votação da acta da Assembleia Geral, realizada em 20/12/79, e o segundo, com começo às 21 horas, que respeitará à seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Discutir o relatório, os actos e as contas da Direcção e respectivo parecer do Conselho Fiscal, referentes ao ano de 1979, da Caixa Económica de Lisboa, e deliberar a este respeito.
- 2 — Discutir o relatório, os actos e as contas da Direcção e respectivo parecer do Conselho Fiscal, referentes ao ano de 1979, do Montepio Geral, e deliberar a este respeito.
- 3 — Discutir e votar uma proposta apresentada pela Direcção, ao abrigo do n.º 8.º do art. 110.º dos Estatutos do Montepio Geral.
- 4 — Discutir e votar uma proposta apresentada pela Direcção, ao abrigo do n.º 12.º do art. 110.º dos Estatutos do Montepio Geral, para a constituição, pelo Montepio Geral e pela Caixa Económica de Lisboa, de uma sociedade medidora de seguros.
- 5 — Discutir e votar uma proposta da Direcção, ao abrigo do art. 156.º dos Estatutos do Montepio Geral.

Estão desde já patentes nos escritórios deste Montepio, de harmonia com o disposto no § 2.º do art. 103.º dos Estatutos, os documentos e livros respectivos.

Conforme disposições estatutárias, não podem fazer parte da Assembleia Geral, com excepção dos n.ºs 32 273, 32 274, 32 276, 32 284, 32 287, 32 288, 32 292 e 32 333, os sócios de numeração superior a 32 270.

Lisboa, 29 de Fevereiro de 1980

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

a) Fernando Cruz

AFRICA

Eleições na Rodésia: Mugabe confiante

Com a votação dos guerrilheiros no interior do país, terminaram ontem as eleições para a independência da última colónia britânica, a Rodésia.

Funcionários rodesianos, polícias e supervisores ingleses e duzentos observadores internacionais, assistiram à votação de cerca de 22 mil guerrilheiros, nos treze campos onde se encontram desde o cessar fogo de 4 de Janeiro passado, que pôs termo a sete anos de guerra.

«Há muito que esperávamos por este dia» — disse Charles «Bazzoka», um guerrilheiro da União Nacional Africana do Zimbábue, de Robert Mugabe, enquanto esperava, com cerca de três mil dos seus companheiros, o momento de votar, numa das assembleias móveis.

«Estamos certos de ter a maioria absoluta» declarou entretanto em Maputo Robert Mugabe, co-dirigente da Frente Pa-



Vestígios da antiga civilização do povo do Zimbábue

triótica e chefe da ZANU, à Rádio moçambicana.

Sobre os seus planos futuros para a Rodésia, Mugabe acrescentou que ia «certamente aliar-se» à ZAPU de Joshua Nkomo, o outro co-dirigente da Frente Patriótica, para formar Governo.

Por outro lado, o dirigente na-

Adeptos de Muzorewa votaram duas vezes

Os agentes de Muzorewa utilizaram nas eleições para o Parlamento da Rodésia um líquido especial que permitiu aos seus adeptos votar duas vezes, denunciou em Salisbúria, o secretário-geral da ZANU, Edgar Pekere.

Os eleitores rodesianos, de-

pois de votar, deviam passar o dedo por uma solução especial indicadora de que já tinham cumprido aquele acto. Segundo o porta-voz da ZANU-FP os homens do bispo Muzorewa fabricaram um líquido especial, à base de coca-cola e petróleo, que elimina aquela marca e permitiu a fraude eleitoral.

O comité central da ZANU-FP, reunido de emergência, decidiu apresentar ao governo britânico provas da fraude.

Segundo dados ainda incompletos, cerca de 70 por cento dos três milhões de eleitores da futura República do Zimbábue teriam ido às urnas.

mento» que prova, segundo o jornal, que Pretória vai mobilizar reservistas.

Este «documento», que chegou ao conhecimento do «Guardian», tinha sido dirigido no começo de Fevereiro, a um reservista da «Citizen Force», formada por homens que, após dois anos de serviço militar, são chamados regularmente a efectuar períodos de treino que variam de um a três meses. Trata-se de uma ordem «urgente e muito confidencial» assim redigida: «Os membros da unidade devem verificar todo o seu equipamento militar para estarem prontos a serem mobilizados em poucas horas».

e os resultados das eleições serão conhecidos na próxima terça-feira.

A AMEAÇA SUL-AFRICANA

Corroborando as opiniões de

Mugabe, o «Guardian» dá crédito aos boatos duma possível intervenção do Exército sul-africano com base num «docu-

Guiné Equatorial

Após a queda do ditador um novo «poder absoluto»

Apenas algumas liberdades foram restauradas na Guiné Equatorial após a queda e execução do ditador Macias Nguema, refere um relatório da Comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas, hoje apresentado em Genebra.

O documento, elaborado por Fernando Vollio Jimenez, da Costa Rica, afirma que as consequências da «ditadura sangrenta» são ainda sentidas pelo povo nas suas condições de vida, que são terríveis.

Vollio-Jimenez, com quatro ajudantes, visitou a Guiné Equatorial por duas semanas em Novembro passado (Macias foi executado em Setembro) e informou que o novo regime militar não apoiou adequadamente a missão da ONU.

O representante da ONU revelou ainda que o novo regime provisório «tem poder absoluto» e não liga importância à possibilidade de realizar eleições para um parlamento representativo com a participação livre dos cidadãos.

Denunciou ainda no mesmo relatório o facto de os trabalhadores das plantações de cacau trabalharem em «regime de trabalho forçado», o mesmo que existia sob Macias.

As mulheres sofrem a discriminação e o sistema judicial é baseado «na decisão política da elite militar no poder».

Sobretudo, afirma Jimenez, o governo deve realizar sem demora a tarefa de constituição de uma Assembleia Nacional.

AMÉRICA

Colômbia

«M-19» continua na Embaixada da República Dominicana

Vive-se uma intensa actividade diplomática em Bogotá para tentar resolver a grave crise que atravessa a Colômbia depois da tomada de reféns que ocorreu na quarta-feira na Embaixada da República Dominicana.

Depois da libertação de 18 reféns, mulheres crianças e feridos, gesto que os guerrilheiros do «M-19» consideraram como humanitário, os observadores consideram que o Governo colombiano poderá começar as negociações nas próximas horas.

O Governo publicou ontem à noite um comunicado anunciando que estava pronto a encontrar membros do comando de guerrilheiros numa camioneta

que estaria estacionada diante da embaixada dominicana na Avenida Número 30, uma das principais artérias da capital colombiana, que está fechada a circulação desde quarta-feira.

Ontem, o «Comandante Uno» responsável pela tomada de reféns afirmou ao jornal brasileiro «O Estado de São Paulo» que uma parte do objectivo da operação tinha sido atingido.

Numa entrevista telefónica, o «Comandante Uno» disse também que não tinha ainda enviado nenhum ultimato ao governo colombiano para a satisfação das exigências do comando.

Afirmou também que o embaixador brasileiro Geraldo Eulálio do Nascimento e Silva representa «um trunfo que é sem dúvida o mais importante» nas mãos dos guerrilheiros

George Kennan critica política externa dos EUA

George Kennan, conhecido historiador e diplomata norte-americano e ex-embaixador na URSS, considerou que o Governo dos EUA deveria rever a sua política em relação à União Soviética e renunciar ao «dictat, exigências e ultimatos».

Numa intervenção ontem pronunciada no Senado americano, o diplomata afirmou a necessidade de a Administração dos EUA ser mais razoável na definição da sua política e ter em conta, também, os interesses da outra parte. Kennan manifestou-se extremamente preocu-

pado com as declarações de diversos elementos do Governo a propósito da «necessidade» de intensificar a presença militar norte-americana no Médio Oriente. «Estas atitudes agravam ainda mais a tensão na região», sublinhou.

A propósito do Tratado SALT 2, Kennan afirmou que ele corresponderia inteiramente aos interesses nacionais norte-americanos. «A recusa de ratificar este documento será altamente prejudicial aos EUA», disse, a concluir, o diplomata.





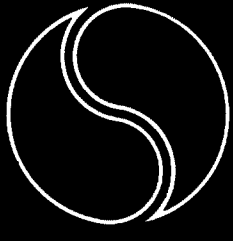

Somos uma companhia «nova».
Começámos há 365 dias;
Vencemos muitas barreiras
e estamos preparados
para saltar outras;
Nos anos 80,
conte com a nossa música!



















«CLAVE» - Castro, Paz & CIA, LD[®]
distribuidores exclusivos «ERATO»
para o norte do país.

«EDISCO» - LD[®]
distribuidores da «NOVA»
para o norte do país.

«MOVIEPLAY» - LD[®]
distribuidores exclusivos da «NOVA»
para o sul do país.

ASIA

Irão

Comissão da ONU
visitará os reféns

A comissão das Nações Unidas que procede a um inquérito sobre as queixas do Irão contra o xá deposto espera poder ser autorizada a visitar, este fim-de-semana, os reféns na Embaixada dos Estados Unidos, em Teerão.

Fontes afectas à comissão disseram ontem, à noite, que os seus membros aguardavam que, dentro de dois dias, se poderiam encontrar com todos os 49 norte-americanos sequestrados, há 119 dias, por estudantes muçulmanos que exigem a extradição do xá.

A especulação sobre um encontro com os cativos tem dominado a visita do cinco advogados da Argélia, França, Sri Lanka, Síria e Venezuela, desde que chegaram a Teerão, há uma semana, por incumbência do secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim.

Círculos próximos dos advogados disseram que os estudantes pareciam ter abrandado de atitude acerca da comissão como consequência da vigorosa condenação feita pelo grupo dos abusos cometidos durante o regime do xá.

Mohammed Badjaoui, da Argélia, co-presidente da Comissão, falou apaixonadamente, na quinta-feira, acerca dos «Extremos inimagináveis» a que chegaram as violações de direitos humanos sob o regime do xá e

prometeu que a comunidade internacional teria conhecimento delas.

Entretanto, o Conselho Revolucionário aprovou a noite passada a manutenção do sistema de duas fases eleitorais para a assembleia islâmica (Parlamento) apesar de críticas que têm sido feitas.

A primeira votação terá lugar em 14 de Março, com uma segunda nas áreas onde nenhum dos candidatos obtenha maioria absoluta na primeira votação, em 3 de Abril. Será a Assembleia então eleita que terá poderes, delegados por Khomeini, para decidir a libertação dos reféns.

EUA SABIAM

O governo dos EUA estava ao corrente das torturas praticadas pelos elementos dos serviços de segurança do xá sobre os presos, afirma no seu último número a revista norte-americana «Nation». Todavia, acrescenta a revista, desde há mais de 20 anos que os representantes oficiais americanos rejeitam publicamente aqueles factos.

Segundo dados fornecidos à revista por antigos agentes da CIA, especialistas americanos instruíram durante longos anos os agentes da Savak a conduzir interrogatórios e organizaram «seminários» especiais com esse fim em Teerão.

Índia

Arquivados processos contra
filho de Indira

O supremo tribunal de Nova Deli anulou ontem os processos contra o filho da primeira-ministra Indira Gandhi acusado de demolir casas e lojas, ilegalmente, durante o período de excepção (75/77) do anterior mandato de sua mãe.

O juiz Luthra disse que os processos já não são válidos por terem passado três anos sobre

as alegadas demolições.

A Polícia acusara Sanjay e dois outros indivíduos de terem conspirado e demolido as casas e lojas de camponeses ao longo da estrada que liga a capital a uma localidade a cerca de 25 quilómetros.

Sanjay recorreu para o Supremo Tribunal que agora anulou os processos.

EUROPA

Escândalo em Itália

Ministro recebeu
milhares de contos para a DC

Uma avalanche de interpelações no Parlamento e um sério golpe ao governo de Francesco Cossiga, são, de momento, as consequências mais relevantes do escândalo provocado pelo ministro italiano da Marinha Mercante que admitiu ter recebido dinheiro de um importante grupo empresarial.

Numa entrevista ao diário «La Repubblica», o ministro Franco Evangelisti revelou que ele e outros destacados membros da Democrazia Cristiana haviam recebido importantes somas de dinheiro dos irmãos Caltagirone, possuidores de um império de 90 empresas construtoras, 19 falidas em seis meses, e agora perseguidos pela justiça italiana depois de uma fraudulenta bancarrota.

O mesmo jornal noticia esta manhã declarações do presidente da comissão de defesa do Parlamento italiano, Giulio Caiati, que admite ter recebido 76 milhões de liras (cerca de 4,4 milhões de escudos) «sem saber que provinham dos Caltagi-

rone».

Entretanto, os dirigentes da Democrazia Cristiana negam rotundamente qualquer implicação do partido com estes factos. O governo terá, porém, de se submeter a um exame dos partidos de esquerda, numa sessão dedicada a este tema, prevista para a próxima semana.

Comunistas e radicais anunciaram que «Irão até ao fim e com todas as consequências», o que significa que as interpelações poderão transformar-se em moções e provocar um voto de desconfiança no Governo.

● ONU — A comissão de direitos humanos das Nações Unidas decidiu criar uma equipa de investigação para os casos de desaparecimento de pessoas, sobretudo na América Latina.

Um documento elaborado pela França e revisto pelo Iraque, Chipre, Costa Rica, Irão, Venezuela, Senegal, e Jugoslávia apela ao secretário geral das Nações Unidas, Kurt Waldheim,

O Partido Comunista Chinês (PCC) levou ontem a cabo a solene reabilitação do maior adversário de Mao Zedong, o antigo presidente Liu Shaoqui, e abriu a via para a sucessão do homem forte da China, o vice-primeiro-ministro Deng Xiaoping, de 76 anos.

Durante uma reunião de 6 dias, que terminou hoje em Pequim, o Comité Central do PCC aprovou por unanimidade uma moção que qualifica de «totalmente falsas e sem fundamento» as acusações lançadas contra Liu Shaoqui, que em 1968, um ano antes de morrer foi expulso «para sempre» do partido.

Esta bofetada na memória de Mao Zedong, cujo nome não foi contudo citado na moção do Comité Central, foi acompanhada pelo afastamento dos principais adversários de Deng Xiaoping.

A principal vítima desta operação foi Wang Dongxing, antigo guarda-costas de Mao, que era o sexto na hierarquia do PCC. Wang foi demitido de todas as suas funções dentro do partido e do Estado, assim como outros três membros do Secretariado Político: Wu De, antigo presidente do município de Pequim, o general Chen Xilian que, além disso, acaba de perder o seu posto de comandante da região militar de Pequim, e Ji Dengkui.

Dois dos mais próximos colaboradores de Deng, Zao Ziyang, de 61 anos, e Hu Yaobang, de 67 anos, foram promovidos para o Comité Permanente do Secretariado Político que reúne as pessoas mais poderosas da China.

Estas promoções, segundo pensam os observadores, inscrevem-se no quadro de uma operação iniciada com a recente nomeação do general Dezi para o posto de chefe de Estado Maior General do Exército chinês, função que até agora pertencia a Deng Xiaoping.

Enquanto que Hua Guofeng, de 59 anos, continua presidente do PCC e primeiro-ministro, o vice-primeiro-ministro, vítima duas vezes de afastamentos durante a revolução cultural (1966-76) está assim a colocar os seus homens de confiança tendo em perspectiva segundo

para providenciar toda a assistência necessária à comissão.

● IRLANDA DO NORTE —

Duas bombas, destruíram 20 autocarros e danificaram mais onze, às primeiras horas de hoje, num centro de recolha desses veículos em Belfast. A Polícia disse julgar que a ala provisória do Ira, lutando para acabar com a administração britânica na Irlanda do Norte, fosse responsável pelo atentado.

● HUNGRIA — A Hungria relançou

ontem a ideia da convocação duma «conferência europeia» para a «promoção do desanuviamento militar e a entrada em vigor de medidas capazes de reforçar a confiança, num comunicado divulgado no final da sessão da comissão central do PC húngaro, reunido na sexta-feira em Budapeste. De acordo com este comunicado, publicado pela agência MTI, «a situação actual exige a convocação de semelhante conferência no mais breve prazo».

Grandes remodelações no PC da China

Prossegue a “desmaoização”
Liu Shaoqui* reabilitado

os observadores, a sua retirada progressiva que ele próprio já referiu.

Mas a mais espectacular, se bem que esperada, decisão do CC do PCC, refere-se à reabilitação de Liu Shaoqui. Qualificado de «Krouchev chinês», Liu Shaoqui reencontrou o seu lugar entre os grandes dirigentes da História da China, 11 anos depois da sua morte em 1969 na sequência duma doença não tratada, provavelmente uma pneumonia.

A sua reabilitação já tinha sido realizada «de facto» pela imprensa chinesa, que voltara a mencionar o seu nome e lhe restituiu o título de «camarada». A sua mulher, Wang Gaungme actualmente directora do Departamento dos Negócios Estrangeiros da Academia das Ciências Sociais, tinha sido igualmente reabilitada há pouco mais de um ano.

A senhora Wang tinha sido perseguida durante a revolução cultural pela viúva de Mao Zedong que entretanto foi afastada e presa. Actualmente, esta última, encontra-se presa nos ar-

redores de Pequim e deve, em princípio, ser entregue à justiça durante o corrente ano como responsável do «Bando dos Quatro».

Os observadores também interpretam como sendo mais um passo na «desmaoização», a reconstituição dum secretariado do Comité Central cuja direcção foi confiada a Hu Yaobang. Este órgão, de enorme influência, tinha sido abolido por Mao em 1966, quando Deng ainda o estava a chefiar.

O Comité Central, que acaba de se reunir na presença de 201 membros permanentes e 118 suplentes, foi o quinto plenário desde o décimo primeiro Congresso do PCC. No termo dos trabalhos, os dirigentes decidiram reunir proximamente um novo congresso nacional. Esta reunião poderia oferecer a ocasião da Deng Xiaoping de fazer aprovar as medidas inscritas num discurso pronunciado no passado mês de Janeiro em frente «dos quadros». O texto desse discurso, intitulado «a situação e as tarefas actuais», não foi tornado público, mas segundo

meios bem informados, Deng insiste nele na necessidade de reforçar a disciplina entre os cerca de 40 milhões de membros do PCC.

No mesmo sentido aliás, o Comité Central decidiu apresentar uma «proposta» à próxima sessão da assembleia nacional popular sobre a abolição dos «dazibao»: cartazes de natureza política, protegidos pela Constituição e através dos quais os contestatários da «Primavera de Pequim» se deram a conhecer no ano passado.

* Liu Shaoqui e Mao Zedong a que aqui nos referimos, são evidentemente os antigos dirigentes chineses conhecidos como Liu Chao Chi e Mao Tse Tung. Acontece que uma reforma efectuada há alguns meses na China alterou a transcrição fonética das palavras chinesas em caracteres latinos. Assim, os nomes de quase todos os dirigentes passaram a ser transcritos de outra forma, mantendo-se normalmente o primeiro dos seus habituais três nomes, juntando-se os dois últimos numa só palavra e transcrevendo-os em caracteres latinos de uma forma diferente.

Afeganistão

Continuam os contactos diplomáticos

A Grã-Bretanha, apresentou formalmente à União Soviética um plano da CEE para que o Afeganistão fosse tomado neutro, anunciou ontem em Londres o Foreign Office que precisou que o plano fora apresentado ao embaixador soviético, em Inglaterra, Nikolai Lunkov.

Um porta-voz disse que altos funcionários apresentaram a Lunkov a «ideia britânica de um Afeganistão neutro e não-alinhado».

A proposta destinava-se a tornar o Afeganistão neutro, em troca da retirada das forças soviéticas. As esperanças americanas de que o Kremlin pudesse negociar a proposta cresceram nos últimos dias. O presidente soviético, Leonid Brejnev, disse que as tropas soviéticas abandonariam o país, quando tivessem cessado todas as formas de «interferência estrangeira» no Afeganistão.

O secretário de Estado norte-americano, Cyrus Vance, deu já apoio geral ao plano do Mercado Comum, que foi proposto pelo secretário britânico dos Estrangeiros, lord Carrington. Por outro lado, Cyrus Vance encontrou-se ontem com o embaixador soviético nos EUA Dobrynine.

A entrevista Vance-Dobrynine começou pelas 9 e 45 locais e durou trinta e oito minutos, soube-se do Departamento de Estado onde se indica que esta

entrevista deve ser considerada como integrada «numa série contínua de encontros».

O Departamento de Estado recusou-se a fazer qualquer outro comentário a respeito das especulações sobre a possibilidade dum futuro encontro entre Vance e o ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Andrei Gromyko.

EXECUÇÕES

A agência Tass desmentiu, ontem, citando a agência afegã «Bakhtiar», que se tenham registado execuções recentemente em Kabul, na sequência dos motins anti-soviéticos. «Não há uma única execução», afirma a agência soviética, referindo-se a declarações feitas à agência

«Bakhtiar» por «representantes da Segurança afegã». Entretanto, o presidente afegão, Babrak Karmal, autorizou a Cruz Vermelha a entrevistar prisioneiros políticos, a tratar dos feridos em combate e a procurar desaparecidos no Afeganistão disse ontem um funcionário da Cruz Vermelha, em Genebra.

A Cruz Vermelha havia pedido autorização a Karmal em 23 de Janeiro para proceder a buscas, ajudar vítimas e avistar-se com prisioneiros políticos.

Entretanto, as notícias sobre a situação em Cabul continuam a ser contraditórias dizendo uns que ela é completamente normal, e outros que ainda se registam «violentos distúrbios».

Naufrágio no mar da China

40 mortos e 200 desaparecidos

● Macaenses entre eles

Cerca de 40 passageiros de um barco chinês o «Twilight 401» morreram afogadas e 200 outros são considerados desaparecidos depois do navio em que se encontravam ter naufragado, quarta-feira, perto de San Pu, cerca de 100 km a sudeste de Cantão, soube-se ontem de fonte marítima em Hong Kong.

Segundo a mesma fonte, o

navio que tinha 300 passageiros a bordo e 40 membros de tripulação, afundou-se em consequência de um tornado que se registou ao largo de Cantão. Mais de 70 pessoas puderam ser salvas, acrescenta a mesma fonte.

A maior parte dos passageiros eram originários de Hong Kong e Macau.

MÉDIO ORIENTE

ONU “deplora”
política israelita

O Conselho de Segurança da ONU reúne-se esta tarde para votar um projecto de moção que «deplora profundamente» a persistência de Israel na sua política de estabelecimento de colónias de povoamento nos territórios árabes ocupados e lhe pede que renuncie a esta prática.

O projecto de moção submetido ao Conselho lamenta igualmente a decisão do governo israelita de proibir o presidente do município de Hebrón de ir a Nova Iorque para depor ante o Conselho de Segurança.

Entretanto, foram consideradas como «construtivas» as conversações entre os ministros egípcio e israelita da Defesa. Os dois políticos teriam dado «um impulso à normalização de relações entre o Cairo e Telavive».

GISCARD

O presidente da França, Giscard d'Estaing, inicia hoje, pelo Koweit, a sua primeira etapa de uma viagem de dez dias aos países petrolíferos do golfo e à Jordânia, coroada por uma escala

surpresa na Arábia Saudita. Recordar-se que o Koweit se tem recusado a uma política de alinhamento quer com Moscovo quer com Washington.

Entre os focos de tensão motivados pelo conflito israelo-árabe e pela alegada intervenção soviética no Afeganistão, o Koweit tem mantido uma posição de «terceira via», conforme a que tem sido defendida pela França. Daqui, provavelmente, a preferência de Giscard pelo Koweit. Preferência a que não será estranha a «relação petrolífera» entre os dois países.

Sara Ocidental

O quarto aniversário da RASD

Enquanto se comemora o quarto aniversário de proclamação da sua independência, a República Árabe Saraui Democrática (RASD) vive uma situação paradoxal: está em vias de ser reconhecida no plano inter-africano mas o seu território continua a ser contestado e a maior parte da sua população vive em exílio na região de Tinduf, no Sul da Argélia.

O êxodo dramático desta população resulta de uma escolha política feita pela Frente Polisário em resposta à «marcha verde» organizada pelo rei Hassan II de Marrocos em 1975, depois de a Espanha ter decidido retirar-se da sua antiga colónia. O objectivo da Polisário era então afastar esta população do controlo do Exército marroquino e fazer dela o «viveiro» da luta de libertação que começava e se anunciava de longo fôlego.

Um notável esforço de organização política e administrativa foi desenvolvido nos campos de refugiados para criar as instituições do futuro Estado, pelo qual

o movimento saraui combate desde que foi criado, em 20 de Maio de 1973. Um embrião de Estado funciona já com a sua administração central, as suas escolas, hospitais, oficinas de artesanato, armazéns de reabastecimento, registo civil, tribunais e segurança interior.

Apesar de uma aparência de desordem, o visitante estrangeiro depressa se dá conta de que a vida quotidiana destes campos de tendas espalhados pelo deserto obedece a regras não escritas, mas rigorosas e que são cumpridas. Os comités que animam estas aldeias do ponto de vista político e social estão omnipresentes.

A economia monetária não existe por agora. Os produtos disponíveis são distribuídos em função das necessidades, e o trabalho não é remunerado em dinheiro. Na ausência da maior parte dos homens, mobilizados para a luta armada, as mulheres desempenham um papel preponderante nesta economia de

penúria e de guerra. A maior parte do reabastecimento alimentar e dos fornecimentos em medicamentos vem do exterior (Argélia, Líbia, países escandinavos e organizações humanitárias).

No plano diplomático, depois de ter obtido da ONU o direito à autodeterminação e ao reconhecimento da Frente Polisário como «representante legítimo do povo saraui», a RASD prepara-se para pedir a sua admissão na Organização de Unidade Africana (OUA).

Segundo a Polisário, já se pronunciaram favoravelmente 20 países africanos dos 25 que são necessários para o seu ingresso na organização.

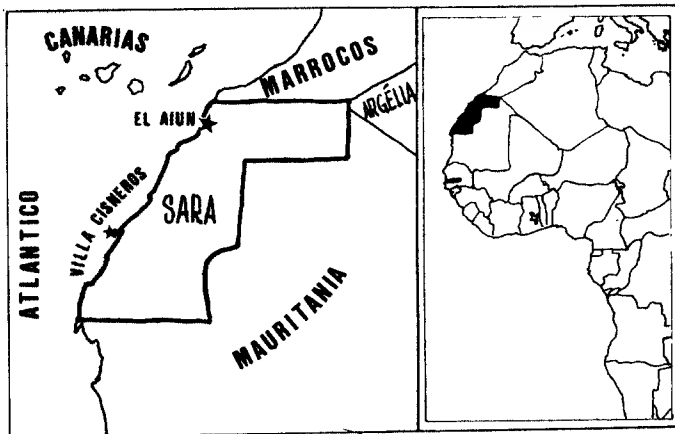
Fora do continente africano a República Sáraui já foi reconhecida por vários países entre os quais se contam o México, Cuba, Afeganistão, Nicarágua, Coreia do Norte e o Vietname. Na Europa Ocidental não foi reconhecida por nenhum país mas a Frente Polisário que é o sustentáculo político da RASD é reco-

nhecida pela Internacional Socialista, pelos principais partidos comunistas, bem assim como pela UCD do presidente do Governo espanhol, Adolfo Suarez.

Os países de Leste que se pronunciaram pela autodeterminação do Sara Ocidental, observam uma prudente expectativa em relação à Polisário e à RASD que ainda não reconheceram.

Pedra angular deste Estado, o Exército Popular de Libertação Saraui (ALPS) constitui uma importante força. Os seus combatentes dispõem de um armamento de fabrico soviético obtido essencialmente da Argélia e da Líbia e de armas ocidentais recuperadas aos seus adversários marroquinos. Os chefes das suas principais unidades combatentes são igualmente membros do Conselho do Comando da Revolução, órgão supremo do Exército, do partido (Polisário) e do Estado (RASD), presidido por Mohammed Abdelaziz.

BJORN AUGOT (AFP)



África do Sul

Relatório oficial acusa a Polícia pelos massacres de Soweto

A responsabilidade dos motins de Soweto, que provocaram a morte de centenas de negros, há quatro anos, pertence a polícia e ao sistema educacional da África do Sul, afirma o relatório ontem apresentado por uma comissão governamental.

O documento com 1200 páginas, elaborado pelo investigador oficial Petrus Cillie, foi ontem apresentado no parlamento sul-africano. Trata-se do primeiro reconhecimento público da responsabilidade dos brancos na rebelião que assolou o país durante oito meses, desencadeada pelos motins de 16 de Junho de 1976.

As leis de discriminação racial originaram o descontentamento e o ódio no subúrbio negro de Soweto, nos arredores de Joanesburgo, alastrando a frustração e o azedume dos «não brancos» por toda a África do Sul, especialmente devido à obrigação da utilização da língua «Afrikaans» como meio de educação, considera o relatório.

Cillie, afirma que havia sinais seguros de descontentamento algumas semanas

antes dos motins, quando 15 000 alunos negros se manifestaram contra o uso obrigatório da língua da classe dominante branca.

A marcha de protesto de Soweto inspirou boicotes escolares em todo o país Bantu, prossegue o relatório.

A polícia foi responsável pela morte e ferimentos de grande número de manifestantes, assim como se pessoas inocentes que não participaram nos motins, nomeadamente várias crianças atingidas por tiros de ricochete.

Entretanto, o brigadeiro Jan Visser, que comandou as forças da ordem durante os motins de Soweto, demitiu-se no sábado passado, alegando motivos de saúde.

O relatório indica que em Soweto, onde viviam 1,2 milhões de negros, morreram 254 pessoas, das quais 200 vítimas da polícia, tendo morrido mais 367 no resto do país e 3907 ficaram feridas.

Jornalistas negros que levaram a cabo a sua própria investigação apontam no entanto para um total de 700 mortos.

Uma horta no meio do deserto

Segurando uma chavena de chá de hortelã-pimenta, Mohame Salem Uld Salah de 27 anos, responsável por esta experiência, de uniforme verde sem indicação de posto, explica numa laboriosa mistura de francês e espanhol: trata-se duma experiência destinada a provar que é possível, mesmo com meios limitados, fazer nascer e crescer no deserto produtos hortícolas, contribuindo ao mesmo tempo para a alimentação da população, tributária do auxílio internacional.

Cerca de quarenta combatentes alternam-se em duas equipas, nas operações militares e nos trabalhos da horta. «Temos água que chegue, afirma Salem Uld Salah, mas o pior é o sal, que sobe

até à superfície e complica tudo. A luta contra o sal é mais difícil do que contra a areia. O sal pode estragar tudo».

Nos cinco hectares conquistados ao deserto em três anos, os hortelões «cultivam, cenouras, nabos, tomates, favas, ervilhas, cebolas, couves-flores, beterrabas e mesmo melancias e melões, sem falar da salsa, dos pimentos e da hortelã-pimenta, tão necessária para o sacrossanto chá, servido tradicionalmente a qualquer hora do dia ou da noite.

Quando o visitante estrangeiro pergunta como é que estes produtos são vendidos, Uld Salah abre um grande sorriso e explica: «aqui não se fala de dinheiro. Ajudamos

com o nosso trabalho os nossos irmãos e irmãs que estão nos acampamentos e nos hospitais, melhoramos a alimentação dos nossos combatentes e preparamos pessoas que saberão dirigir a nossa agricultura de amanhã, no nosso país».

Uma mancha verde entre as dunas de tom ocre claro. Miragem? ou será apenas a saudade que os olhos tem de tons verdes, quando cansados com a paisagem desoladora do deserto? nada disso. É realmente uma horta, que parece flutuar no meio dum imenso mar de areia, a sul de Tinduf, onde o povo saraui armou os seus acampamentos de lona, desde o seu grande êxodo do Sara Oc-

dental, em Novembro de 1975.

Nesta pequena zona, onde os dias de calor tórrido alternam com as noites de frio glacial, milhares de mulheres, crianças e velhos organizaram, em condições precárias, a sua vida quotidiana. Entretanto esperam a libertação definitiva do seu país, teatro duma guerrilha travada há quatro anos pelos homens armados da Frente Polisário.

Rodeado por dunas varridas por tempestades de areia, a horta encontra-se protegida por um pequeno muro de calhaus sobrepostos e uma fila de árvores. Uma bandeira saraui três tiras horizontais, preto, branco e verde, flutua no alto dum mastro.

PUB.



VIAGENS À REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ INSCREVA-SE JÁ!

Passe o 1.º de Maio na RDA

Excursão de 25 de Abril a 3 de Maio — 25 200\$00

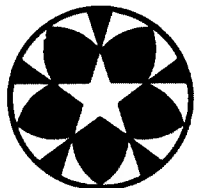
Nos meses de Junho, Julho, Agosto e Setembro

Excursões de 9 dias — 25 200\$00

Excursões de 14 dias — 28 700\$00

Nos melhores hotéis e com tudo incluído
Facilidades de pagamento

Dirija-se à
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-RDA
Praça José Fontana, 17, 4.º
1000 Lisboa — Telefone: 53 98 21/2
EM COLABORAÇÃO COM A AGÊNCIA



abreu

FORNECIMENTO DE GÉNEROS ALIMENTARES AO HOSPITAL DISTRITAL DA FIGUEIRA DA FOZ Concurso n.º 13/80 para o 2.º Trimestre de 1980

1. PRODUTOS DE ORIGEM VEGETAL

- 1.1 - Batatas
- 1.2 - Frutas
- 1.3 - Hortaliças e vegetais
- 1.4 - Legumes secos e cereais
- 1.5 - Massas alimentícias
- 1.6 - Arroz
- 1.7 - Açúcar
- 1.8 - Pão
- 1.9 - Doçaria e confeitaria
- 1.10 - Especiarias e diversos

2. PRODUTOS DE ORIGEM ANIMAL

- 2.1 - Carnes de talho
- 2.2 - Carnes de criação
- 2.3 - Produtos de charcutaria
- 2.4 - Lacticínios
- 2.5 - Ovos
- 2.6 - Peixe

3. PRODUTOS DE ORIGEM MINERAL

- 3.1 - Sal

4. PREPARAÇÕES CULINÁRIAS

- 4.1 - Sopas, purés, pudins e doces

5. GORDURAS ALIMENTARES

- 5.1 - Óleos e gorduras vegetais
- Óleos e gorduras animais

6. BEBIDAS E OUTROS PRODUTOS

- 6.1 - Águas minerais
- Sumos de fruta
- Cerveja
- Vinho branco
- Vinagre

Os Cadernos de Encargos estão patentes na Secção de Compras e serão enviados a quem os solicitar, indicando as preferências dos géneros que se propõem fornecer. As propostas, em papel selado, devem ser entregues no Serviço de Compras até às 15 horas do dia 13/3/80, em sobreescrito lacrado, com referência do Concurso no exterior, sendo abertas às 15 horas do dia seguinte, perante os concorrentes que queiram assistir.

SÓ HAVERÁ LICITAÇÕES VERBAIS EM CASO DE IGUALDADE DE PREÇOS.

H.D.F.F., 26 de Fevereiro de 1980

O CHEFE DOS S. ADMINISTRATIVOS
(APROVISIONAMENTO)
João Luis Marques Moreira

Canal da Crítica

Cartomantes, quiromantes

— tudo como dantes

MÁRIO CASTRIM

José Hermano Saraiva explicou ontem, com todas as letras, que as emissões de «O Acto e o Destino» não são lições, mas desafios mentais. O que não explica verdadeiramente nada senão o seu desejo de não transformar a câmara numa cátedra mas sim o de utilizá-la como arma de dinamização e de incentivo para o conhecimento da nossa realidade histórica.

Deverá dizer-se que muito tem feito nesse sentido. Leve-se-lhe ao activo a coragem de pegar, sem luvas de amianto, no carvão ardente do século dezanove. Motivos de polémica haverá. José Hermano nasceu para a controvérsia — quem sabe se até consigo próprio. Os especialistas na matéria lá se avenham com ele.

Mas lições, lá que as dá, dá. Como, por exemplo, quando apelava para o trabalho como fonte de salvação colectiva e para a recusa da escola internacional que se paga sempre por amargo preço. Correcto, se o trabalho estiver organizado de maneira que o seu resultado, a mais valia, reverta para a comunidade e não para quem dele se apropria. Caso contrário, chapeu.

Vasco Lourinho, correspondente da RTP em Madrid, comenta a marcha da Andaluzia para a autonomia. Refere o seu

elevado índice de analfabetismo, a chaga do desemprego, o rendimento per capita mais baixo de toda a Espanha. Esclarece que na Andaluzia «os latifúndios são uma realidade». Ou seja, muitos a trabalhar para enriquecer alguns.

Entendido?

Quanto ao mais, quanto à figura de Herculano, pairou a sensação de que José Hermano Saraiva não foi tão longe quanto gostaria de ir. Em primeiro lugar, supunho que por alguma incerteza quanto à formação ideológica e filosófica de Herculano. Em segundo lugar, talvez por considerar que tão pouco espaço na TV não lhe permitia grande (e indispensável) movimento. Finalmente, sei lá se por um certo receio de enfrentar os acérrimos herculanistas em fase de comemoração.

Hipóteses. Mora aqui perto uma bruxa e penso lá ir um dia destes para aclarar a situação. Caso me falhe a consulta, que imprevidentemente não marquei, recorro à televisão portuguesa. Ela conhece muitas. Bruxos, cartomantes, quiromantes, magos, curandeiros, médiuns, videntes, astrólogos, cosmólogos, sei lá. Sim, aquilo na TV é um grande centro cultural.

Em questão acabou ontem. Mas não quis entregar a alma ao

Criador sem contribuir para a felicidade dos portugueses. Já agora podia ter ouvido também um vendedor da banha da cobra. Ou há pluralismo ou comem todos.

Afinal de contas, a televisão portuguesa obedece à sua vocação mais genuína quando faz a propaganda de um curandeiro ou de um Carter. Mais bruxaria, menos bruxaria, o mundo da aldrabice é o mesmo. Uns resolvem por carta, bola ou pêndulo; outros resolvem por dólar, CIA, ou porta-aviões. A televisão em geral e Em Questão em particular, acha que todas as crenças são respeitáveis.

Crenças? Ou ignorância e miséria, por um lado, e especulação e negócio por outro? Infelicidade e exploração indecente dessa infelicidade? Não importa. Em Questão acha que tudo é respeitável. Escusava de o dizer. Nós já o sabíamos...

O programa correspondeu, na prática, a uma colossal montagem de propaganda. Enfim, a campanha obscurantista da Televisão ficaria incompleta sem esta visita ao mundo dos aldrabões. Que nisto de aldrabões, enfim, mais um, menos um...

O carácter «científico» da adivinhação por cartas vê-se naquela consulta da cartomante, com um diálogo assim:

— Tem tido desavenças?
— Não, não tenho.
— Se não tem, vai ter. Vejo aqui uma discussão violenta com alguém. É casado?
— Sou.
— Em que dia nasceu a sua mulher? Ah, também é «Balança»... Então dão-se bem.
— Damos, sim senhora.
— A sua mulher tem andado nervosa?
— Sim.
— Está com um princípio de esgotamento. Vejo aqui que o senhor vai ter promoção ou aumento.

Etc., etc. Trata-se inclusivamente, de uma cartomante que intê comunica com seres extraterrestres, e tudo. Pff. Isso também eu. Ontem aconteceu-me isso. Só depois reparei que eram linhas trocadas. Isto é um país de troca-tintas, perdão, de troca-linhas.

E já agora, quem diz cartas, diz carteiros. A Televisão deve mandar igualmente ouvir os carteiros. Primeiro, porque também é uma ciência oculta; segundo, porque é uma actividade muito mais arriscada; finalmente, porque é uma profissão muito mais séria.

Com esta emissão dedicada aos aldrabões e aos pobres ignorantes, a RTP não foi corajosa. Foi apenas coerente consigo própria.

Hoje



«Os Profissionais»

I PROGRAMA

- 15.30 Atletismo — transmissão directa, via Eurovisão, de Sindelfingen, da 1.ª jornada dos Campeonatos Europeus de Atletismo.
17.00 País, País-Magazine
17.30 I Série Internacional de Concertos — transmissão c 1.ª parte do 5.º concerto.
18.20 4300 Minutos
18.50 «Uma Casa na Pradaria»
20.00 Telejornal
20.45 O Prazer de Ler — um programa de Isabel da Nóbrega.
21.00 Coro Americano dos Nazarenos
21.30 Futebol — transmissão directa do Estádio do Restelo do jogo entre o Estoril e o Sporting de Braga, a contar para o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão.
23.30 «Os Profissionais» — mais um episódio desta série filmada.
00.30 Fecho

II PROGRAMA

- 18.45 Ano Propedéutico
20.00 Rugby — transmissão via Eurovisão, do Parque de Príncipes em Paris, da 4.ª jornada do Torneio das Nações, entre a França e a Irlanda.
21.30 Tal e Qual — programa de Joaquim Letria e Thil Krassman.
00.00 Fecho

GIL VICENTE

Cascais Telef. 280522

Sábado às 15, 17.30 e 21.30

— N. ac. men. 13 a.

GREASE (BRILHANTINA)

c/ John Travolta e Olivia Newton John

Sábado às 24 — N. ac. men. 18 a.

O COMBOIO DO TERROR

c/ Christopher Lee, Peter Cushing e Telly Savalas

Domingo às 15, 17.30 e 21.30

— N. ac. men. 13 a.

GREASE (BRILHANTINA)

c/ John Travolta e Olivia Newton John

FOTOCÓPIAS

DESDE \$60

Encadernações, plastificações e trabalhos em offset

Discoteca Filinto

Av. 5 de Outubro, 53-A
Telefone 535040

AMORTECEDORES

Reparo e Reconstrução todas as marcas, com garantia

MENDES Telef. 76 84 23

R. Capitão Ramires, 2-A
(Ao Campo Pequeno)

REPRESENTANTE dos amortecedores - J.M. FILIAL

Av. Gomes Pereira, 61-B (A Benfica)

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

HOJE ÀS 21.45
AMANHÃ DOMINGO
ÀS 16 e 21.45 H.NA
ACADEMIA
ALMADENSE
TELEF. 2752127

DORA LEAL e JOSÉ VIANA

na comédia de

JORGE DIAZ

«A ESCOVA

DE DENTES»

numa encenação de
FERNANDO GUSMÃOBILHETES À VENDA PARA
AMANHÃ, SÁBADO, 1 às 21.45
e DOMINGO, 2, às 16 e 21.45h.

GRUPO DE TEATRO

APRESENTA P/TODOS

«Ó MÃE, DEIXA-ME

IR VER O AI AI

MINHA MACHADINHA»

— CRIAÇÃO COLECTIVA —

NA COMUNA

(à Praça de Espanha)

Telef. 76 26 24

SÁBADO — 15h30

DOMINGO — 15h30

Amanhã

I PROGRAMA

12.15: Eucaristia Dominical; 13.05: Lúculos e Bróculos; 13.25: Vivemos — Associação de Surdos do Porto; 13.55: Sumário; 14.00: Atletismo — transmissão directa, via Eurovisão, de Sindelfingen da 2.ª jornada dos Campeonatos Europeus de Atletismo; 16.45: TV Rural; 17.30: Arte e Manhas; 18.00: «Os Cinco»; 18.25: Imagens da Solidariedade; 19.00: Grande Encontro; 20.00: Telejornal; 20.35: O Prazer de Ler — um programa de Isabel da Nóbrega; 20.50: Festival de S. Remo; 22.15: «Desporto e Violência» — grande metragem; 00.00: Fecho.

II PROGRAMA

20.30: Estádio — a informação circunstanciada dos acontecimentos do fim-de-semana desportivo; 21.30: A Par e Passo; 22.30: Sheiks com Cobertura — 4.º programa; 23.30: Fecho.

GRUPO DE CAMPOLIDE • ACADEMIA ALMADENSE

A QUEDA DUM ANJO

HOJE — PENICHEIROS — BARREIRO

SUB. SEC.



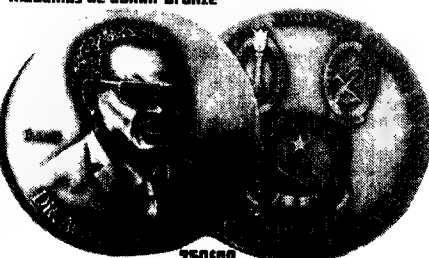
atelier BELO MARQUES

R. da Trindade, 5-2º dto T:371254-Lisboa



CAMARADA DR. AGOSTINHO NETO

Medalhas de 80mm Bronze



250500

ENVIO À COBRANÇA

"O Principezinho" no TNT

«O PRINCIPEZINHO», de Saint-Exupéry. Dramaturgia: Companhia do T.N.T. Encenação coordenada por Delfim Braz. Assistência: Isa Pedro. Direcção Plástica: Jorge Rocha. Assistência: Mané A. Sousa. Sonoplastia: Eduardo Cruz. Canções: — Letra: José Fanha. Música: Gil Nave. Direcção Coral: Domingos Moraes. Interpretação: Ilda Roque, Pedro Meireles, Jorge Tomás, Cristina Santos, M. Martins, Zé Proença, Elisa Vieira, Maruga, Maria José Abreu. Teatro do Nosso Tempo. Estreia: 22-2-1980.

o seguinte esclarecimento: «Ao estrearmos esta peça e após vários adiamentos, sentimos dever uma explicação. Este teatro, que foi subsidiado em 1979 pela S.E.C., desconhece ainda neste momento a decisão do Secretário de Estado da Cultura acerca do subsídio para 1980, cujo pedido foi em devido tempo apresentado e alicerçado numa proposta de trabalho concreta e quantificada, para um período de dois anos (1980-81). Com despesas de funcionamento fixas da ordem dos 70 000\$00 mensais, este teatro encontra-se completamente impossibilitado de satisfazer os sa-

lários dos 18 profissionais e estagiários ao seu serviço. Este espectáculo é assim, o resultado do sacrifício dos salários de Dezembro de 1979. Não podemos, por tudo isto, deixar de tornar público um vigoroso protesto contra as condições de trabalho em que somos forçados a exercer a nossa profissão! Depois de mais esta prova da mudança, no sector do teatro, passamos ao espectáculo. O célebre texto de Saint-Exupéry é uma velha tentação para os homens de teatro. Trata-se de uma história de que as crianças aparentemente gostam, embora se possa pôr em dúvida a acessibilidade de alguns dos seus conceitos. Trata-se de uma história rica sob o ponto de vista de imaginação e

contada numa linguagem poética que parece facilmente transponível para o palco. Pela minha parte, tenho dúvidas sobre as aparentes «facilidades cénicas» do texto. O T.N.T. optou por um esquema em que um narrador se serve das palavras do autor enquanto outras personagens, incluindo o pequeno príncipe, ilustram essa descrição. Saindo da situação, os actores interpretam algumas canções escritas por José Fanha e Gil Nave, exprimindo pontos de vista fundamentados no próprio texto. A meu ver, uma adaptação teatral do texto de Saint-Exupéry exigiria um outro tipo de trabalho: a criação de uma realidade cénica que exprimisse, teatralmente, os valores literários do texto. Aquilo que a O.T.C. fez

com os textos de Cecília Meireles, «Ou Isto ou Aquilo». Os poucos recursos de que o T.N.P. dispõe, como vimos pelo texto transcrito, e alguma carência de capacidade inventiva, apesar do bom trabalho de Jorge Rocha, impediram que o espectáculo ultrapassasse o nível mediano e simpático que atinge. Espectáculo para adolescentes, mais do que para crianças, em que os adultos recordarão um texto que porventura um dia os comoveu (como se sabe, trata-se, contudo, de uma obra que nem todos os leitores aceitam sobretudo aqueles que se movem na área do surrealismo). Um grupo de jovens intérpretes com a vontade e boavontade transmitem o texto com clareza, o que é uma virtude a ter em conta.

Festival da Canção

Os ensaios para a final do Festival da Canção da RTP, iniciam-se-ão na segunda-feira, no Teatro São Luís, em Lisboa. Nesse mesmo dia, os jornalistas que normalmente fazem a cobertura do Festival escolherão a revelação de 1980. A final do Festival da Canção, que marca o início da TV a cores em Portugal, realizar-se-á a 7 de Março. O programa deverá durar entre três a quatro horas, incluindo o espectáculo das brasileiras «As Frenéticas», que serão as primeiras a surgir no écran. Por outro lado, segundo a RTP, o uso do smoking já não é obrigatório para a «noite colorida». «Não existe qualquer espécie de condicionamento a um tal tipo de traje» — diz um comunicado da RTP — segundo o qual «a RTP não faz questão que seja smoking». «O que mais interessa é que o ambiente sempre 'sui generis' de mais este Festival da Canção seja criado por intérpretes e assistentes» — acrescenta.

A Fundação

Há pouco mais de um mês realizaram-se eleições na Fundação Calouste Gulbenkian para os Estatutos do Conselho de Trabalhadores. Surpreendentemente — para alguns... — ganhou uma lista conhecida por «unitária de esquerda». Coisa que ali não se verificava desde Novembro de 75.

Vai daí, a Comissão Administrativa, onde pontificam individualidades como o dr. Sá Machado e o eng.º Guimarães Lobato, estipulou em acta que não reconhece os Estatutos aprovados «porque

a Fundação não é uma empresa».

Esta decisão caiu que nem uma bomba entre os cerca de 1100 trabalhadores da Gulbenkian (operários, bailarinos, músicos, investigadores e outros) que perguntam espantados:

«Mas se a Fundação não é uma empresa, porque é que nós pagamos os impostos complementar e profissional como qualquer trabalhador de uma empresa?».

Que responda quem souber. E quiser, obviamente.

Espectáculo beneficente no Cadaval a favor da terceira idade

Vai realizar-se hoje no Cadaval um espectáculo de variedades cuja receita reverteá, integralmente, para o «Abrigo», um lar da terceira idade recentemente constituído naquela vila.

A festa decorrerá nas instalações da Cooperativa Agrícola dos Fruticultores do Cadaval, contando com a colaboração graciosa dos Parodiantes de

Lisboa, Cândida Branca-Flor, a nova intérprete das criações de Beatriz Costa, Manuela Bravo, representante de Portugal no Festival Eurovisão da Canção de 1979, os Maranata, originais adaptadores de «Aleluia», Gabriel Cardoso e o seu «show», Cecília Cardoso, expressiva cançonetista de melodias populares e David, o «Travolta» português. O espectáculo será

apresentado pelo locutor Polícarpo de Freitas, finalizando com baile ao som do conjunto «Actualidade». Deve-se a iniciativa ao levantamento recentemente efectuado no concelho e ao elevado número apurado de pessoas da terceira idade sem quaisquer recursos. Os bilhetes para o espectáculo encontram-se à venda na vila do Cadaval.

Romance inédito de Eça quase esgotado antes de ter saído

Antes mesmo de ter vindo ao público, «A Tragédia da Rua das Flores», romance inédito de Eça de Queiroz que deverá ser lançado em Abril pela Moraes, já tem praticamente esgotada a 1.ª edição, o que faz prever que irá transformar-se num dos maiores êxitos editoriais dos últimos tempos.

Na verdade, a editora tem sido praticamente «assaltada» com pedidos de reserva de exemplares desta 1.ª edição. Assim, os leitores interessados no livro já sabem: devem dirigir-se rapidamente à Moraes e reservar o seu exemplar.

O texto do romance, confiado pela família de Eça a dois conhecidos especialistas, o prof.

João Medina e o arquitecto Campos Matos — autores ambos de diversos estudos ecistas — foi objecto de dois anos de árduo e paciente labor para que ficasse de um rigor e de uma seriedade indiscutíveis. A obra, anotada pelos referidos especialistas, apresenta-se ainda com um prefácio que situa o seu significado no contexto da obra de Eça, sendo devidamente anotada para explicar as dificuldades levantadas — e resolvidas — por um original com cerca de 690 páginas manuscritas. Enfim, «restaurado» com todo o esmero e competência necessários: o romance vai agora ser dado ao público que há mais de 50 anos não tinha o prazer de saborear um inédito de Eça de Queiroz.



Eça de Queiroz retratado por Rafael Bordalo Pinheiro

Em Madrid Filme franquista gera controvérsia

MADRID. — (do nosso correspondente, Fernando Jauregui) — Estreia-se hoje em Madrid um filme que está a provocar acesa polémica. Trata-se de «E ao Terceiro Dia Ressuscitou». Esta película é baseada na novela com o mesmo título, do escritor franquista Fernando Vizaín Casas, que foi «best-seller» em Espanha e em Portugal, a despeito da mediocridade das suas obras. Em «E ao Terceiro Dia Ressuscitou» apresentam-se algumas situações de regresso ao passado motivadas por uma resurreição do ditador Franco, o que coloca em sérios apuros alguns dos seus mais íntimos colaboradores que se haviam convertido à democracia.

Foi realizador deste filme o director cinematográfico Rafael Gil, também franquista. A película, que está a provocar controvérsia, será estreada amanhã, com a presença de notórios franquistas. Alguns observadores fazem notar o facto de esta estreia coincidir precisamente com o ressurgimento da ultradireita em Espanha e com o espedaço veredicto do Tribunal de Atocha, veredicto que pode provocar uma violenta reacção dos «ultras». Em todo o caso, a estreia de «E ao Terceiro Dia Ressuscitou» dará possibilidades à ultradireita de congregar-se e manifestar-se, facto que o Governo procura evitar por todos os meios.

"Novo Teatro" ensaia "D. João"

«O Novo Teatro» tem em ensaios um espectáculo sobre o mito de D. Juan, criado pela primeira vez para o palco, pelo autor espanhol Tirso de Molina, com a peça intitulada «El Burlador de Sevilla o el Convidado de Piedra». A personagem de D. Juan e das suas aventuras amorosas, ganhou grande popularidade, a partir da estreia da peça de Molière, «D. João ou o Festim de Pedra», estreada em 15 de Fevereiro de 1665, no Palais Royal. Outros autores tomaram este mito imortal, sobretudo Mozart, com a ópera «D. João», recentemente cantada no Teatro S. Carlos. Entre nós, António Patrício escreveu «D. João e a Máscara», que serve de base à criação de «O Novo Teatro», num espectáculo encenado por José Gil. Também o cinema acaba de tratar o tema de D. Juan, num filme de Losey, sobre a ópera de Mozart, a estreiar brevemente em Lisboa. No ano passado, constituiu um êxito, em Paris, a encenação de Antoine Vitez, numa co-realização do «Théâtre des Quartiers d'Ivry», «Théâtre de la Porte Saint-Martin» e do «Festival de Outono», para «D. Juan», que foi interpretado por Claude Bracq.

Carlos Porto

OS VERDES ANOS DA REPÚBLICA DE 1910

Continuação da pág. 3
aprender por si próprio...

— E o pai?
— Escutava, e sorria. Ai o Marcelo disse-lhe: — Então o senhor não reconhece quanto mudou depois de ter passado um ano lá fora, entre Paris e Londres? Pois eu, seu filho, mudei apenas nas três semanas que vivi a bordo, em pleno mar. — Mas tu, perguntou-lhe o pai, o que queres ser então?
— E ele?
— Quero ir para a Marinha! O senhor concorda? — Então o pai muito calmo, muito tranquilo, respondeu: — E receias que eu queria contrariar-te? Mas foste tu que, no ano passado, te recusaste a ir para a França, durante a guerra...
— E ele?
— Respondeu assim: — Eu não quis ir, para não ter as regalias de ser filho do meu pai.
— Mas se queres ir para a Marinha também é fácil. Espera uns dois meses. Deixa que o José Relvas caia, e volte para Alpiarça, de onde nunca devia ter saído e com

um novo Governo verdadeiramente republicano, tu podes conquistar pelo teu esforço, uma bonita carreira na Marinha de Guerra, se é isso o que tu queres...
— E ele o que respondeu?
— Sim, é isso que eu quero, meu pai. Porque depois de ter uma filha casada com o Presidente do Banco de França, o senhor não lhe fica mal, daqui a vinte anos, ter um filho almirante da nossa Armada.
— E eles?
— Eles? Abraçaram-se a rir.

Aí, tocou o telefone. Era Marcelo. Falou com a irmã. Quis que eu atendesse, e disse: — Ó pá, desculpa, mas esta manhã o Prestes Salgueiro levou-me com ele ao Presidente da República que, a certa altura, indagou: — «então o senhor D. Manuel não estava a bordo desse navio holandês?» Mas agora estou no gabinete do dr. José Relvas, aqui no Ministério do Interior. A situação não está boa. Anda por aqui gente do Cunha Leal

disposta ao pior. Vem ter comigo. Ou então eu espero-te lá em baixo, na arcada. Mas não demores, pá.

MAIS uma vez Cunha Leal, com sua oratória, demolidora, empurrara para o Terreiro do Paço, a credibilidade dos seus admiradores, aos gritos, de **Abaixo o Governo!** Morra José Relvas! Mas desta vez a exacerbação era maior. E em volta, nas ruas próximas, São Julião, Capelistas, Praça do Município, iniciavam-se violentos tiroteios entre a polícia, e aqueles que se ufanavam da própria rebeldia: — **Morra a Polícia!** Aqui e ali rebentavam bombas. Na rua do Arsenal a polícia de armas na mão atirava a esmo. Lá, em cima, no seu gabinete do Terreiro do Paço, José Relvas despedia-se do tenente Prestes Salgueiro, e do seu companheiro Marcelo, com quem acarara de conversar. E quando, aberta a porta, os dois iam saindo, viram-se rodados por braços de armas na mão. Salvou-os a farda

de Prestes Salgueiro, e a sua fama de herói republicano. Alguém, então, deu vivas à Marinha. A custo começaram descendo a profunda escadaria de degraus de pedra. Foi quando perceberam vindo do lado dos Correios, um bando de armas na mão, aos tiros. Seria o fim se um inesperado pelotão de cavalaria, da Guarda Republicana, fustigando uns e outros com as suas espadas, não tivesse aberto uma clareira diante da escada do Ministério. Mas o tiroteio não parara. Estavam, é certo, agora sob as arcadas. Mais tiros sem rumo voavam de um lado para o outro. E de repente alguém viu Marcelo levar as mãos ao peito e cair de bruços sobre o chão. Estava morto.

QUANDO cheguei já nada havia a fazer. Vi ainda um carro da Cruz Vermelha que levava o corpo de Marcelo. Prestes Salgueiro, de lágrimas nos olhos, deu-me um abraço. Só os nossos olhos falavam. Afastei-me. Atravessei a

praça. Ao chegar junto ao cais sentei-me no muro de pedra. Barcos e fragatas passavam ao longe. Escondi o rosto entre as mãos. De súbito ouvi um diálogo não longe de mim:
— Não foi nada. Amanhã não se fala mais nisso. Feridos ficaram muitos. Mas de mortos sei só de um...
— Eu também. Um rapaz do grupo 14 de Maio, filho do chefe da carbonária no tempo de Afonso Costa.
— Isso mesmo. Esse garoto era um pequeno demónio...
De novo o silêncio. Então, ouvi uma voz, doce como a de Inês, dizer baixinho:
— Não. Não era um pequeno demónio. Era um anjo que a estas horas já deve estar batendo nas portas do céu.

Fim do 22.º Capítulo
A seguir:
23.º Capítulo: AS DUAS FACES DA MESMA MOEDA

Benfica: direcção não caíu

A assembleia geral do Benfica aprovou esta madrugada, por 6790 votos contra 2273, uma moção de confiança à direcção presidida por José Ferreira Queimado. A assembleia, reunida entre as 21 horas de ontem e as cinco de hoje, discutiu o actual momento do futebol do clube e reiterou a confiança na actual direcção.

A votação foi decidida pelos sócios com mais de dez anos, que tiveram direito a 20 votos cada um. Os sócios com mais de dez anos votaram 6720 a favor e 2240 contra (correspondendo a 448 sócios) e os restantes, com direito a um sufrágio cada, aprovaram também a moção por 70 contra 33.

O presidente benfiquista, José Ferreira Queimado afirmou que o voto de confiança recebido da assembleia geral «redimiu o mau serviço que alguns sócios prestaram ultimamente ao clube».

No final de nove horas de reunião, Ferreira Queimado agradeceu a confiança da maioria dos associados, afirmando que o seu sacrifício lhe dera forças para continuar no cargo.

«É sempre agradável receber uma prova de confiança, mas tenho que manifestar o meu desacordo em relação às campanhas desencadeadas por alguns sectores, as quais considero nefastas para o Benfica.»

O chefe do departamento de futebol (Romão Martins) anunciou que, apesar do voto de confiança, só tomará uma decisão sobre a sua continuidade ou não à frente do futebol benfiquista, «nos próximos dias». «Tenho que pensar muito sobre o assunto», disse Romão Martins. «Manifestei a minha opinião favorável à profissionalização do sector, mas nunca seria candidato, pois não admito ser remunerado pelo Benfica.»

O presidente da assembleia geral (o juiz dr. Adriano Afonso) considerou a reunião como «um exemplo de que as divergências e discrepâncias não desunirão os benfiquistas, que continuam a ser um só».

Romão Martins classificou a forma viva como a assembleia decorreu de «demonstração da grande vitalidade que o Benfica possui».

JOGADORES À BAILA

Antes da votação da moção de confiança proposta pela Direcção cumpriu-se apenas a primeira alínea do ponto de abertura da ordem de trabalhos: apreciação da política geral do clube em futebol. Depois de interpelada por diversos associados acerca dos problemas que têm afectado o futebol do clube, a direcção respondeu, por intermédio do chefe do departamento de futebol (Romão Martins) e do vice-presidente Helder Viegas.

«Foi impossível segurar Jordão (que queria muito dinheiro) e não podíamos concordar com as condições contratuais ilegais exigidas por Artur e Nelinho», afirmou Romão Martins. «Eurico e Fidalgo saíram do clube devido à sua condição de suplentes, embora o primeiro tivesse manifestado posteriormente o desejo

de se desligar do compromisso com o Sporting, o que foi impossível de concretizar. Foi ganhar mais 30 contos mensais».

«Laranjeira e Botelho (segundo Romão Martins) apareceram no clube para a manutenção de um lote de jogadores à altura das necessidades e para mostrar que o Benfica não quer guerra, mas também não a teme. Têm categoria e traquejo».

O dirigente benfiquista explicou depois que a contratação do brasileiro César «Não ficou a dever-se ao inquérito, mas sim ao pedido de um ponta-de-lança de classe, feito por Mário Wilson, devendo-se a sua chegada em Dezembro por só nessa altura terminar o campeonato brasileiro e se terem gorado negociações com um dianteiro europeu».

Romão Martins revelou que o clube gastou mais um milhão de escudos com as aquisições do que a verba cobrada pela «venda» de João Alves ao Paris Saint Germain (França).

«Continuo convencido (disse) de que o Benfica não precisava de um preparador físico e penso que é nesta altura da época que os jogadores tiram melhor proveito do seu trabalho».

CHALANA: «CONTRAPROPOSTA INCOMPORTÁVEL»

Pressionado por alguns associados a revelar o andamento das negociações actuais com alguns jogadores, Romão Martins afirmou que a renovação do contrato de Humberto Coelho está praticamente garantida, apenas faltando a assinatura.

«O contrato de Shéu também foi revisto e prorrogado até 1981-82, Pietra é do Benfica até 1982 e Chalana apresentará uma contraproposta incomportável, mas que poderá ser repensada, para renovar até 1983», anunciou o dirigente.

Romão Martins afirmaria que o clube «está financeiramente bem» (oitenta mil contos de lucro nos últimos três anos), «embora por vezes surjam problemas de tesouraria, colmatados pelos directores, que são reembolsados na altura devida».

Entre aplausos e vaias, Romão Martins lá ia esclarecendo a plateia, sabendo-se, a certa altura, que foi do seu bolso que saiu importante verba emprestada a Humberto Coelho para resolução de um caso pessoal.

Neste momento, o panorama futebolístico dos profissionais

benfiquistas é o seguinte: cinco terminam o contrato este ano, três em 1981, oito em 1982 e nove em 1983.

INQUÉRITO LACRADO

Quanto ao inquérito ao futebol clubista, o vice-presidente Helder Viegas (um dos inquiridores), afirmou que as declarações recolhidas não justificaram a instauração de processos disciplinares e a hipótese de racismo não passou de boato.

A montanha pariu um rato (afirmou Helder Viegas). As declarações dos jogadores revelaram a defesa intransigente dos interesses do Benfica por parte de Romão Martins, enquanto Mário Wilson tem cumprido perfeitamente, quer nas relações humanas, quer no campo físico-técnico.

A Comissão de Inquérito recolheu as opiniões de todos os membros do departamento (à excepção do jogador Pietra) as quais se encontram fechadas em envelope lacrado, só podendo ser reveladas depois de todos se encontrarem desligados do clube, explicou Helder Viegas.

RACISMO: SIM OU NÃO?

Logo na abertura dos trabalhos da assembleia, Ferreira Queimado espraçou-se em longa dissertação, amiúde bastante ovacionada. A determinada altura, revelou que a obra que o Benfica pretende implantar nos seus terrenos orçará por um milhão de contos, dispendidos em 12 mil metros quadrados de terreno.

Porém, o futebol é que seria a dominante da arrastada sessão.

Se tivéssemos, logo no início da temporada o ponta-de-lança que Mário Wilson pretendia e um preparador físico, estávamos na «Taça Uefa» e à frente do nacional (Alves de Carvalho). E o mesmo associado focaria declarações públicas de Alberto: o inquérito teve intenções racistas (dissera o defesa «encarnado», certamente focando o seu caso, de Reinaldo, Sheu e Alinho).

LOUCURAS DE CONTRATOS AFRONTAM TRABALHADORES PORTUGUESES

Só há assembleia porque se perdeu com o Boavista (José Craveiro). Fazem-se loucuras de contratos que são ofensa para um país com tantos milhares de desempregados (Adalberto Barbosa). Se o jogador de futebol ganha mais do que qualquer outro trabalhador português, também tem de cumprir mais do que qualquer outro trabalhador português (Gualdino Dinis). Benfica não ganha campeonatos com Ferreira Queimado à frente (José Araújo, que diria ainda: Chalana faz mais falta ao Benfica que Humberto).

Palmas ou assobios iam rodeando a intervenção deste associado benfiquista, protestos (até) que se tornaram maiores quando ele citou Artur Jorge como pessoa conhecedora para ser profissional do Departamento de Futebol do Benfica.

O dr. juiz Adriano Afonso reafirmou a assembleia, que estava incandescente. Mas os desabafos continuaram: As camélias do clube não são apenas para os jogadores fazerem propaganda política (Vitor Teodoro, falando de uma intervenção de Humberto na campanha eleitoral da AD na RTP). Jose Maria Vidigal diria que há falta de indis-

ciplina nos sócios do clube, o que, como se calcula, desencadeou uma tempestade de gargalhadas.

EUSÉBIO LEMBRADO

Se o Eusébio estivesse hoje no clube pedia o Estádio da Luz para assinar contrato (José Gomes, seccionista de hóquei patinado). Mais algumas intervenções e Romão Martins iria para o microfone, já depois de um bloco de assistentes ter ficado afastado da fala pública, por se ir extinguindo o tempo condicionado para as discussões.

Se não fosse o azar de Chalana na Póvoa, talvez tivéssemos ganho esse jogo, talvez tivéssemos ganho ao Boavista, talvez estívéssemos no 1.º lugar do campeonato, talvez não tivéssemos havido esta assembleia.

Mas, sosseguem: Chalana ainda tem mais dois anos de contrato com o Benfica (...) Pietra está contratado até 1982 mas anda tentado pelas liras.

As tantas da madrugada principiou o escrutínio: já passava das cinco da manhã quando a confiança voltou a envolver a mesma direcção que, antes, fora cercada de flechas.



Romão Martins: «nunca fui corbarde; por isso aqui estou»

Nacionais de Futebol

Porto repousa concorrência agita-se

As 16 horas de hoje, com o Belenenses - Sporting de Espinho, no Restelo, prossegue o «complicado» campeonato nacional de futebol da divisão superior que, logo, pelas 21 e 30 (com transmissão directa pela RTP) terá novo prato forte no Estoril - Sporting de Braga, igualmente a desenrolar no parque de jogos dos homens do Restelo (por ser deficiente a luz no «António Coimbra da Mota», a impedir a reportagem televisiva).

Por seu lado, também a 2.ª divisão tem hoje dois espectáculos: Salgueiros - Riopole (15 horas) e Famalicão - Fafe (16). Quanto à divisão n.º 3, haverá, igualmente dois embates: Santa Clara (Açores) - Pero Pinheiro (15 horas) e Anadia - Carapinheirense (18). Já agora, para não fugir à linha, os juniores também estão envolvidos no «futebol de sábado». Na zona A: V. Guimarães - Chaves, às 15.30 h. Zona B: Oliveirense - Anadia, às 15.30 horas. Zona C: Portalegrense - Alferrarede, às 16 horas. Zona D: S. Luís - Zona Azul, às 16.30 horas; Estrela de Vendas Novas - Atlético, às 15 horas - e Almada - Sporting às 16 horas.

Amanhã, porém, é que o torneio maior se «incendeia». Ora veja-se o cartaz, aprazado para iniciar-se a cumprir pelas 15 horas: FC Porto - Rio Ave; Beira-Mar - V. Setúbal, V. Guimarães - Benfica, U. Leiria - Portimonense, Sporting - Boavista e Varzim - Marítimo.

Igualmente às 15 se desenrola a 2.ª divisão. «Placard» para o Norte: Gil Vicente - Amarante, Lourosa - Paredes, Feirense - Leixões, Bragança - U. Lamas, Penafiel - Prado e Paços Ferreira - Chaves.

Centro: Covilhã - Ac. Viseu, Portalegrense - U. Coimbra; Oliveirense - Alcobaca, U. Santarém - U. Tomar, Torriense - Oliv. Bairro, Nazarenos - E. Portalegre, Ac. Coimbra - Mangualde e Naval - Caldas. Sul: Lusitano - Amora, Seixal - Atlético, Cuf - Olhanense, Beja - Sacavense, Farense - Barreirense, Nacional - Oriental, Estr. Amadora - Juventude e Montijo - Cova Piedade.

Para a 3.ª divisão, série A: Aves - Macedo Cavaleiros, Moreirense - Valdevez (no campo da Ponte, em Braga), Maria da Fonte - Vianense, Cabeceirense - Vizela, Merelinense - Ribeirão, Tadm - Limianos, Montalegre - Mirandela e Mougadourense - Monção (em Macedo de Cavaleiros). Série B - Ermesinde - Freamunde, Leça - Aliados, Esmeriz - Valonguense, Paços Brandão - Tirsense, Valecambrense - Sanjoanense, Vila Real - Avanca, Infesta - Vilanovense e Valadares - Lamego. Série C - Penafiel - Castelo - Febrer, Agueda - Fornos Algodres, Alba - Tocha, Marialvas - Teixo-

sense, Tondela - Guinense (em Nelas), Guarda - Vildemoinhos e Viseu e Benfica - Ançã. Série D: Vileirense - Desp. Castelo Branco, Amieiro - Alcains, Torres Novas - Marrazes, Bombarralense - Batalha (em Caldas da Rainha), Rio Maior - Cartaxo, Peniche - Alcanenense, Campomaiorense - Coruchense e Benfica Castelo Branco - Marinhense. Série E: Loures - Alcochetense, SL Olivais - Elvas, Sintrense - Lusitânia dos Açores, Bucelenses - Alverca, Bordenense - V. Lisboa, Elvenses - Odivelas e Malveira - Tires. Série F: Serpa - Sarilhense, Seixal - Trafaria. União Santiago Cacém - Campinense (em Sines), Lusitano Vila Real - Aljustrelense, Silves - Vasco da Gama, Esp. Lagos - Estrela Vendas Novas, Almada - Paio Pires e Comércio e Indústria - Cuba (todos pelas 15 horas).

Nacional de juniores, Zona A: Candall - Varzim, Tirsense - Leixões, Limianos - Taipas, FC Porto - Bragança e Rio Ave - Braga. Zona B: Guarda - Sanjoanense, Espinho - Lamego, Ac. Coimbra - Oliv. Bairro, Vilanovense - Canas de Senhorim, Belmonte - «Os Vilanovenses». Zona C: Olivais e Moscavide - Alter, U. Tomar - Coruchense, U. Leiria U. Coimbra, Alverca - Cernache e Naval - Peniche (em Buarcos), Zona D: V. Setúbal - Benfica, Moura - Belenenses (às 15.30 horas) e Barreirense - Farense.

Os jogos não assinalados especialmente iniciam-se às 11 horas.

SELECÇÃO DE INICIADOS

Para os treinos da selecção nacional de iniciados, marcados para 5 e 6 do corrente, foram convocados os seguintes jogadores: Anacleto (Sanjoanense); Barroso (Beja); Serralha (Montijo); Guimbra (Serzedo); Peixoto

(União de Coimbra); Tó Zé, Loureiro, Moreira, Santos, Avelino e Espírito Santo (FC Porto); Jorge (Vialonga); Paiva (Seixal); Rui Ferreira (Estrela); Saraiva e Paulo Moura (Leiria e Marrazes); Carlos Ribeiro, Gabriel, Cristóvão, Nuno, Hernâni, Paulo Alexandre, Xico Zé, Filipe e Paulo Neves (Benfica); Barbosa e Matos (Sporting Braga); Fernando Jorge, Feijão, Gamboa, Faria Marques, Mourato, Alegre, Luís Marques e Rui Filipe (Sporting).

JORDÃO JOGA

Para o encontro de amanhã face ao Boavista, a dupla técnica sportinguista (Mendes/Radisco) poderá dispor de Jordão, a contar pela formação inicialmente prevista: Vaz; Barão, Eurico, Bastos e Inácio; Zezinho, Marinho e Ademar; Manoel, Manuel Fernandes e Jordão. Como suplentes devem figurar Justino, José Eduardo, Lito, Fraguito e Freire.

ELISEU: MENISCO

O boavisteiro Eliseu terá de ir à faca: depois do jogo com o Sporting, um menisco fora do joelho. Mas (pergunta-se) porque é que, não estando em condições físicas perfeitas, ainda terá de jogar amanhã?

ANGOLA EM ALVALADE

Carlos Silva (ex-junior e aspirante do Sporting e, actualmente, treinador nacional da Federação Angolana, encontra-se a estagiar em Alvalade.

GABRIEL RECUPEROU

Graças aos esforços do massagista belenenses e da selecção nacional João Silva (com o seu magnífico Ginásio de Recuperação do Restelo) o portista Gabriel está curado da lesão que o afastava do «plantel» das Antas, tendo já repressado ao Porto.

MÁXIMO NA PISCINA

A nadadora Petra Schneider (RDA) estabeleceu um novo «record» da Europa dos 200 m estilos, com o tempo de 2.13.94.

JOGOS OLÍMPICOS

Entretanto, cerca de 50 atletas americanos, que participavam, ontem, nos campeonatos dos Estados Unidos de atletismo em pista coberta (Nova Iorque) assinaram uma petição em que se insurgem contra o boicote dos Jogos de Moscovo, a disputar em Julho próximo. O documento foi transmitido ao presidente Carter.

Colectividades

ALGÉS E DAFUNDO: PAVILHÃO

Finalmente, parece que o Sport Algés e Dafundo vai poder contar com um pavilhão: pelo menos a promessa está dada pelo prof. Reis Pinto, director-geral dos Desportos.

ASSOCIAÇÃO DESPORTIVA DE OEIRAS

Vidigal Fonseca continua, a pedido de um numeroso grupo de associados, a frente dos destinos da Associação Desportiva de Oeiras. A decisão foi tomada numa assembleia que elegeu Cipriano Lucas (campeão nacional de corta-mato, em juvenis) «sócio de mérito». Nova assembleia geral está prevista para 25 de Julho.

GINÁSIO DE ALCOBAÇA

Em assembleia geral, reuniu-se esta noite os apanigua-

dos do Ginásio de Alcobaca, para eleição dos novos corpos gerentes do emblema.

NA SUA AGENDA

JUIZES DE CICLISMO

Por ter sido extinta a Comissão Regional de Juizes e Cronometristas, por imposição de uma portaria, os elementos que a integravam foram incluídos num novo órgão denominado Conselho de Cronometragem da A.C. Porto.

Por este facto, enquanto o Regulamento deste novo Conselho não for aprovado pelas Associações em Congresso da FPC, será dirigido por uma Comissão Administrativa de que fazem parte os seguintes dirigentes: Domingos Ferreira, Armando Tavares, António Vaz, Manuel Santos e Antonio Fernandes.

O traço de Pargana



Vitor Baptista: «o maior» amanhã em Alvalade

Ponta esquerda



Avaria nos pitons da bota esquerda de Bento: socorro imediato mas insólito

As palavras dos outros Espinheiro Coelho "nos cinco melhores"

Coelho, futebolista do Sporting de Espinho:

— Sou um dos cinco melhores laterais direitos de Portugal. Recordo o jogador espinheiro, sai do Atlético essencialmente porque o clube não tinha condições financeiras para suportar o profissionalismo. Agora, a nível de condições de trabalho, o Atlético deve estar acima de noventa por cento dos clubes nacionais, pois possui um bom relvado, posto médico, balneários e um excelente pavilhão. Mas penso que o Atlético tem sido mal gerido de há uns tempos a esta parte.

Coelho confidencia: «Em Alvalade fomos roubados escandalosamente. Tive de abandonar o terreno com um dente partido e com a cara feita num bolo, devido a um pontapé de Manuel Fernandes, sem contar ainda com os «pezões» dados pelo Jordão, tanto a mim como aos restantes companheiros da defesa. Apesar disto, o árbitro só mostrou o cartão amarelo a jogadores do Espinho.

Ginástica criticada

Palavras de Satoaki Miyake, director técnico nacional de ginástica, ao nosso colega «Record»: «Há vários ginastas que têm subido à custa do próprio trabalho, como José Filipe Abreu, que fazem coisas extraordinárias em relação a Portugal, mas que são casos isolados, não originados por trabalho sistemático e metódico, indispensável para a evolução da técnica.»

Mário Lino gostava de servir o Benfica

Mário Lino, em entrevista ao «Mundo Desportivo»: «O Boavista é, com efeito, um clube que vive muito da improvisação. Pelo que tenho observado, há pessoas de certos sectores que são ultrapassadas pelas de outros. E isto não pode acontecer num clube organizado, estruturado.

«Quando cheguei, apenas havia seis fatos de treino, e estes em estado precário. Por outro lado, as botas dos seniores eram utilizadas pelos juniores.

Mais adiante: sentimentalmente, sou sportinguista. Por isso, nunca posso renegar o afecto pelo verde-branco de Alvalade. Porém, uma coisa é o sentimento, é o ser sportinguista; outra, que tem a sua diferença, é ser-se profissional de futebol. Nesta ordem de ideias, devo confessar que o clube que gostaria de servir era o Benfica.

«O F.C. Porto está agora no seu período de Ouro. O Benfica, porém, não perdeu a sua força, a sua capacidade de organização.

Não perdeu, não senhor, a sua mística, o que ela está é em estado de sonolência. Mas o Benfica vai explodir, o «monstro» como se diz, vai despertar. Mas o mesmo também pode vir a suceder com o Sporting.»



Murça, no Portimonense é preciso andar bem penteado

Marítimo: que direcção?

Assuntos relacionados com a próxima eleição dos corpos directivos do Marítimo vão ser discutidos a 14 do corrente, no Funchal, em assembleia geral extraordinária do clube. A reunião, convocada a pedido da actual direcção surge na altura em que o candidato a presidente da assembleia geral da lista «B» (Ornelas Camacho) desistiu da candidatura. Este facto, não previsto nos estatutos do clube, vai ser também analisado a fim de se saber se o candidato será substituído ou se a lista será impugnada.

Concorrem duas listas às eleições dos corpos directivos do Marítimo. A lista «A», afecta à actual direcção, apresenta José Miguel Mendonça para presidente da assembleia geral, Nicolau Borges para presidente da direcção e Paiva Brites para

presidente do conselho fiscal.

A lista «B» apresenta para presidente da assembleia geral Ornelas Camacho (que desistiu), para presidente da direcção, Honório de Sousa e para presidente do conselho fiscal, Jorge de Sá.

MARÍTIMO-BOAVISTA SEM TV

O jogo de futebol entre o Marítimo e o Boavista, a realizar no Funchal, a 9 do corrente, para a Taça de Portugal, não será transmitido pela televisão. O Marítimo pediu 800 mil escudos pela transmissão em directo da 2.ª parte do desafio para a Região Autónoma da Madeira, importância essa considerada exagerada.

O desafio disputa-se no Estádio dos Barreiros, cuja lotação

máxima ronda os vinte mil espectadores.

A Radiotelevisão Portuguesa paga ao FC Porto e ao Sporting 800 mil escudos por cada transmissão directa e completa dos seus desafios a nível nacional. O Sporting de Braga e Belenenses recebem 600 mil escudos e os restantes clubes 400 mil escudos.

CONTRATOS FUTEBOLÍSTICOS

Segundo fontes bem informadas, o setubalense Mário Ventura deverá assinar, contrato com o Marítimo do Funchal, na próxima época. Também se espera que, no decorrer da próxima semana, Valter, Peter, China e Fernando Santos renovem os seus contratos com o clube madeirense.

Futebol

Gana: chegou o profissionalismo

O clube «Coração de Ferro», de Accra, acaba de introduzir o profissionalismo na sua equipa principal de futebol, actual campeão da Gana. Vinte e dois jogadores adquiriram o estatuto de profissionais e, pela transferência de alguns deles, o clube exigirá (segundo o seu presidente, Tommy Thompson), o equivalente a cerca de vinte milhões de escudos.

O «Coração de Ferro» conseguiu, há cerca de dois meses, qualificar-se para a final da «Taça da África», mas foi batido pelo «União de Duala», dos Camarões.

UEFA CASTIGA

A UEFA pronunciou seis penas de suspensão para os jogos da primeira «mão» dos quartos de final da «Taça UEFA», marcados para 4.ª feira próxima. Foram atingidos por essas medidas de suspensão os seguintes jogadores: Traiko Sokolov, Borislav Dimitrov e Jordan Solkov (todos do Locomotiva de Sofia), Libor Dosek Zbrojovka Brno), Angel Castellanos (Barcelona) e Vivian Anderson (Nottingham Forest).

FALCÃO: O MAIS DO BRASIL

Os dirigentes do Milão estão decepcionados com o anúncio da rejeição do contrato do futebolista brasileiro Falcão com o Internacional (Porto Alegre), que impede a sua transferência para o clube italiano. O Milão pretendia adquirir os serviços do centro-campista brasileiro e já tinha declarado estar disposto a pagar até um milhão de dólares (50 mil contos). O jogador não chegou a ter conhecimento da oferta do Milão e, após larga discussão, resolveu renovar o contrato com o internacional, por mais uma temporada. Falcão re-

ceberá 12 mil dólares (600 contos) por mês, tornando-se o futebolista brasileiro mais bem pago no Brasil.

BALL: AGORA TÉCNICO

O antigo futebolista «internacional» britânico Alan Ball assinou contrato como director técnico do Blackpool, da 3.ª divisão inglesa. Ball (35 anos) que ajudou a Inglaterra a conquistar o título mundial (em 1966) continuará a jogar pelo Southampton, até Março. Depois, irá para o Vancouver Whitecaps, (da Liga Norte-Americana), regressando a Blackpool no início da próxima temporada.

Ball começou a sua carreira de jogador no Blackpool, há 18 anos.

«Tenho a certeza de que, se trabalharmos em conjunto jogadores, técnicos e dirigentes), poderemos voltar a plano de evidência, como nos primeiros cinco anos da minha carreira no clube».

Ted McDougall, antigo jogador do Manchester United, West Ham e Southampton, será o treinador de campo do Blackpool, acumulando essas funções com a de jogador.

PORTUGAL NO MUNDIAL DE JUNIORES

Noventa e seis equipas nacionais estão inscritas no campeonato do mundo de juniores da FIFA, cuja fase final se disputará na Austrália (de 3 a 18 de Outubro de 1981). A lista dos participantes é a seguinte:

Europa (26 equipas): Alemanha Federal, Inglaterra, Áustria, Bélgica, Bulgária, Chipre, Escócia, Espanha, Finlândia, França, Grécia, Hungria, Irlanda do Norte, Itália, Malta, Noruega, Holanda, País de Gales, Polónia, Portugal, Roménia, Suíça, Che-

coslováquia, Turquia, União Soviética e Jugoslávia.

Ásia (19): Arábia Saudita, Bahrein, Brunei, China Popular, Coreia do Sul, Emirados Árabes Unidos, Hong Kong, Indonésia, Irão, Israel, Japão, Malásia, Paquistão, Filipinas, Qatar, Coreia do Norte, Singapura, Tailândia e Yémen.

América Central e América do Norte (19): Antigua, Antilhas Holandesas, Barbados, Bermudas, Canadá, Costa Rica, Estados Unidos, Grenada, Guatemala, Honduras, Jamaica, México, Nicarágua, Panamá, Porto Rico, República Dominicana, S. Salvador, Suriname e Trinidad.

África (18): Argélia, Benin, Camarões, Costa do Marfim, Egipto, Etiópia, Gabão, Guiné, Guiné Equatorial, Quênia, Malawi, Mauritânia, Marrocos, Nigéria, Uganda, República Centro-Africana, Tunísia e Zimbábue.

América do Sul (10): Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Colúmbia, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

Oceania (4): Austrália, Fiji, Nova Zelândia e Papuásia-Nova Guiné.

BEST:

SERÁ DESTA?

George Best regressou aos treinos com a equipa do Hibernian, da 1.ª Divisão do Campeonato escocês. Best, que fora suspenso pelo clube por abuso de álcool, treinou-se esta semana pela sua antiga equipa, o Fulham, da 2.ª Divisão do campeonato inglês.

Um jogador do Hibernian afirmou que Best comprometeu-se a viajar todas as quartas-feiras a Edimburgo (Escócia) para treinar nas 5.ª e 6.ªs-feiras antes dos jogos.

Atletismo

Faro e Aveiro

movimentam-se

Um corta-mato distrital de encerramento para infantis e iniciados disputa-se amanhã em Faro. A prova, na qual participam 160 atletas (80 infantis e 80 iniciados) em representação de 19 núcleos de apoio de todo o Algarve, é organizada pela Delegação Regional de Faro da DGD e integra-se no plano de desenvolvimento do atletismo. Será como palco os terrenos anexos à RDP-Sul.

Por seu lado, o segundo Torneio de Pista Coberta (para iniciados, de ambos os sexos) disputa-se amanhã em Aveiro no pavilhão da feira de Março e conta com a participação de jovens dos distritos de Aveiro, Coimbra, Guarda e Viseu. Está incluído no plano de coordenação de atletismo da DGD e da Associação de Atletismo de Aveiro.

"Placard"

NACIONAL HOQUISTA

Resultados dos jogos da 8.ª jornada do campeonato nacional de hóquei em patins, disputados ontem, na Zona Norte: Riba de Ave-Valongo, 2-3; Juventude de Viana-Académico, desempatado, 4-2; FC Porto-Sanjoanense, 4-4; Relógios Invicta-Infante de Sagres, 4-3 e Carvalhos-Oliveiras, 4-7. Zona Sul: Alenquer de Benfca-Sporting, 3-3; Benenenses-Paço de Arcos, 6-2; Benfca-Campo de Ourique, 12-3; Parede-Oeiras, 2-1 e Cascais-Sesimbra, 2-3.

Classificação na Zona Norte: 1. FC Porto, 22 pontos; 2. Oliveirense, 20; 3. Sanjoanense, 18; 4. Valongo, Juventude de Viana e Relógios Invicta, 16; 7. Espinho e Carvalhos, 14; 9. Infante de Sagres, 12 e 10. Riba de Ave, 11. Zona Sul: 1. Benfca, 20; 2. Sporting, 19; 3. Sesimbra, Cascais e Benenenses, 18; 6. Alenquer, 17; 7. Oeiras, Paço de Arcos, e Parede, 14; 10. Campo de Ourique, 8.

BÓLIDOS NO G.P. DA ÁFRICA DO SUL

O piloto francês Jean Pierre Jabouille (Renault) conquistou o primeiro lugar na grelha de partida para o Grande Prémio da África do Sul, em fórmula um, que se disputa hoje.

Jabouille bateu o «record» do circuito de Kyalami, nos arredores de Joanesburgo, ao dar uma volta à pista em um minuto e 10 segundos, à média de 211 quilómetros por hora, retirando quatro segundos ao anterior máximo. O seu compatriota René Arnoux obteve a 2.ª melhor marca dos treinos, com 1.10.21, seguido do brasileiro (da Brabham) Nelson Piquet, com 1.11.87 e dos franceses (da Ligier) Jacques Laffite e Didier Pironi com 1.11.88 e 1.12.11.

FIM-DE-SEMANA

ANDEBOL — Nacional da I Divisão (masculinos) — NORTE — Hoje: Desp. Portugal — Vilanovense (18), FC Porto — Maia (18.30), Académica — Padroense, (18.30), Académico — Espinho (19.30), Póvoa — S. Mamede (18.30) e Beira-Mar — S. Bernardo (18). — Amanhã: FC Porto — Desp. Portugal (18), Padroense — Vilanovense (19.30), Maia — Académico (18), S. Mamede — Académica (18), Espinho — Beira-Mar (18) e S. Bernardo — Póvoa (18). SUL — Hoje: Almada — Paço de Arcos (19.30), Sporting — Belenenses (18.30), Estefânia — Benfca (18), Passos Manuel — CDUL (19). V. Setúbal — Caramão (18.30) e Encarnação — Oriental (21) — Amanhã: Sporting — Almada (18), Benfca — Paço de Arcos (18), Belenenses — Passos Manuel (18), Caramão — Estefânia (19),

CDUL — Encarnação (18) e Oriental — V. Setúbal (18).

ATLETISMO — Hoje e amanhã: Campeonatos da Europa de pista coberta, em Sindelfingen (RFA), com a presença do português Carlos Cabral nos 1500 metros. Transmissão em directo pela TV de ambas as jornadas. Amanhã: Corta-Mato dos dez, nos terrenos anexos ao Estádio Alfredo da Silva, no Barreiro, a partir das 10 e 30.

BADMINTON — Hoje e Amanhã: 1.º Troféu «Volante de Prata», na Escola D. António da Costa, em Almada, a partir das 21 e 15 (hoje) e 14 horas (amanhã).

BASQUETEBOL: Nacional Masculino da I Divisão — Grupo A — Hoje: FC Porto — Ginásio Figueirense (18), Sangalhos — Benfca (18) e Sporting — Atlético

(16.30). — Amanhã: FC Porto — Benfca (18) e Sangalhos — G. Figueirense (18). Grupo B — Hoje: Barreirense — SLO/Grundig (pav. Naval Setubalense, 21), CDUL — Alges (17.30) e Conimbricense — Olivais (18). Amanhã: Barreirense — Alges (pav. Naval 17.30) e CDUL — SLO/Grundig (21).

GINASTICA: Hoje: Mini-sarau do GD Unidos dos Olivais Sul, no pavilhão da escola da Rua Cidade de Nampula, às 21 e 15.

HÓQUEI EM PATINS — Nacional da II Divisão — Hoje — Série B: Tortosendo — Paço de Rei (15.30), Escola Livre de Azeméis — UD Seia, CDUP — Minas da Panasqueira e Termas — Académica de Coimbra. Série C: Turquel — Sp. Tomar, Sp. Torres — Sp. Marinhense, U. Entroncamento — Torres Novas e Tigres

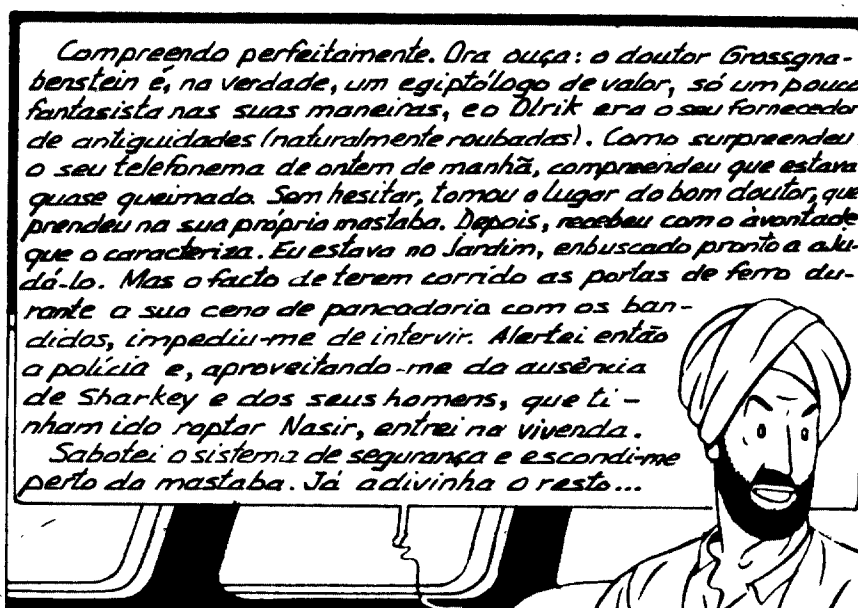
de Almeirim — U. Vilafranquense (os dois últimos em atraso). — Série D: Académica da Amadora — Desp. Beja, Estremoz — GD Quimigal (21.30), Santos Venda Nova — 9 de Abril (Mourão), e Benfca — GD Diana. Todos nos recintos dos primeiros, às 18 horas, salvo os casos apontados.

RÁGUEBI — Nacional da I Divisão — Hoje: Belenenses — Direito (15). — Amanhã: Benfca — CDUP (11), Cascais — Académica (15) e CDUL — Agronomia (14.30). Nacional da II Divisão — Amanhã: RC Coimbra — Moitenense (EUC, 15.30), S. Miguel — Estrela da Amadora (EUL), 16.15), e RC Barreiro — Louletano (Escavadeira, 11).

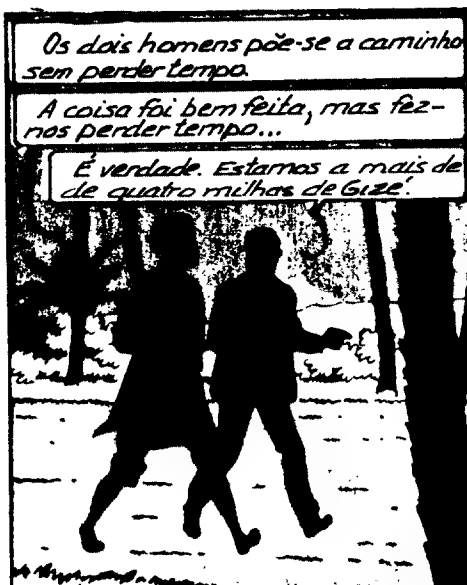
TÊNIS — Campeonato Europeu de Juniores (menos de 18 anos) — Hoje e Amanhã, a partir das 14 e das 14 e 30 no pavilhão do Estrela e Vigorosa, no Porto.

Sábado, 1 de Março de 1980

O MISTÉRIO DA GRANDE PIRAMIDE



O MISTÉRIO DA GRANDE PIRAMIDE



Os dois homens põe-se a caminho sem perder tempo.

A coisa foi bem feita, mas fizemos perder tempo...

É verdade. Estamos a mais de de quatro milhas de Gize.



Mas oca cá, meu velho... Onde esteve escondido todo este tempo?

Well, arranjei um esconderijo bastante confortável numa escavação abandonada, a dois passos dos trabalhos do Grossnabenstein. Temos que passar por lá para levar umas ferramentas. E de caminho, aproveitamos para mudar de roupa.



Mas, nessa altura, o ruído de um motor fê-los olhar.

Ouça...

É um camion!...



Para!



Oh amigo, o meu carro empassou. Dou-te dez piastras se nos levares a Gize!

Sabe Comandante! Vou justamente para Nazlet-el-Samman...



Que sorte!

Assim, temos um avanço sobre o amigo Olrik!



Entretanto, depois de uma corrida louca, Nasir é apanhado pelos dois motociclistas...

STOP!

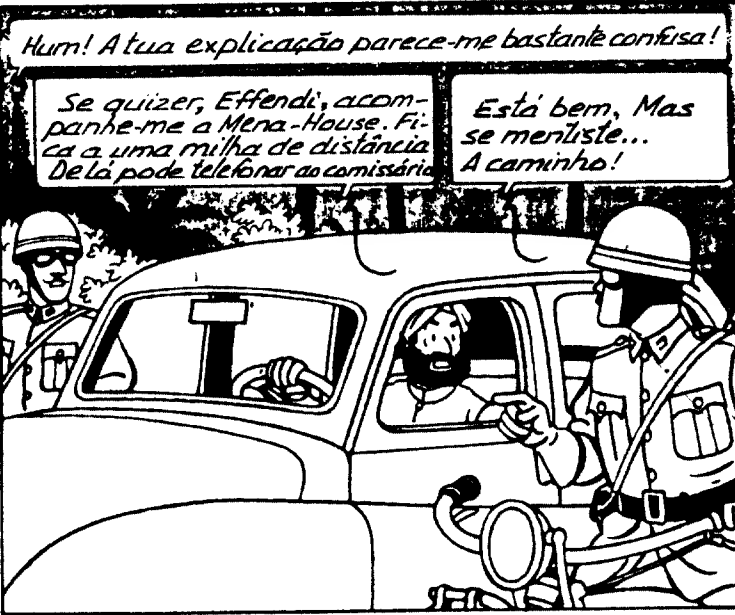
Mas o que é feito do Professor!?!...

O Sahib! No Cairo, meu oficial... em casa do comissário.



Estás a brincar comigo? Quem nos mandou foi o próprio comissário!...

Então não percebo. Quando ia a sair da vivenda, o Sahib, lembrou-se de repente de que tinha esquecido em Mena House um documento importante, e encarregou-me de o ir buscar. Ele próprio seguiu no outro carro.



Hum! A tua explicação parece-me bastante confusa!

Se quiser, Effendi, acompanha-me a Mena-House. Fica a uma milha de distância. De lá pode telefonar ao comissário.

Está bem. Mas se mentiste... A caminho!



Passados cinco minutos, em Mena-House...

Vou dar um telefonema ao comissário! Tu acompanha este tipo lá acima e não o percas de vista.

Está sossegado!



É aqui. Se o meu oficial quere fazer o favor de entrar...

Está bem. Vai adiante de mim!



Nasir entra no hall, perguntando a si próprio como ha-de sair daquela encrenca, quando, vendo a porta da casa de banho entreaberta, solta uma exclamação...

Oh!

O que foi?



Oh, nada... Jul... Julguei que...

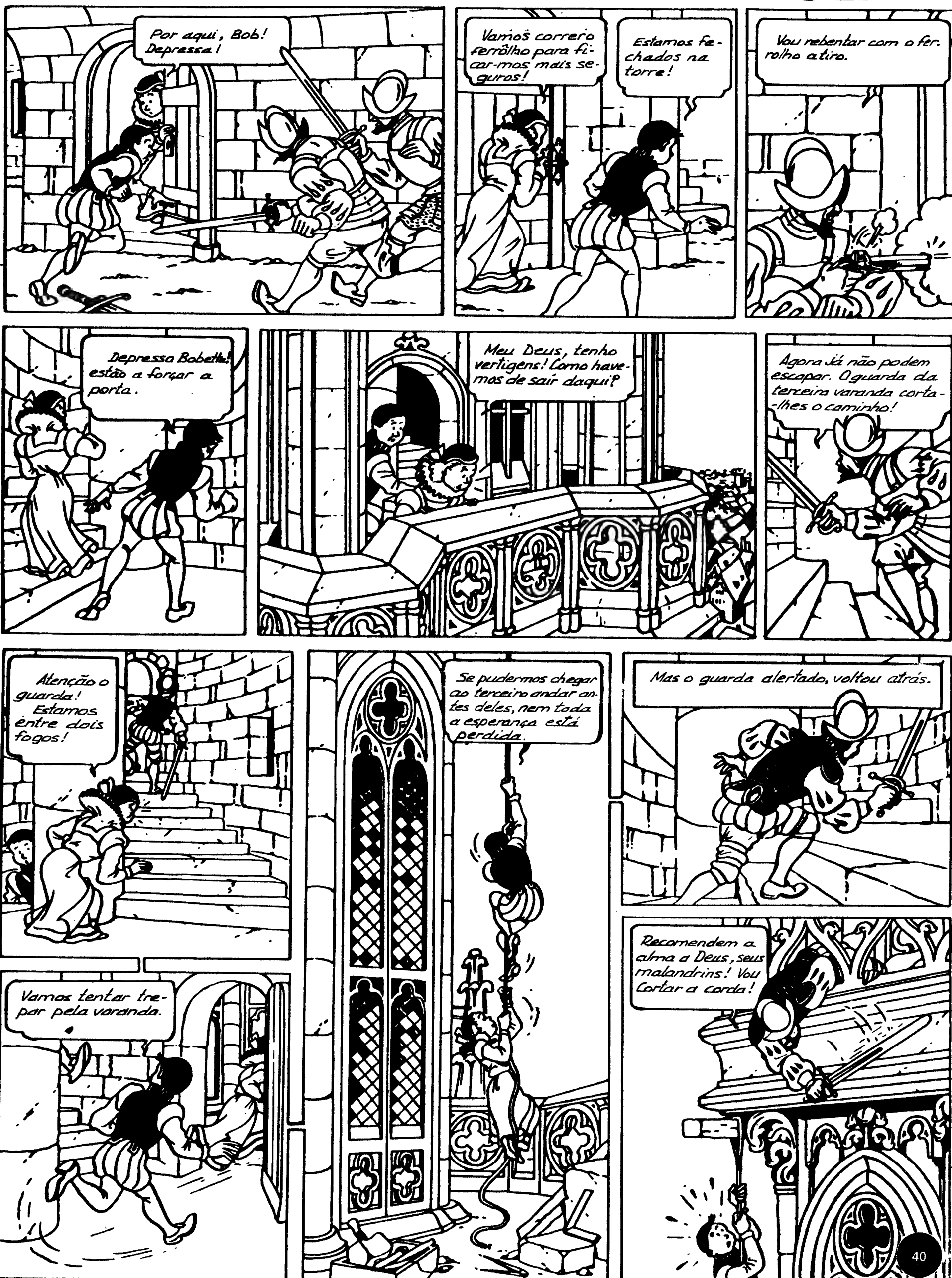
Espera... Isto parece-me esquisito...



Garanto-lhe que a casa de banho está vazia, meu oficial!... E...

É o que vamos ver!...

O FANTASMA ESPANHOL



Roteiro cultural

EXPOSIÇÕES

Na Galeria das Exposições Temporárias da Gulbenkian está patente ao público uma exposição de Bourdelle, constituída por 81 esculturas e 15 desenhos e aguarelas. Esta mostra já esteve patente ao público no Museu Soares dos Reis do Porto.

Na Galeria «Opinião», em Lisboa, está patente ao público até 15 de Março, uma exposição de Jochen Busdorff, subordinada ao tema «Desenhos da Reforma Agrária e de Países Mediterrânicos — Diário de passagem e colaboração». O artista nasceu em 1941 e estudou na Escola de Belas-Artes de Hamburgo.

Na Galeria CAPC, em Coimbra (R. Castelo Matoso, 18) é hoje inaugurada, às 22 horas, uma «instalação» do artista Alberto Carneiro, intitulada «Corpo-Arte/Arte-Corpo», a qual se insere num ciclo de exposições que a Galeria CAPC está a realizar sobre «As novas tendências da arte portuguesa». Alberto Carneiro, formado em escultura pela ESBAP e Saint Martin's School of Art de Londres, tem-se interessado particularmente pela dinâmica corporal como fundamento da

expressão e comunicação. Tem participado em exposições colectivas e individuais, quer em Portugal, quer no estrangeiro.

A exposição «As mãos veem», do «Atelier des Enfants» do Centro Georges Pompidou, de Paris, é inaugurada, na segunda-feira, às 18 horas, na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian.

TEATRO

O Grupo «A Barraca» estreou ontem, na sua sala, na R. Alexandre Herculano, em Lisboa, o espectáculo «Preto no Branco», baseado num texto do dramaturgo e actor italiano Dario Fo. «Preto no Branco» é o primeiro espectáculo que «A Barraca» apresenta este ano, sendo também a primeira vez que é levado à cena em Portugal um texto de Dario Fo.

Grça Lobo estreou ontem no Teatro Nacional D. Maria II as suas «Cartas Portuguesas», vertidas para a nossa língua por Eugénio de Andrade. O espectáculo tem encenação de Carlos Quevedo, um director teatral argentino radicado entre nós, e o cenário e figurinos são de Júlio Pomar. As «Cartas» de Soror Mariana têm a sua car-

reira no teatro do Rossio limitada apenas a sete representações.

CINEMA

A partir de segunda-feira, vai realizar-se em Lisboa, até 8 de Março, um ciclo de cinema sobre a mulher. A iniciativa é da Campanha Nacional paa o Aborto e Contracepção (CNAC), Informação e Documentação Mulheres (IDM) Movimento de Libertação da Mulher (MLM) e União das Mulheres Antifascistas e e Revolucionárias (UMAR). O ciclo exibirá no Quarteto filmes como «Julia», de Fred Zinnemann, «A Última Mulher», de Marco Ferreri, «Annie Hall», de Woody Allen, «A Mulher da Rua», de Martin Scorsese, «Amor Violado», de Yannick Bellon, «Adopção», de Marta Meszaros, «Insólito Destino», de Lina Wertmüller, e «Girl Friends», de Cláudia Weill. O programa insere-se nas comemorações do Dia Internacional da Mulher, a 8 de Março.

FESTAS

A secção da Barca D'Alva do PCP promove amanhã, naquela localidade, a «Festa das Amendoeiras em Flor». Tal como nas organizações anteriores, a Festa tem um carácter diversificado, englobando aspectos culturais, desportivos e recreativos. Do seu programa constam provas de atletismo, jogos popu-



Está patente na Fundação Gulbenkian uma exposição de Bourdelle, artista de rara grandeza, cujos trabalhos são mundialmente conhecidos.

lares e um espectáculo musical, no qual participam vários artistas, entre os quais Samuel.

MÚSICA

Na sede da Associação de Concertos, exhibe-se hoje, às

21.30, o Quinteto de Sopros de Praga, que executará obras de Mozart, Xaver, Dusek e Rejcha, entre outros. No final haverá um convívio com os elementos deste grupo que pela primeira vez se desloca ao nosso país.

Em Tomar, realiza-se

hoje, às 21 e 30, um Festival de Música Rock, com a participação dos grupos Trevo, Hobnob e UHF, este último servindo de prato forte ao cartaz da noite nabantina.

CONFERÊNCIAS

Na próxima segunda-feira, dia 3 de Março, pelas 21 horas realiza-se na Sociedade Nacional de Belas-Artes uma conferência pela dr.ª Maria Calado especialmente dedicada aos professores de História do Ensino Secundário, mas aberta a todos os interessados. Serão os seguintes os temas abordados — O Urbanismo. Consequências económicas e sociais das revoluções do sec. XIX. As novas estruturas e as novas cidades. A problemática teórica e as soluções práticas. A evolução da cidade nos sec. XIX e XX.

DEBATES

No casarão cor-de-rosa da Praça de Espanha prosseguem hoje, às 17.30, os habituais «Sábados CLAC», organizados pelo Clube dos Amigos da Comuna, com a continuação dos debates sobre «O Teatro em Portugal no limiar da década de 80». Discutir-se-á «Teatro para crianças» e estão convidados «O Bando», «Joana», TIL, Casa da Comédia, Comucópia, Glicínia Quartim, Orlando Neves, Carlos Fragateiro, Matilde Rosa Araújo, Maria Alberta Menéres e outros.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

BANCO FUNDADO EM 1864

PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS		(Por UNIDADE)	
E MOEDAS ESTRANGEIRAS		COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	54885	59685	
ALEMANHA FED. (marco)	26885	28885	
AUSTRIA (xelim)	3370	3990	
BÉLGICA (franco)	18590	19890	
BRASIL (cruzeiro)	6737	9887	
CANADÁ (dólar - notas de 1 e 2)	41800	43800	
(notas de 5 a 1000)	41850	43850	
DINAMARCA (coroa)	8880	9880	
ESPAÑHA (peseta)	9674	9774	
EUA (dólar - notas de 1 e 2)	47810	49810	
(notas de 5 a 1000)	47860	49860	
FINLÂNDIA (marka)	12885	13885	
FRANÇA (franco)	11850	12850	
HOLANDA (florim)	24840	25840	
INGLATERRA (libra)	10885	11285	
ITALIA (lira)	8053	8063	
JAPÃO (iene)	8174	8204	
NORUEGA (coroa)	9885	10885	
SUECIA (coroa)	11830	11890	
SUIÇA (franco)	28840	29850	
VENEZUELA (bolivar)	9840	10840	

Observações:

1. - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

tempo

SITUAÇÃO DO TEMPO AS 09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado o vento era fraco ou moderado do quadrante Oeste. Havia neblina em alguns locais e caíam aguaceiros no Algarve.

TEMPERATURAS DO AR

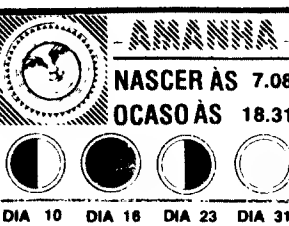
VIANA DO CASTELO	13°
BRAGANÇA	6°
VILA REAL	9°
PORTO	10°
PENHAS DOURADAS	-2°
COIMBRA	12°
CABO CARVOEIRO	12°
PORTALEGRE	8°
LISBOA	10°
ÉVORA	8°
SINES	13°
BEJA	10°
SAGRES	13°
FARO	15°
PONTA DELGADA	11°
FUNCHAL	12°

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
3.00 4,0 m 8.40 1,1 m	
15.18 3,9 m 20.46 1,0 m	
Dia 2	
3.34 4,1 m 9.10 1,0 m	
15.51 3,9 m 21.17 1,0 m	
Dia 3	
4.06 4,1 m 9.39 1,0 m	
16.22 3,9 m 21.48 1,0 m	

PREVISÃO DO TEMPO ATÉ ÀS 24 H DE AMANHÃ

Céu pouco nublado temporariamente muito nublado no Baixo Alentejo e Algarve, onde há possibilidade de aguaceiros durante a tarde de hoje; vento fraco ou moderado de Sueste; neblinas matinais nas regiões do centro e sul.



rádio

1.º Programa

18.00: Trajectória, programa de juventude; 19.00: Música portuguesa; 19.40: Conjuntos; 20.00: Retrospectiva; 20.45: 15 minutos com; 21.00: Orquestras; 21.15: Teatro; 21.45: Música instrumental; 22.00: Futebol — programa da noite; 23.30: Do Choupal até à Lapa (RDP/Centro); 24.00: Informação.

2.º Programa

17.30: Concerto sinfónico; 19.30: Quarteto em ré maior, op. 20, de Haydn; 20.00: Poemas sinfónicos; 21.00: Pierre Boulez; 22.00: Cantatas; 23.00: Intercâmbio musical; 23.40: Música de ballet; 00.45: «O Trabalho do Pintor», de Poullenc; 01.00: Fecho.

Rádio Comercial (294m)

17.03: Top rock em stock; 18.15: As cidades e as serras; 19.03: Carros roubados/SOS; 19.05: É o fim; 20.03: Quando o telefone toca; 21.03: Quando o telefone toca; 21.30: Tempo de desporto.

Emissão Estereofónica

15.03: Rock em stock; 17.03: Top rock em stock; 19.03: Em órbita; 21.03: Café concentrado.

RÁDIO RENASCENÇA

18.08: Apelos; 18.15: Ao encontro da palavra; 18.30: Transmissão do tempo; 19.00: Programa da Liga dos Amigos de Rádio Renascença; 20.00: Objectivo; 20.54: Apelos; 21.05: Pentagrama; 21.30: Tempos vivos; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Pentagrama; 23.30: No mundo do trabalho; 23.55: Fecho.

de Ferro Portugueses

544545



centro S.O.S. voz amiga

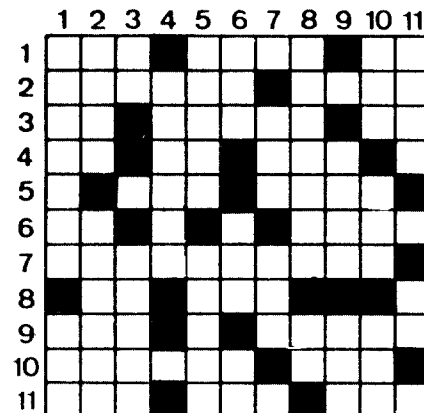
palavras cruzadas

COM PROVÉRBO

PROBLEMA N.º 12 573

HORIZONTAIS

- 1 Recusa. Falha. Tempo do verbo haver.
- 2 Freguesia do concelho de Celorico da Beira. Dás mios.
- 3 Verso. Guarnecera de asas. Nota musical.
- 4 Clima. Platina (sq). Larva das feridas dos animais.
- 5 Fútil. Lavram.
- 6 Existe. Sulcou a terra.
- 7 Calculariam.
- 8 Hospedaria oficial na China (inv). Larva das feridas dos animais.
- 9 Suspiros. Apelo.
- 10 Vasilha de barro ou metal, em que se cozem os alimentos. Preposição.
- 11 Estime Deseje. Solitários.



VERTICAIS

- 1 Freguesia do concelho de Mirandela. Bolo de farinha de arroz e azeite de coco usado na Ásia.
- 2 Ave de rapina. Limpam metais.
- 3 O sono das crianças. Constelação boreal.
- 4 Rôcara.
- 5 Tampa para vasilha. Viela.
- 6 Pega. Senhor em inglês. Amónio (sq).
- 7 Arteria. Rio da Suíça.
- 8 Ligam. Carta de jogar.
- 9 Ilha do Pequeno Belt. Espaço de trinta dias.
- 10 Cidade da França. Pedras de moinho. Espádua.
- 11 Uma das partes do Mundo. Césio (sq).

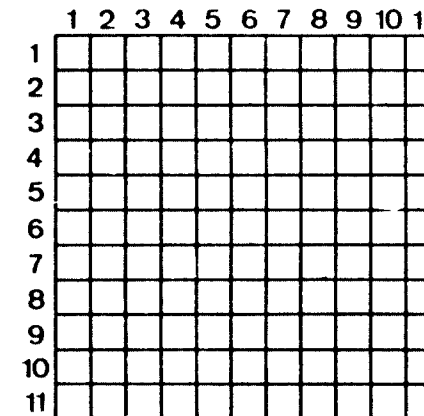
Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 8633

HORIZONTAIS

- 1 Carimbar. Pista.
- 2 Movera.
- 3 Nota musical. Território federal da república do Brasil setentrional. Cento e um em romano.
- 4 Tanto. Arara. Corda de reboque.
- 5 Seguras. Rio da Suíça.
- 6 Conjunção. Letra grega.
- 7 Bisnaga. Nome de letra. Catedral.
- 8 Pátria. Dente canino.
- 9 Lavras. Calculara.
- 10 Groas. Filtrara.
- 11 Autores. Transpira. Nome de mulher.



VERTICAIS

- 1 Cidade da Argentina. Inunda.
- 2 Medida de líquidos da Holanda. Corcunda.
- 3 Nota musical. Abreviatura que se usa em música. Cpolera.
- 4 Nome de letra. Patrão. Cate-drais.
- 5 Versejara.
- 6 Falhas. Cabo da costa de Portugal.
- 7 Rôcas. Nome de fruto.
- 8 Altar cristão. Lograr (fig).
- 9 Apelido. Bigorna de aço sem hastes. Ilha do Pequeno Belt.
- 10 Filtrais. Freguesia do concelho de Penafiel.
- 11 Preparar com ópio. Pronome pessoal.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 12 572

HORIZONTAIS

- 1 O. TRABALHO
- 2 Odioso. If.
- 3 Assacara.
- 4 Na. Amam.
- 5 Brases. Ill.
- 6 Air. Pag.
- 7 Mós. Casa.
- 8 Ai. Arad.
- 9 Remordera.
- 10 Breca. Ad.
- 11 Sacarão Ore.

VERTICAIS

- 1 Oó. Abambres.
- 2 Dá. Rio.
- 3 Tisanerim.
- 4 Rosas. Sioba.
- 5 Asa. Au. RRR.
- 6 Bocas. Códca.
- 7 Am. Pá. Eco.
- 8 Lira. Asara.
- 9 Amigara.
- 10 Io. Ar.
- 11 FELICIDADE

Provérbo: O trabalho dá a felicidade.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8632

HORIZONTAIS

- 1 Amas. Alara.
- 2 Coam. Cs. Rim.
- 3 Aire. Acorro.
- 4 Barcelona.
- 5 Mão. Nu.
- 6 Oiros. Coa.
- 7 Cu Usara.
- 8 Enata. Larga.
- 9 Arrancara.
- 10 AC Rá. Al. Di.
- 11 Saba SS. Soa.

VERTICAIS

- 1 Acab. Aenas.
- 2 Roiam. Única.
- 3 Marrão. AC.
- 4 Amacel. Tara.
- 5 Ruara.
- 6 Calmos.
- 7 Asco. Salgas.
- 8 ONU. Raul.
- 9 Arrancara.
- 10 Rir. Dó.
- 11 Amordacaria.

Lisboa

Lisboa
PERMANENTE
(Noje)

VIEIRA ROSA, R. Prior do Crato, 72 (T. 660187); VERA CRUZ, P. Afrânio Peaboto, 2-B (T. 884941); SANTA CRUZ, Av. Gomes Pereira, 34-B (T. 704828); SANTAS, P. Luis de Camões, 22-24 (T. 322798); NOVA IONQUE, Av. Estados Unidos da América, 140-B (T. 780658); OLIVEIRA, R. de Campolide, 54-A (T. 684424); ASCENSO, P. do Norte, 11-A (T. 311218); SALUTAR, R. Conde Redondo, 9-B (T. 533411); MONTE, R. Sr. do Monte, 30-A-B (T. 887842); MARLUZ, C. da Picheleira, 140-B-C (T. 880703); NOVAIS, Av. Luis Blvar, 11-13 (T. 44324); CA-BRITA, Parque Residencial Miraflores, lote 12 (T. 210148); BRITO, R. do Colégio, lote 32-B (T. 983351); AMARAL, R. Antero de Quental, 8-8-A (T. 8245455).

PERMANENTE
(Amanhã)

LÍDIA ALMEIDA, C. da Ajuda, 170 (T. 637318); CARTAXO, Av. da Igreja, 213-C (T. 897958); VALLE, Av. Marquês de Tomar, 47 (T. 773043); MARQUES, E. de Benfca, 648 (T. 700096); SILMAR, R. de S. Lázaro, 128 (T. 42829); PATRIA, C. dos Meztres, 30-A (T. 680627); MICHEL, R. S. Bento, 390-382 (T. 682162); BARROS GOUVEIA, R. Vale Formoso de Cima, 79-B (T. 382180); ALMEIDA NIFO, Av. Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070); LEITÃO, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 910051); PONTINHA, E. St. Elói, 4, lote SE (T. 990220).

Outra Banda

ALMADA: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39 (T. 2750504); COVA DA PIEDADE: Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2787358); LARANJEIRO: Felis, R. Borges Rego, 7 (T. 2490811); COSTA DA CAPARICA: Higienista, Av. da República, 23 (T. 2400020); SESIM-BRA: Lopes, R. Cándido dos Reis, 21 (T. 2233028); BARREIRO: Higienista, R. D. Manuel, 178 (T. 2073017); PERMANENTE: Moderna, R. D. Henriqueta Gomes Araújo, 12 (T. 2073443); AMO: Amoroso, Av. Marginal Silva Gomes, 80 (T. 2210042); SEIXAL: Godinho, L. da Igreja, 51 (T. 2218580); MONTJO: Moderna, R. Buihã Pato, 60 (T. 2310035); MONTA: Silva Rocha, Av. da República, 16 (T. 238029); ALHOS VEDROS: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); ALCOCHETE: Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 23413).

Linha de Cascais

PAÇO DE ARCOS: Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (T. 2432034). Até às 24 e das 0 às 9 horas; OBRAS: Godi-

nho, R. Cándido dos Reis, 98 (T. 2430090). Até às 22 horas; NOVA OBRAS: Leal, Até às 21 horas; CARCAVELOS: Central; Vilar, Até às 24 e das 0 às 9 horas; PAREDE: Aleir, Av. Gago Coutinho, B. Calças de Previdência (T. 2472948). Até às 24 e das 0 às 9 horas; ESTORIL: Marques dos Santos, R. Ferreira J.A., 15 (T. 280118). Até às 21 horas; CASCAIS: Marginal (T. 280078). Até às 24 e das 0 às 9 horas.

Linha de Sintra

AMADORA: Cláudio, R. António Sardinha, 23 (T. 938551). Permanente; Amadora, P. 25 de Abril, 3-A (T. 935518). Até às 22 horas; DAMAJA: D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (T. 970461); QUELUZ: Vascoconcelos; CAMARATE: Batalha, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669); CACÉM: Rodrigues Garcia, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D; MEM MARTINS: Miranda Garcia, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012). Permanente; RIO DE MOURO: Rómulo, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (T. 2960194). Até às 23 horas; SINTRA: Marras, Estefânia (T. 2930058). Permanente; COLARES: Abreja (T. 299068).

MOSCAVIDE: St. Bárbara (T. 2518918). Até às 19 horas; SACAVEM: Soares (T. 2518025). Permanente.

Porto

DE DIA E SÓ ATÉ ÀS 22 HORAS

CLÉRIGOS, R. dos Clérigos, 36 (T. 3150394); CRUZ, R. de Costa Cabral, 1082 (T. 480041); MAIA, R. do Campo Alegre, 182 (T. 64450); BOTELO, R. da Alegria, 883 (T. 480088); ESTÁCIO, RM S4 da Bandeira, 120 (T. 22684); GUARANI, R. Pedro Hispano, 367 (T. 62250); MESEDES DE LIMA, P. Dr. Pedro Teotónio Pereira, 227 (T. 51784); LIDADOR, R. do Lidador, 265 (T. 683739).

DE DIA E TODA A NOITE

CAMPOS, R. Padre Luís Cabral, 943 (T. 680113); MONTE DOS BURGOS, R. Morais dos Burgos, 802 (T. 62279); ALIANÇA, R. da Conceição, 2 (T. 24203); ALVES MOREIRA, Av. Rodrigues de Freitas, 167.

Coimbra

DAS 9 HORAS ÀS 9 DO DIA SEGUINTE

SILCAR, R. Ferreira Borges, 88-94 (T. 22923); S. SEBASTIÃO, R. António Jerónimo (T. 72802).

abCINE

803055

Centro Comercial de Alvalade
SALA A às 14.30, 16.30, 18.30, 21.30 e 23.45 - 13 a.
O MISTÉRIO DAS AREIAS
c/ Michael York
SALA B às 15, 17, 19, 21.30 e 23.45 - 13 a.
MANHATTAN

ALVALADE

897480

Av. de Roma
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
O GATO QUE VEIO DO ESPAÇO
c/ Ken Berry, Sandy Duncan e Harry Morgan
Falado em português
3.ª Semana

APOLO

763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Sessões às 13.30 15.30 17.30 19.30 21.30
Não acons. men. de 13 anos
JOGO BAIXO
Hoje e todos os dias às 23.30 horas
Não acons. a men. de 18 anos
O GRANDE CONQUISTADOR
com Woody Allen

AVIS

547163

Av. Duque D'Avila, 45
Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Um estranho poder que controlava os homens para dominar o Mundo
O PODER DIABÓLICO
c/ Jeff Bridges e James Mason

BERNA

776098

Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O CAMPEÃO
c/ Jon Voight, Faye Dunaway e Ricky Schroder
Um filme de Franco Zeffirelli

CALEIDOSCOPIO

795093

Campo Grande
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
AEROPORTO 80
c/ Alain Delon, Susan Blakely
Amanhã às 11 - Para Todos
Manhã infantil
AS AVENTURAS DE PETER PAN

CASTIL

530194

Rua Castilho
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
Uma comédia satírica
O REGRESSO A MILÃO
c/ Paolo Villaggio e Silvia Dionisio
2.ª Semana
Às 24 - 18 a.
O MISTÉRIO MR. MACKINTOSH

CINE 222

Tel. 579460

Av. Praia da Vitória, 37 (Ao Saldanha)
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 13 a.
JES VAI MORRER
Às 23.45 - N. ac. men. 18 a.
NEM SEMPRE SE PODE GANHAR
Amanhã às 11 - Para Todos
OS DOZE TRABALHOS DE ASTERIX

CINEBOLSO

573407

Rua Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
Uma espécie rara de mulheres-tigre de insatisfeito e agressivo apetite
AS FERAS DO SEXO
Pornográfico - "hard core"
Às 24 - Int. men. 18 a.
OS DESERTORES

CINE CAMÕES

324194

Rua de Loreto, 15
Às 14, 16.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
LAGRIMAS DE AMOR
c/ Hema Malini, Amitabh Bachchan e Sonia Shari
Um filme de Arbind Sen
Amanhã às 11 - Para Todos
O GATO DE BOTAS

CONDES

322523

Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A FERRO E FOGO
c/ Sophia Loren e James Coburn
Um filme de Michel Wimmer

DOIS MIL

2100055

Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Alges
Às 15.30, 18 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
JOGO BAIXO
Às 23.45
A NOITE DO TERROR RASTEJANTE

D. JOÃO V

971794

Praça Centro Comercial - Damais
Às 21.30 - Int. men. 13 a.
BARANA CROSS

EDEN

320768

P. dos Restauradores, 21
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
OS FUGITIVOS DE ALCATRAZ
c/ Clint Eastwood, Patrick McGohhan e Robert Blossom 2.ª Semana
Um filme de Don Siegel
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
MARCO POLO

ESTUDIO

555134

Av. Afonso Henriques, 35
Às 15, 17, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
ESCÂNDALO DE PRIMEIRA PÁGINA
c/ Isabelle Adjani e Gerard Depardieu
Um filme de André Techine

ESTUDIO 444

779095

Av. Defensores de Chaves, 83
Às 15.30, 16.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
E A TERNURA?... UMA OVA
Complexados, ternos, românticos, obcecados e feministas já reberntaram de riso com o triunfo do ano em França e Bernard Giraudeau 2.ª Semana
Antestreia às 24 - N. ac. men. 18 a.
PECADOS DA JUVENTUDE

EUROPA

661016

R. Almeida e Sousa, 35
Às 15.15 e 21.30 - N. ac. men. 18 a.
ALIEN, O B. PASSAGEIRO
c/ Tom Skerrit e Sifurmy Weaver
Às 18.15 - Para Todos
3 AVELAS PARA CINDERELA
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
A CARGA DA BRIGADA LIGIERA

IMPERIO

555134 5

Al. Afonso Henriques, 35
Às 15.15, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A ficção científica faz uma nova descoberta
O HUMANÓIDE
Um filme de George B. Lewis

LONDRES

801313

Av. de Roma, 7-A
14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
Não acons. men. 13 anos
Um filme de Martin Ritt com Sally Field
1.º prémio Cannes
NORMA RAE
Filme de qualidade
Às 24 - Int. men. 13 a.
OS INCONTRAVEIS CONTRA A DROGA

MONUMENTAL

555131

P. Duque de Saldanha
Às 15.15, 18.15 e 21.45
- Int. men. 13 a.
UM HOMEM, UMA MULHER E UM BANCO
c/ Donald Sutherland e Brooke Adams
2.ª Semana

MONTECARLO

Tel. 681117

A. Pedro Álvares Cabral, 37
Às 15, 17, 19 e 21.45
- N. ac. men. 13 a.
ESCÂNDALO DE PRIMEIRA PÁGINA
c/ Marie France Pesier, Julien Guimard e Jean-Claude Brialy
Um filme de André Techine
Às 24 - N. ac. men. 13 a.
O QUEBRA OSSOS
Amanhã às 11 - Para Todos
O HERÓI DO REGIMENTO

MUNDIAL

538743

R. Martens Ferrao, 12-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O CAMPEÃO
c/ Jon Voight, Faye Dunaway e Ricky Schroder
Um filme de Franco Zeffirelli

NIMAS

574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14, 17.45 e 21.30
A ARVORE DOS TAMANCOS
Um filme de Ermanno Olmi
Palma de Ouro do Festival de Cannes
Melhor filme da década de 70, considerado unanimemente pelos críticos americanos e italianos, como um dos melhores filmes do ano

NOVOCINE

840678

Av. General Roçadas, 7
Às 15.15 e 21.30 - N. ac. men. 13 a.
Um filme pleno de ternura e humano
O AMOR FALSO
c/ Zeba e Mohamed Ali

ODEON

326283 4

R. Condes, 12 e 20
Às 15.15, 18.15 e 21.30
Interdito a m. 18 anos
AS MOTOS DA MORTE
Acção, violência, num filme empolgante
7.ª Semana

PATHÉ

821933

R. Francisco Sanches, 122
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A FERRO E FOGO
c/ Sophia Loren e James Coburn

POLITEAMA

326305

R. Portas de St.º Antão
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 13 a.
A AVENTURA COMEÇA EM CABO BLANCO
c/ Charles Bronson, Dominique Sanda
Às 24 - M. 18 a.
DUELO NA POEIRA

QUARTETO

R. Flores de Lima, 16 771378

SALA 1 às 14.30, 16.45, 18.21.30 e 23.30
- N. ac. men. 18 a.
ADEUS MACHO
de Marco Ferreri
SALA 2, às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 e 23.30
NOTES DE SINGAPURA

SALA 3

às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h.ª

N. ac. men. 18 a.
O AMIGO AMERICANO
SALA 4, às 15, 17, 19, 21.30 e 24 h.ª
- N. ac. men. 18 a.
OS DONOS DA TERRA
de Michel Soutter

RESTELO

610375

Av. Torre de Belém
Às 15, 18.15 e 21.30 Int. men. 13 a.
POLICIA OU LADRÃO
c/ Jean-Paul Belmondo e Marie Laforet
Realização de Georges Lautner
9.ª Semana

ROMA

887778

Av. de Roma, Lote JRB
Às 15.30, 18.30 e 21.30 Int. men. 13 a.
Um filme de alta emoção
O HOMEM QUE MATOU O PASSADO
c/ Donald Sutherland e Francine Racette

ROXY

548560

Av. Almirante Reis, 20
Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
REGRESSO A MILÃO
c/ Silvia Dionisio, Anna Mazzauo e Pino Caruso

SÃO JORGE

579144-579344

Av. da Liberdade, 175
Às 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A obra-prima de Woody Allen
MANHATTAN
c/ Woody Allen e Diane Keaton
7.ª Semana

SATELITE

562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
4 sessões:
15.00 17.00 19.00 21.45h
Não acons. men. 18 anos
PROCESSO ARQUIVADO POR ORDEM REAL
Christopher Plummer, James Mason, Donald Sutherland 7.ª Semana

STAR

804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
14.30, 16.45 19 e 21.30 h.
- N. ac. men. 13 a.
Um grande êxito mundial
ACONTECEU EM PARIS
c/ Wayne Rogers e Gayle Hunnicutt
6.ª Semana

TERMINAL

371573

Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
Classif.: n/acons. m/18 anos
UMA MULHER DE SONHO
"10"
UM HOMEM
NÃO PODE VIVER
SÓ DO AR
Amanhã às 11 - Para Todos
OS ALEGRES PIRATAS DA ILHA DO TESOURO

TIVOLI

570595

Av. da Liberdade, 188
Às 14.00, 16.00, 19.00 e 21.30
Para 6 anos
Walt Disney Productions apresenta
O GATO QUE VEIO DO ESPAÇO
(falado em Português)
c/ Ken Berry, Sandy Duncan e Harry Morgan 3.ª Semana

VOX

880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 15, 18.15 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O mais espectacular Charles Bronson
A AVENTURA COMEÇA EM CABO BLANCO
c/ Charles Bronson, Dominique Sanda
Às 24 - M. 18 a.
DUELO NA POEIRA

ZODIACO

570151

Rua Conde de Redondo, 5
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
FEBRE DE PRIMAVERA
c/ Rajesh Khanna e Zennat Amad
Às 24 - Int. men. 13 a.
AJUSTE DE CONTAS

Teatros

Outros cinemas

COMUNA - "O Dragão", às 21.45 (13 anos)
LAURA ALVAS - "O Gato", às 20.30 e 23.00 (13 anos)
MARIA VITÓRIA - "Rei, Capitão, Soldado, Ladrão", às 20.30 e 22.45 (18 anos)
TRINDADE - "A Invasão", às 20.30 e 22.45 (13 anos)
ADÓQUE - "Querias mas não Te Dou", às 20.30 e 22.45 (18 anos)
VARIEDADES - "Isso É Que Era Bom", às 20.30 e 22.45 (18 anos)
MARIA MATOS - "Flomina Marturano", às 21.45 (13 anos)

ACADEMIA ALMADENSE - "A Escola de Dentista", às 21.45 (13 anos)
TEATRO DO NOSSO TEMPO - "O Príncipezinho", às 21.30 (8 anos)
D. MARIA II - "Cartas Portuguesas de Soror Mariana", às 21.45 (13 anos)

Outros Espectáculos

Lisboa
CAPITOLIO - "Terapia Sexual", às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLÍMPIA - "A Freira Diabólica", sessões permanentes (18 anos)
CITY CINE - "A Aventura Começa em Cabo Branco", às 21.15 (13 anos)
ROYAL - "Gelado de Limão", às 21.30 (15 anos)
PARIS - "A Grande Batalha", às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - "Ambição Inacreditável", às 21.30 (13 anos)
CINEARTE - "O Dia Mais Longo", às 21.30 (10 anos)

Linha de Cascais

PAREDE - Royal-Cine - "Santo Contra Dr. Morto", às 21.15 (18 anos)
ESTORIL - Cealno - "Caravanas", às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Palácio - "Superman", às 21.15 (13 anos)
CASCAIS - Gá Vicente - "Grease (Brilhantina)", às 21.15 (13 anos)
CASCAIS - Oxford - "O Síndrome da China", às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Cine-Plaza - "Norma Rae", às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Lido - "Aeroporto 80", às 21.30 (13 anos)
AMADORA - Cinestúdio - "Bárbula no Leste", às 21.30 (13 anos)
CACÉM - Estúdio-Flora - "Chamavam-lhe Bulldozer", às 21.30 (13 anos)
SINTRA - Carlos Manuel - "O Tubarão", às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA - Inicível - "A Dama da Lotação", às 21.15 (18 anos)
ALMADA - Academia - "Poder Diabólico", às 21.15 (13 anos)
SETUBAL - Júpiter - "A Ila dos Ursos", às 21.15 (13 anos)
SETUBAL - Sala Carlos Ferreira - "Credores", às 21.30 (13 anos)

Porto

FOCO - "O Gato que Veio do Espaço", às 21.30 (8 anos)
JÚLIO DINIS - "Barcelona Kiss", às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA - "Júlia e os Homens", às 21.15 (18 anos)
RIVOLI - "Quero o Meu Filho", às 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL - "Sonata de Outono", às 21.30 (18 anos)

VALE FORMOSO - "Aeroporto 80", às 21.30 (13 anos)
ESTUDIO - "Noites Vermelhas", às 21.30 (13 anos)
TRINDADE - "Uma Aventura para Dois", às 21.45 (13 anos)
CHARLOT - "Sonata de Outono", às 21.45 (18 anos)
BATALHA - "A Tulpa Negra", às 21.45 (13 anos)

BEBÉ - "E a Ternura? Uma Ova-21.45 (13 anos)

DL

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.
 Administração: Rua Castilho, 185 - 1.
 Telefones 654531/2/3 - 1100 Lisboa
 Redacção: Publicidade e Serviços Técnicos
 Rua Luz Soriano, 44
 Telefones 321154/5 - 320271/2/3
 Publicidade 368740

Serviço Norte (Depois das 21)
 Porteiro 321154
 Mensagens Gravadas 320229

Endereço: Telefónico Dúbia
 Telex 12363 Lisboa Portugal

Delegação do Porto: Rua do Almada, 30
 Telefones 20954/5 - 4000 Porto

Freitas do Amaral fala da Europa Lorenzo Natali responde com África

Durante um jantar oferecido ontem, «na qualidade de vice-primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros», como fez questão em sublinhar, Freitas do Amaral afirmou ser a nossa integração no Mercado Comum «a prioridade das prioridades da política externa portuguesa». Em resposta, Lorenzo Natali, vice-presidente da CEE, sustentou que por «razões culturais, históricas e geográficas», o papel de Portugal é particularmente importante nas relações da Comunidade com os países «da bacia mediterrânica, da África e da América Latina».

Para Freitas do Amaral a presença de Lorenzo Natali tem a ver com o (nosso) destino. Mais ou menos textual: Lorenzo Natali seria «o símbolo vivo do empenhamento de um europeu (...) na tarefa de nos ajudar a ultrapassar as barreiras que ainda nos separavam do nosso destino».

Acrescenta o ministro dos Negócios Estrangeiros que os aspectos decisivos das reuniões de suplentes que se têm estado a realizar poderão «ficar concluídos ainda durante o mandato da actual comissão».

louro está mais directamente ligado às negociações com a CEE.

Hoje, durante a manhã, Lorenzo Natali que foi recebido por Sá Carneiro, trabalhou, mais a comissão da CEE que o acompanhamento, com responsáveis governamentais nas negociações da integração de Portugal no Mercado Comum. A partir das 16 horas, haverá uma conferência de imprensa na sede da Comissão da CEE em Lisboa.

Na próxima segunda, provavelmente à tarde, Lorenzo Natali será recebido pelo Presidente da República.

Em Tavira Marginais em fuga matam motorista de táxi

Foi morto com quatro navalhadas o motorista de táxi de Tavira cujo corpo foi encontrado há três dias no sítio do Palheiro próximo daquela cidade algarvia.

A vítima, Abel de Freitas Teixeira, de 38 anos era natural de Celorico de Bastos, mas estava há muito radicado em Tavira. Conduzia o táxi DE-65-49 e desde quarta-feira que tinha desaparecido vindo o cadáver a ser encontrado um dia depois com três feridas no abdómen e uma na garganta junto à estrada 397 entre Tavira e Cachopo.

A viatura foi encontrada em Vila Real de Santo António no parque de estacionamento existente junto à alfândega. As autoridades policiais estão convictas de que o crime terá sido prati-

cado por delinquentes relacionados com crimes cometidos na área de Lisboa e que em fuga para alcançarem a Espanha, tenham utilizado vários meios para se deslocarem, nomeadamente o táxi do Abel, morto ou por se ter recusado a levá-los ao local pretendido ou por ter manifestado qualquer suspeita que terá assustado os marginais.

Sendo assim, os autores da morte de mais este motorista de táxi, estarão a fugir das autoridades policiais que em virtude de alguns crimes graves, em especial o da morte do guarda da PSP Delfim de Almeida Fernandes em Sintra, no assalto à Repartição de Finanças, organizaram uma gigantesca operação envolvendo elevados efectivos.

Eram duzentas garrafas...

Duzentas garrafas de bebidas que se destinavam a um restaurante de Alverca desapareceram durante a noite passada dum viatura, tendo a Secção de Justiça da PSP encontrado parte delas na posse dum motorista de táxi que teve a sorte, segundo diz, de as ter encontrado no carro deixadas por algum cliente distraído.

O proprietário do restaurante de Verdelha de Baixo mandara o sobrinho comprar cento e cinquenta contos de bebidas, brande, licor e uísque, que este deixou na carrinha enquanto foi dormir. Alguém que não dormia lhe levou as bebidas das quais, duas caixas desapareceram por encanto nas mãos do motorista Vicente, de 34 anos, agora a contar a sua «estória» à Polícia.

Pequeno sismo nos Pirenéus

O Sudoeste da França, e o Norte de Espanha foram ontem abalados por um sismo que, apesar de alguns estragos, não causou vítimas.

O sismo fez tremer os Pirenéus e uma vasta área da costa mediterrânica às 20h37 tmG, tendo a população das regiões afectadas saído para a rua em pânico.

Em Espanha, o sismo foi sentido, nomeadamente em Barcelona e Tarragona, e numa vasta zona da costa nordeste do País.

Sessão moçambicana em Carnaxide

A Associação Portugal-Moçambique leva amanhã a efeito, a partir das 15 e 30, uma sessão de esclarecimento na Sociedade Filarmónica Fraternidade de Carnaxide, subordinada ao tema «Revolução Moçambicana».

Serão oradores diversos cooperantes de vários ramos de actividade — economia, cultura, ensino, etc. — e estarão presentes membros da Embaixada da RPM e da associação.

Nobre da Costa em Bruxelas Electrometalomecânica deve ser sector de desenvolvimento prioritário

A electrometalomecânica geral deverá ser o sector de desenvolvimento prioritário no quadro da adesão de Portugal à CEE, afirmou em Bruxelas Nobre da Costa, no Colóquio Internacional sobre «O Investimento em Portugal nos Anos 80».

O Encontro foi organizado conjuntamente pelo Centro de Investigação em Gestão Internacional (CIGI) da Universidade de Lovaina, pela delegação do Fundo de Fomento da Exportação em Bruxelas e pelo Instituto do Investimento Estrangeiro.

Participaram na reunião cerca de duas centenas de empresas europeias, norte-americanas, japonesas e portuguesas.

A Comunidade Europeia esteve, oficialmente representada.

O objectivo central do colóquio era a avaliação e análise do potencial e das condições de investimento em Portugal, na perspectiva da futura integração do país nas Comunidades Europeias.

A reunião foi presidida pelo presidente do CIGI.

As comunicações foram apresentadas por Nobre da Costa, João Salgueiro, Alexandre Vaz Pinto, e Mário Pinto, da Universidade Católica de Lisboa.

Na sua comunicação, intitulada «O Desenvolvimento Industrial em Portugal», Nobre da Costa traçou uma rápida perspectiva da evolução da indústria portuguesa nos últimos vinte anos, debruçando-se depois sobre as oportunidades de especialização produtiva da economia portuguesa.

Na opinião de Nobre da Costa a indústria portuguesa deverá desenvolver novas produções de tecnologia intermédia e expandir os seus sectores tradicionais, nas gamas de qualidade média e superior, tirando partido dos custos salariais, «Know-how» e situação geográfica.

Simultaneamente — disse — haverá interesse em captar para Portugal a emigração de indústrias antigas, em deslocação para o Sul, nomeadamente a in-

dústria automóvel.

O padrão industrial resultante destas linhas e das condicionantes internas da economia implicará, segundo Nobre da Costa, a reestruturação dos sectores exportadores tradicionais, o desenvolvimento de modernos sectores trabalho — intensivos e o aproveitamento dos recursos minerais, com o alargamento do sector das indústrias básicas.

Ao mesmo tempo, Nobre da Costa defende o desenvolvimento de um núcleo de unidades de elevada intensidade tecnológica que promova a entrada a prazo do país em sectores de ponta, aproveitando vantagens regionais.

Na base desta estratégia de especialização, Nobre da Costa afirmou que terão de ser incentivados os sectores com boas perspectivas a médio e longo prazo e não apenas os que beneficiam já de vantagens evidentes, como é o caso dos têxteis.

A electrometalomecânica em geral e a electrometalomecânica ligeira em particular foram considerados sectores prioritários no modelo de desenvolvimento industrial proposto por Nobre da Costa, que sublinhou ainda as potencialidades de expansão da electrónica industrial.

Nobre da Costa considerou que Portugal tem um código de investimento estrangeiro «bastante liberal» e defendeu a possibilidade de desenvolvimento da indústria aeronáutica no país.

Vaz Pinto centrou a sua comunicação sobre «o clima do in-

vestimento», apresentando o quadro legal da política de promoção do investimento estrangeiro em Portugal.

O presidente do IIE afirmou que Portugal está particularmente interessado em dirigir os capitais externos para as indústrias automóvel e correlativas, alimentar, extractiva, farmacêutica e do turismo.

João Salgueiros definiu em linhas gerais o sistema bancário português, referindo-se às condições concretas de acesso ao crédito e ao financiamento dos projectos de investimento.

Mário Pinto estabeleceu o quadro institucional das relações de trabalho e da contratação em Portugal, concretizando o papel dos diferentes parceiros sociais e do Governo.

Contactada pela ANOP, a delegação do Fundo de Fomento da Exportação em Bruxelas considerou que a reunião foi um êxito.

Estiveram presentes cerca de três dezenas de empresas portuguesas, que aproveitaram a reunião para estabelecer contactos directos com potenciais investidores, que manifestaram particular interesse nos domínios da indústria extractiva, derivados de petróleo, metalomecânica, confecção e construção naval.

Algumas empresas portuguesas levavam já consigo projectos concretos, para os sectores do turismo, indústria naval e alimentar e materiais de construção — (ANOP/DL)

Presidente da RFA elogia actuação de Eanes na posse do novo embaixador

O presidente da RFA, Carl Carstens, que recebeu na quinta-feira as credenciais do novo embaixador de Portugal em Bona, salientou que o general Ramalho Eanes contribuiu para o fortalecimento das relações com a RFA e aludindo à visita do Presidente de Portugal à RFA em 1977, disse estar convencido de que o ingresso de Portugal na Comunidade Europeia contri-

buirá ainda mais para o estreitamento dos contactos entre portugueses e alemães.

Por sua vez, Paulo Enes, o novo embaixador solicitou o apoio das autoridades da RFA para a adesão de Portugal à CEE, salientando que «desde as últimas eleições Portugal tem um Governo estável para combater os problemas económicos e sociais do País».

Na segunda-feira Entrevista com governador civil de Beja



Parreira Cortez

Parreira Cortez, um «independente da AD», que sucedeu ao eng. Almeida Manso

(PS) no cargo de governador civil de Beja, está a ser contestado no distrito por parte das estruturas juvenis do CDS, que parecem estar bem acompanhadas nesta contestação por qualificados quadros «seniores» do partido. Para os jovens centristas, o governador civil ideal seria Lourenço Fêria, responsável máximo do CDS no distrito.

Entrevistado pelo «DL», Parreira Cortez respondeu a esta questão, bem como a outras

relacionadas com problemas tão importantes como a Reforma Agrária, Alqueva, a actualização da GNR e as suas relações futuras com as Câmaras do Baixo Alentejo, lideradas, na sua esmagadora maioria, como se sabe, pela Aliança Povo Unido.

Colégio Militar faz anos



O Colégio Militar comemora hoje e amanhã o 177.º aniversário da sua fundação. As cerimónias iniciaram-se esta manhã às 10 e 45 com a chegada do vice-chefe do Estado-Maior General das Forças Armadas e do programa destacam-se o desfile do Batalhão Colegial perante o busto do fundador, a inauguração de uma exposição de uniformologia, iconografia e mode-

lismo histórico-militar e o jantar de confraternização dos antigos alunos que se realiza esta noite.

Amanhã às 12 horas o Batalhão Colegial desfilará pela Avenida da Liberdade.

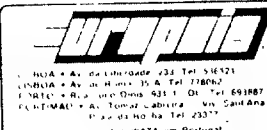
O programa encerra com uma missa de sufrágio pelos antigos alunos, oficiais, professores e demais servidores do Colégio, na Igreja de S. Domingos.

viagens na PÁSCOA

uma vasta gama de itinerários a sua escolha

AUSTRIA — 5/7 Abril
 Suíça (Engelberg) — 30/3 a 6/4
 GRÉCIA — 30/3 a 6/4
 Andorra — 30/3 a 6/4
 MADEIRA — 30/3 a 6/4
 Açores — 7 e 8 dias
 PALMA MAIORCA — 4/8 Abril
 Benidorm — auto-lérias
 ALGARVE — auto-lérias

peça-nos programas detalhados



(Hoje 32 páginas)

ÍNDIA e NEPAL

Maravilhosa excursão visitando:

KATMANDU • PATAN • DELHI
 JAIPUR • AGRA • KHAJURAHO
 VARANASI • CALCUTA • PURI
 BHUBANESWAR • KONARAK

Partidas 22 MARÇO 80

31 MAIO 80

Incluindo: Avião, Hotéis, Visitas, acompanhamento

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES

abreu
 fundada em 1840

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

PORTO Av. dos Aliados 207 • Telef. 31 79 21

LISBOA Av. da Liberdade 160 • Telef. 37 13 41

COIMBRA Rua da Sota 2 • Telef. 270 01/2

FARO Av. República 124 • Telef. 25036/6

FUNCHAL Rua do Gurgulho 2 • Telef. 3077/8

CRUZEIRO da PÁSCOA

De LISBOA a LISBOA

A bordo do moderno paquete

FUNCHAL

Classe única • Serviço de 1.ª cl.

MARROCOS E PORTOS FRANCOS

GIBRALTAR • TANGER • CASABLANCA

De 31 Março a 5 Abril/80

Preços excepcionais desde

11.900s

ISENTO DE AVERBAMENTO NO PASSAPORTE
 EXCELENTE OPORTUNIDADE! LUGARES LIMITADOS!

ORGANIZAÇÃO EXCLUSIVA

abreu

fundada em 1840

UMA EMPRESA PRIVADA, DINÂMICA E COMPETENTE AO SEU SERVIÇO

LISBOA - Av. Liberdade, 160 - Tel. 371341

PORTO - Av. Aliados, 207 - Tel. 317921

COIMBRA - Rua da Sota, 2 - Tel. 27011/2

FARO - Av. República, 124 - Tel. 25035/6

FUNCHAL - Rua Gurgulho, 1 - Tel. 31077/8

Os novos caminhos da droga

Carlos Aboim de Brito

A sexta sessão extraordinária da Comissão de Estupefacientes das Nações Unidas, realizada em Viena de 11 a 20 de Fevereiro, encerrou os trabalhos reafirmando a sua oposição à despenalização do uso da cannabis, sem, no entanto, definir uma nova estratégia mundial de luta contra a droga. Limitou-se a encarregar a Divisão de Estupefacientes, com sede em Viena, a elaborar um programa de acção até à próxima reunião da Comissão, em Fevereiro de 1981.

No balanço esboçado durante as intervenções dos delegados de 60 países destacam-se as seguintes conclusões: o progresso da politoxicomania a nível internacional e, em particular, nos Estados Unidos na Europa; o aumento da heroína e do uso da cannabis; a subida em flecha do consumo de cocaína; e o abuso das substâncias psicotrópicas (tranquilizantes e anfetaminas). Em 1979, o Fundo das Nações Unidas para a Luta contra o Abuso da Droga (FNUAD) dispôs de 4900 mil dólares (em vez de 7 200 em 1978 e 7 600 em 1977).

Os Estados Unidos, que contribuíram até agora com 80 a 90% do orçamento, afirmaram em Viena que irão reduzir o seu contributo a 25% das participações.

A Convenção sobre as substâncias psicotrópicas, em vigor desde 1976, foi ratificada até hoje apenas por 59 países, não contando ainda com o apoio dos Estados Unidos, do Canadá, da Grã-Bretanha e da Holanda.

★

Entretanto, Portugal continua a ser mencionado por diversas

organizações internacionais responsáveis pelo combate ao tráfico da droga. Assim, na sequência da detenção, recente em Paris, de dois traficantes de cocaína, um porta-voz da Brigada de Estupefacientes de Paris declarou existir uma rede portuguesa de cocaína proveniente da Colômbia e do Peru. Segundo o mesmo porta-voz, os traficantes portugueses adquirem a coca na América Central, vendem-na a intermediários em Lisboa, que, por sua vez, a escoam por toda a Europa Ocidental. Por diversas vezes, Portugal tem sido indicado como o principal centro europeu de tráfico de drogas desde 1974, substituindo Marselha nas rotas intercontinentais. A brigada especial de combate ao tráfico de droga da Polícia Judiciária (JPJ) do Porto apreendeu recentemente 60 quilos de haxixe, proveniente de Marrocos, que haviam sido roubados de um iate holandês que fizera escala no porto de Leixões, rumo a França. As buscas foram iniciadas depois de a Interpol ter informado a PJ e o Centro de Investigação e Controlo da Droga (CICD) do Porto, da descoberta, pelas autoridades francesas, de um carregamento de uma tonelada de haxixe no referido iate.

BALANÇOS DE ACTIVIDADE POR UM LADO...

O CICD foi criado em 1977 na dependência da Presidência do Conselho de Ministros, com o objectivo de combater o desenvolvimento do tráfico e do consumo de drogas, iniciado com particular intensidade

durante os primeiros meses do processo de descolonização de Angola e Moçambique. No balanço de actividades de 1979, aquele organismo reconheceu não ter atingido um dos objectivos que se propunha — «reduzir os desvios de droga lícita para o mercado clandestino» — devido à dificuldade de «implantação de um sistema eficaz de controlo, fiscalização e segurança do comércio, indústria e prescrição de produtos farmacêuticos». Baseando-se no relatório de Setembro passado, referente aos seis primeiros meses de 1979, o CICD afirma que diminuíram as detenções de traficantes pequenos, bem como o volume de droga apreendida no médio e grande tráfico. Acrescenta que a única excepção se refere à heroína, cuja quantidade apreendida aumentou

sensivelmente.

Assinala também que o álcool, crescentemente utilizado como potencializador de outras drogas, passou a constituir a droga principal ou exclusiva para muitos jovens. Quanto à heroína, que invade a maior parte dos países da Europa, a partir da ligação Turquia-Alemanha Federal, o relatório indica que «embora a sua taxa de prevalência e de incidência em Portugal sejam aparentemente inferiores às dos países europeus e dos Estados Unidos, o CICD não possui indicadores das variações que porventura se tenham verificado. De acordo com as informações colhidas no meio, as apreensões realizadas, ou o número de mortes por overdose conhecidas, o CICD afirma não ter havido um agravamento

Continua na pág. 6



Grândola prepara homenagem a Zeca Afonso



Grândola prepara uma homenagem ao homem que a imortalizou como «símbolo» do 25 de Abril. Lourdes Fêria esteve lá, para vo-lo contar. Na foto, Zeca Afonso com Carlos Paredes, no tempo em que compôs a canção (pág. 3)

Entrevista com Pi de la Serra



De passagem em Lisboa, Pi de la Serra foi abordado por Augusto Vilela e diz ao Sete Ponto Sete o que pensa das relações entre a qualidade artística e o carácter revolucionário da arte de intervenção. (Entrevista na pág. 2)

Beckett, Ritsos e Shakespeare definitivamente saneados?

Carlos Porto

Quase um mês da inesperada e discutida decisão do senhor secretário de Estado da Cultura (de extinção da companhia do São Luiz) — tudo continua na mesma. Na mesma, quer dizer: os actores e técnicos contratados pela companhia estão, como não podia deixar de ser, a ganhar os seus vencimentos — mas não trabalham. Aqueles que trabalharam — sem nada até hoje terem recebido — continuam sem quaisquer garantias de que o seu trabalho será, como é devido, pago. Pior do que isso, porém, pior do que essa dupla imoralidade que é ganhar sem trabalhar (apesar da vontade em fazê-lo) e de trabalhar sem ganhar — consiste no facto das criações que estavam para ser apresentadas continuarem suspensas, num manifesto desprezo pelo direito à expressão e pelo trabalho intelectual.

Depois do despacho que extinguiu a companhia do São Luiz, o senhor secretário de Estado da Cultura, fez publicar um outro em que nomeava uma comissão para estudar as formas da fusão dessa companhia na do Teatro D. Maria II. Tratou-se, como parece evidente, da confissão de que a primeira atitude, foi, pelo menos, precipitada. Composta por Lima de Freitas, em representação do D. Maria II, por Carlos Avilez, sem representação por um representante da Direcção-Geral de Espectáculos (o próprio Director-Geral) e por Carlos Marques, membro da administração do D. Maria II, a comissão referida reuniu e resolveu suspender os seus trabalhos devido à publicação do Decreto-Lei n.º 533/79, assinado por Helder Macedo, que contempla a reestruturação dos teatros nacionais institucionalizando a existência em Lisboa de uma segunda companhia nacional.

A comissão considerou dados os problemas decorrentes dos referidos diplomas que devia suspender os trabalhos, «sem prejuízo da elaboração do inventário dos problemas e propostas de resolução, que constituem o objectivo do n.º 2 do referido despacho de 11-2-1980». Que se saiba esse trabalho não foi efectivamente feito, e os trabalhadores do São Luiz continuam a aguardar que a sua verdadeira situação seja efectivamente definida.

Situação kafkiana, em que dezenas de artistas deste país são colocados sem que haja, por quem de direito, o mínimo respeito e consideração pelo trabalho, pelo talento, pelos esforços feitos. Não creio que um caso destes seja possível em qualquer outro país. Entretanto, a pergunta, mantém-se: Shakespeare, Beckett, Ritsos serão saneados pela Secretaria de Estado da Cultura?

Augusto Vilela

«Sempre acreditei que a canção é um veículo cultural como qualquer outro. É um fenómeno muito directo. As pessoas tomam contacto com o artista e então a canção pode chegar a aglutinar uma série de gente que se manifesta no sentido que interessa ao cantor».

É desta forma que Pi de La Serra, cantor catalão, vê a música como factor de intervenção no processo político, mas essa intervenção, de acordo com o seu ponto de vista, deve orientar-se por padrões de qualidade porque «um fenómeno cultural não será revolucionário se não for bem feito», ou seja, «não basta que digam só que uma canção é panfletária». Há sempre que «buscar a qualidade» especialmente quando se entra no campo profissional.

Pi de La Serra esteve agora de novo em Portugal e os contactos que estabeleceu com outros cantores e com o público português abriram-lhe novas perspectivas ao mesmo tempo que lhe revelavam os aspectos específicos da música portuguesa que ele considera bastante diferentes da realidade que se vive em Espanha.

Qualidade da música portuguesa

Na opinião de Pi de La Serra que confiou ao «DL» os seus pontos de vista sobre o que se está a passar tanto em Portugal como em Espanha no domínio de música, «há aqui uma grande qualidade na canção de texto». Considera Luís Cília, José Afonso, Fausto, Vitorino, Sérgio Godinho e outros da mesma linha como grandes

cantores, mas reconhece que eles se encontram com «uma realidade política muito comprometida», que não permitiu desenvolver as condições para que se crie uma estrutura em que a canção possa fazer-se de uma maneira profissional.

«Uma pessoa que faz canções e vende discos seria normal que pudesse cantar de uma maneira normal. Isto deve-se às condições económicas do País. É uma pena mas por outro lado as condições duras criam gente dura. É triste porém que estes nomes que citei tenham problemas económicos de subsistência».

Pi de La Serra referia-se especialmente à quase impossibilidade de os cantores portugueses poderem viver da música, terem actuações programadas e minimamente remuneradas, pondo esta situação em confronto com o que se passa na Catalunha, «um país pequeno com uma característica nacional muito clara e com uma vida legal um tanto discutível mas onde começamos a ser conhecidos no mínimo como outros cantores do mundo».

Sublinhou também que há disponibilidade de salas e que é possível cantar com uma certa assiduidade, embora a Catalunha seja «uma realidade própria» e cantar em catalão «um facto que compromete».

Em todo o caso Pi de La Serra afirma que há mais canções de intervenção em Portugal do que na Catalunha e que estas são diferentes não se lhes encontrando traços comuns na medida em que reflectem realidades políticas e sociais diversas. «Na Catalunha há um problema de nacionalidade. Portugal não tem problemas destes mas é um país pobre que saiu de um processo de descolonização e de um processo político complicado».

Pi de la Serra

Um fenómeno cultural não será revolucionário se não tiver qualidade



Pi de la Serra

O papel da canção

Respondendo a uma pergunta sobre o papel do cantor como activador da consciência política das massas, Pi de La Serra diz não acreditar que isso tenha acontecido em Espanha.

«Para isso penso nos partidos e nos sindicatos mas se a canção ajuda melhor. Não sei o que faz a gente quando sai do teatro. Creio que vai dormir. Se o facto de cantar faz com que a gente que escuta pense numa

realidade social é já importante. Por si só o papel da canção é bastante fraco, embora haja excepções como aqui em Portugal». Mas Pi de La Serra é catalão e a sua luta é a de milhares de compatriotas seus por uma autonomia real e uma identidade política própria.

«A nós, catalães, interessa-nos muito sair do país porque estamos numa situação de sobrevivência enquanto ninguém nos conhecer.

Recordo-me que estivemos em Berlim e ninguém nos conhecia mas disseram que tínhamos mais qualidade que a generalidade da canção alemã.

O que nos interessa é fazer com que se saiba que a Catalunha existe e que está a travar uma luta para ter uma autonomia real».

Franco morreu tarde

Sendo um profissional da canção Pi de La Serra luta pela Catalunha, lutou pela Catalunha e teve todo o tipo de problemas durante o franquismo, desde as perseguições a ficar com o passaporte caçado ou à proibição de cantar.

As condições políticas em Espanha são hoje diferentes mas para o cantor catalão, «Franco morreu tão tarde que já toda a gente estava cansada». Em termos de mudança «a classe mais beneficiada foi a classe operária» porque «de uma repressão fascista teve a possibilidade de organizar-se para melhorar as suas condições de vida. Como esta mudança não se nota de um dia para o outro, a UCD soube muito bem fazer o seu papel e cansou as pessoas com tantas eleições. A um povo que tem um quase total desconhecimento político fazem-lhe disputar tantas eleições de chofre que há uma espécie de apatia que a esquerda está a analisar».

Pi de La Serra centrava as suas atenções no caso da Catalunha e sublinhou o facto de a esquerda, «que não pode considerar-se minoritária», estar «dependente» de Madrid. «Gostaríamos de ter uma mudança mais real. Agora estamos à espera das eleições autónomas da Catalunha mas cada vez que há eleições há mais abstenções. Não creio que seja a esquerda que cause confusão mas quando a UCD convoca eleições municipais e as perde todas depois actua de uma

maneira fascista limitando todos os poderes». As condições políticas do país reflectem-se obviamente no apoio à cultura.

«A UCD nem sequer é social-democrata e não vai nem pode promover a cultura popular porque resultava contra eles».

Refere-nos que é difícil organizar uma «tourné» profissional por falta de teatros embora na Catalunha o panorama seja melhor e mais fácil encontrar salas para actuar. Nascido em 1942, em Barcelona, Pi de La Serra é oriundo de uma família da classe média que não lhe deu problemas para cantar. Isto apesar dele estudar pouco e ser frequentemente expulso dos colégios.

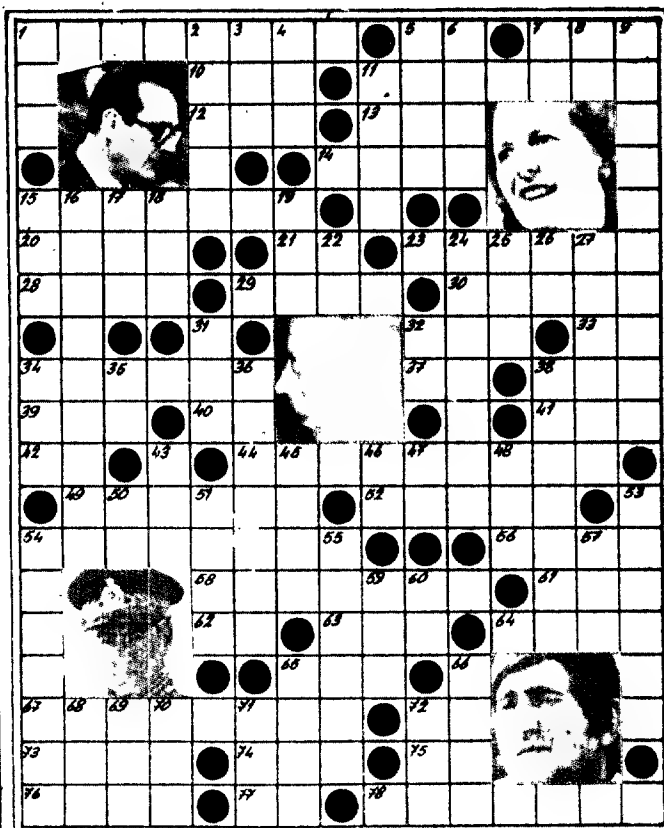
Fez o serviço militar em África e dedicou-se depois exclusivamente à canção. Não foi um trabalho fácil.

«Todas as pessoas que faziam algo fora do sistema tiveram muitos problemas. Não podíamos sequer exilar-nos porque era impossível a cantar em catalão viver em qualquer parte da canção. Em Espanha as dificuldades eram muitos. Cada vez que cantávamos tínhamos que apressar as letras em triplicado. Mas a canção escapou um pouco ao franquismo e quando ele deu conta existia já um público».

Pi de La Serra mostrou-se surpreendido com o acolhimento que teve em Portugal e confessa não compreender porque é que as pessoas gostam tanto daquilo que faz e de o ouvir cantar. Sobre os seus colegas portugueses diz que «Portugal terá de ser consciente de que possui grandes cantores e tem de cuidar deles, porque têm grande nível internacional».

Em Maio Pi de La Serra voltará a Portugal. Desta vez para lançar um disco seu e para realizar alguns espectáculos.

palavras cruzadas



HORIZONTAIS:

1/15 - A 13 de Fevereiro de 1965, este valoroso general, foi assassinado em Badajoz por uma brigada da PIDE chefiada por Rosa Casaco e constituída por Ernesto Lopes Ramos, Agostinho Tienza e Casimiro Monteiro. Será que a «Justiça vem algum dia?»; 5. Abreviatura de miriarte; 7. O vencimento diário de um soldado; 10. Filtra; 11/23. Este dirigente do Reagrupamento Francês para a República (PRR), afirmou em Conferência de Imprensa que a adesão de Portu-

gal e Espanha será traumatismo para a CEE; 12. Grito; 13. Anel; 14. Mamífero desdentado espécie de tatu; 20. Rio da Alemanha que nasce no Tirol; 21. Tumor, o mesmo que arrieira; 28. Moeda de Dio; 29/34/44. Na Assembleia da República foi denunciado um verdadeiro «escândalo», quando um deputado socialista acusou este secretário-geral da CAP de compadrio com o presidente da mesma, de ter recebido 70 mil contos e de ter depositado uma parte a prazo; 30. Freguesia do concelho da Covilhã; 32. Partido; 33. Caminhar; 37. Cério (s.q.); 38. Arara; 39. Nome de letra; 40. Batráquio; 41. Chefe etíope; 42. Colónia romana da Líbia de cuja união com Sobrata de Léptis Magna derivou mais tarde o nome da cidade principal - Tripolis; 49. Saliras frequentemente à rua; 52. Pessoa muito parecida com outra; 54/67. Esta primeira-ministra britânica, cognominada «A Dama de Ferro», está contra «greve de aço», confirmando recentemente nos Comuns, a linha intransigente adoptada pelo seu Governo no conflito que paralisa a siderurgia desde há cerca de sete semanas. A mesma dama, ameaça mesmo apoiar o encerramento pela «British Steel Corporation» salientando ser «uma excelente solução»; 56. Pronome demonstrativo; 58. Casebres; 61. Espécie de pandeiro usado pelos povos do N. de África; 62. Campeão; 63. Óxido de cálcio; 64/72/78. Os reféns detidos na embaixada americana em Teerão poderão ser libertados antes da extradição deste soberano depósito, contudo, Bani Sadr, presidente da República Iraniana afirma que a mesma extradição é um problema estratégico e que ele e o seu povo continuarão a reclamá-la; 65. Combinação dos pronomes pess. compl. te a as; 73. Encoleriza; 74. Governanta; 75. Porco. (Inv.); 76. Primeiro rei dos Hebreus; 77. Apelido

VERTICAIS:

1. Deusa ou gigante da morte, na mitologia escandinava; 2. Peixe do mar Vermelho; 3. Lista; 4. Tanto; 5. Ramo delgado de árvore (Bras); 6. Ave de rapina; 7. Plutónio (s.q.); 8. Nota musical; 9. Abres de par em par; 11. Esteira tecida de folhas de palmeira. (Bras); 15. O espaço de tempo que vai do nascer ao por do sol; 16. Danificara; 17. Pequeno poema medieval narrativo ou lírico; 18. Grande; 19. Espádua; 22. Carta de jogar; 24. Antigo povo de Espanha; 25. Cólera; 26. Rádio (s.q.); 27. Acrescentar; 31. Preposição; 32. Duzentos em romano; 34. Cidade da Índia na costa do Malabar; 35. Sódio (s.q.); 36. Alaras; 38. Conduza à força; 43. Página; 45. Campeões; 46. Quantum satis; 47. Alternativa; 48. Terceiro; 50. Cidade da antiga Caldeia; 51. Casta; 53. Residência; 54. Maliciosas; 55. Tangerina; 57. Interjeição que exprime pancada rápida; 59. Bigorna de aço sem hastes; 60. O mais; 65. Assunto; 66. Cidade de Inglaterra; 68. Ave da Amazônia; da família dos psitácidos; 69. Sapo do Amazonas; 70. Bigorna de ourives; 71. Tens; 72. Província da Etiópia.

SOLUÇÕES

VERTICAIS:

1. Hel; 2. Écula; 3. Rol; 4. Tão; 5. Mará; 6. Açor; 7. Pu; Re; 9. Escancaras; 11. Japá; 15. Dia; 16. Estragara; 17. Lai; 18. Grá; 19. Omo; 22. As; 24. CC; 34. Mãe; 35. Na; 36. Leças; 38. Arraste; 43. Pág.; 45. Aes; 46. OS; 47. Ou; 48. Ill; 50. Ur; 51. Raça; 53. Morada; 54. Marotas; 55. Tocara; 57. Tás; 59. Tas; 60. Ai; 65. Tema; 66. Bath; 68. Hia; 69. Aru; 70. Tal; 71. Has; 72. Xia.

HORIZONTAIS:

1/15. UMBERTO DELGADO; 5. Ma; 7. Pré; 10. Coa; 11/23. JACQUES CHIRAC; 12. Uio; 13. Aro; 14. Apar; 20. Isar; 21. Ma; 28. Alia; 29/34/44. JOSÉ MANUEL CASQUEIRO; 30. Erada; 32. Cia; 33. Ir; 37. Ce; 38. Ara; 39. Agá; 40. Ras; 42. Ea; 49. Ruaras; 52. Sósia; 54/67. MARGARET THATCHER; 56. Isso; 58. Casotas; 61. Tar; 62. As; 63. Cai; 64/72/78. REZA XA PAHLAVI; 65. Tas; 73. Aira; 74. Ama; 75. To; 76. Saul; 77. Sa.



Sete Ponto Sete, suplemento das sextas-feiras do «Diário de Lisboa».

Responsabilidade editorial: João Mendes. Colaboradores permanentes: Jorge Leitão Ramos, Carlos Porto, Mário Vieira de Carvalho, Ernesto Sampaio, Rogério Rodrigues, Manuel Anta. Colaboradores convidados: Duda Guernes, Carlos Pessoa, Manuel Cadafaz de Matos. O Sete Ponto Sete não se compromete a publicar colaboração não solicitada e os originais não publicados não serão devolvidos. Consideramos, porém, com o maior interesse, a correspondência que nos é enviada com pedido de publicação; deve ser dirigida a João Mendes, Redacção do «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44, 1200 Lisboa, com a menção «Suplemento Sete Ponto Sete».

Lisboa, de 1
a 7 de Março de 1980

Música

Grândola ordena homenagem a José Afonso

Lourdes Féria

Num destes dias, em Grândola, José Afonso vai ser homenageado. Gesto merecido que o povo lhe deve. Será uma cerimónia simples, sem dúvida. Mas não tão simples como tudo isso. O autor da «Grândola, Vila Morena» não é um estranho na «cidade». Tem um amigo em cada rosto. Amigos de longa data, coincidentes com os anseios de liberdade que sempre animaram José Afonso.

A canção «Grândola, Vila Morena» é mais do que o hino do 25 de Abril. É o próprio espírito daquela Revolução que se busca, às vezes, uma vida inteira. Do povo a mandar (a mandar mesmo). Da igualdade que se reclama. Da fraternidade em movimento.

Os símbolos do socialismo estão contidos, por inteiro, dentro dessa canção, feita em 1964, na Sociedade Musical «Fraternidade Operária Grandolense», numa noite de resistência. Num dos muitos desafios que as forças progressistas dirigiam ao poder. O acto simples de José Afonso cantar já tinha qualquer coisa de heróico tanto para ele como para os que o escutavam.

Faz em Maio, dia 17, dezasseis anos que a canção nasceu. Foi num domingo de festa em que aquela colectividade de recreio comemorava os seus 52 anos de actividade. Do programa constavam os nomes de José Afonso «em baladas e canções de Coimbra, com acompanhamento de Rui Pato» e ainda Carlos Paredes e Júlio Abreu.

«O Zeca subia ao palco e nós pedimos-lhe para fazer uma canção sobre a nossa terra, dedicada à gente. Ele escreveu, ali mesmo, a letra e compôs a música e cantou a canção nessa noite. É verdade que ficámos muito satisfeitos... mas aplaudimos a canção da mesma maneira que aplaudíamos as outras suas. Nós, aqui em Grândola, passávamos, de mão em mão, os «Vampiros» tal como fazíamos circular os «Subterrâneos da Liberdade», de Jorge Amado. Às escondidas por causa da PIDE — afirmou Manuel Martins da Costa, director da Sociedade «Fraternidade Operária Grandolense», na época. Este homem, relojoeiro, agora com uma pequena loja na rua mais comercial de Grândola, foi obrigado a fugir para o estrangeiro no tempo do fascismo, devido ao seu envolvimento com o Partido Comunista. Quando a PIDE o ia prender, sem todavia, o ter encontrado, levou precisamente a cassette com a canção «Grândola, Vila Morena» de José Afonso, gravada na noite de 17 de Maio, em 1964. Manuel Martins da Costa disse-nos que a homenagem a José Afonso «estava na forja». E se ela não aconteceu mais cedo deve-se talvez ao facto de o Zeca «ultimamente se ter afastado um pouco de nós...» Mas confessa que as opções políticas do autor de Grândola, «um tanto esquerdistas» não obstam a que o povo da vila continue a ter o mesmo respeito e amizade por ele. «Não é obrigatório ser do PCP para entrar numa frente unitária

conosco...»

Depois do 25 de Abril, José Afonso voltou a cantar em Grândola, por duas vezes: uma delas no dia da festa do concelho; a outra num convívio popular na Penha. «Esteve de uma forma apressada e esquivada...» Para a homenagem, o povo de Grândola espera encontrar o Zeca Afonso de antes. Sem pedra no sapato. Sem problemas. (Vale Zeca?)

Lá vai a banda

Os habitantes de Grândola sentem-se orgulhosos da sua banda. Uma banda antiga, fundada por operários. De raízes profundamente populares, portanto. Juntou corticeiros, sapateiros, barbeiros e comerciantes — unidos no gosto pela música. Um dos mais velhos músicos da Sociedade Musical «Fraternidade Operária Grandolense», Manuel Joaquim Durão lembra a primeira vez em que a banda saiu à rua. «Os músicos levavam chapéu e fato normal... e isso deu um grande abalo ao povo.» Decidiu então o povo, juntar dinheiro para a compra de bonés. Só mais tarde puderam adquirir o fardamento completo.

E lá vai a banda a passar, vestida a rigor, com os seus trombones, bombos e clarinetes. Uma festa. Percorre as ruas da vila com o povo atrás. Assenta arraiais na Praça D. Jorge, onde dá o seu primeiro concerto. Os rapazes tocaram duas ou três peças, sentados nos bancos desse pequeno largo que tem o nome do filho do rei D. João I, fundador de Grândola, quando de uma das suas caçadas à região.

À história da banda estão ligados músicos amadores que o povo de Grândola não esqueceu. Elautério Sobral Varandas que «nunca perdia um espectáculo de ópera em Lisboa», Teófilo Sagner, Carlos Varandas, Artur Santana Cardita, António Vital e Francisco Eduardo Duwens, o primeiro mestre da música de Grândola.

«Teófilo Sagner, antigo operário corticeiro, um autodidacta, escreveu uma história sobre acústica e diversos tratados de contraponto e fuga e ainda uma história da música alemã. Foi também publicista nos jornais «República» e na «Voz» — recorda Manuel Joaquim Durão.

À memória ocorrem-lhe os nomes de Rui Coelho «que deu uma serenata na Praça D. Jorge», de Helena Beatriz, pianista e compositora «que se suicidou, ainda muito jovem, com um tiro de espingarda», de António Vital, músico amador «que tocava admiravelmente todos os instrumentos de metal».

São recordações que produzem lágrimas nos olhos do velho Manuel Joaquim Durão, de 85 anos, quando vem à janela da sua casa ver a banda passar.

Resistência

Criada no 1.º de Maio de 1912, no apogeu da República, a



José Afonso era assim quando fez «Grândola Vila Morena»



Eis a banda em acção...

Sociedade Musical «Fraternidade Operária Grandolense», numa segunda fase da sua vida, correspondente

ao período do fascismo, cumpriu uma função (subterrânea) cultural e política. Resistiu dignamente. E com inteligência. Viu-se, por vezes, obrigada, a «colaborar» com as entidades oficiais, sabendo que o choque frontal seria a sua morte.

«Havia uma cláusula nos estatutos da banda que diziam que esta não podia ser destruída enquanto tivesse cinco músicos responsáveis pelos instrumentos. Foi a nossa sorte. Chegámos a ter quase todos os músicos da banda na cadeia...» — diz Belarmino Rosa da Costa, comerciante reformado, director da «Fraternidade Operária Grandolense». Belarmino começou a tocar na banda, aos treze anos. Flauta, clarinete e bateria os instrumentos que domina. Aprendeu com o mestre Elautério Sobral Varandas. Hoje já não toca; ensina as crianças da escola de música da Sociedade Musical de Grândola.

«É ele que repara os nossos instrumentos de madeira. Isso poupa à colectividade umas boas dezenas de contos...» —

explica-nos Celso da Silva Filipe, dono de uma sapataria, presidente da «Fraternidade Operária Grandolense».

A colectividade apesar da repressão conseguiu não só preservar o património musical como ainda fabricar animadores culturais e até dirigentes políticos. «Alguns estão hoje na organização do PCP e outros à frente da Câmara Municipal», diz Celso Nunes, pintor da construção civil, emigrante em França durante uma dezena de anos, actualmente um dos directores daquela colectividade. Antifascistas como Lopes Graça, Romeu Correia, Alves Redol e outros pisaram o chão da Sociedade «Fraternidade Operária Grandolense», durante a resistência. Eram noites em que a PIDE rondava pelas esquinas da Praça D. Jorge. Sombras que se adivinhavam, como aves negras agoirentas anunciando tragédia.

«Eles bem queriam mas não podiam proibir. Nós fazíamos tudo dentro da lei. Até convidávamos as entidades oficiais (das autarquias e autoridades) para assistir aos nossos espectáculos e convívios. Lá estavam sempre as cadeiras da primeira fila, vazias. Eles nunca

compareciam. E nós pedíamos às pessoas para não se sentarem naqueles lugares.»

Lugares vazios que marcavam a distância, que explicavam tudo. A ausência reveladora, as presenças de intenção.

O dr. Evaristo Gago, médico, humanista, democrata já falecido, nunca faltava a essas sessões. Ainda constam das actas da colectividade os convites para o dr. Evaristo, hoje, nome de uma cooperativa agrícola. «Uma das mais bem organizadas e combativas» — diz Manuel Martins da Costa. Esse médico que durante anos ofereceu o dinheiro de um dia, na semana, das consultas para a «Fraternidade Operária

Grandolense». Que não cobrava nada aos trabalhadores pobres, dando-lhes muitas vezes dinheiro do seu bolso para os transportes ou para a comida que não tinham. «Não era um político, era um homem generoso e bom.» Pelo que lhe deve o povo de Grândola vai erguer-lhe uma estátua, em bronze, no mês de Agosto. Antes disso será inaugurada uma outra estátua, esta, de Jacinto Nunes, presidente da Câmara Municipal de Grândola e deputado, no tempo da República.

«Nós aproveitávamos tudo: romagens, sessões do Cinco de Outubro, o 1.º de Maio. As romagens faziam-se, geralmente, à campá de Jacinto Nunes. Claro que a banda estava sempre na linha dos acontecimentos, participando em todas as manifestações. Tinha até saídas obrigatórias que era no 1.º de Janeiro, 5 de Outubro, 1.º de Maio e 1 de Dezembro».

«Um dia a PIDE veio perguntar-me — diz Belarmino Costa — porque é que a música saía sempre no 1.º de Maio. Respondi que isso estava consagrado nos nossos estatutos, que não tinha qualquer significado especial. Aliás a banda também tocava nas procissões religiosas ou nas cerimónias em que participava o Presidente da República... Assim nos defendíamos...»

A reacção preparava as suas armadilhas, na tentativa de apanhar o povo de Grândola em falso. Ele, inteligente, não mordida a isca. Fingia-se despercebido. Refugiava-se na maior das inocências. O Partido Comunista estava em todo o lado: na banda, no grupo desportivo, nas colectividades, no campo, na fábrica. A PIDE sabia-o. Mas não tinha provas suficientes para prender as pessoas.

Uma vez, em 1964, na madrugada do 1.º de Maio, foi lançado, de um carro de matrícula francesa, para as ruas, diversos exemplares de um «Avante» falso. A palavra de ordem era «ninguém sair à rua nesse 1.º de Maio». O povo desconfiou. E saiu.

«Pretendiam prender um dos músicos da banda, Manuel Galvão. Discretamente. Ele fardou-se e saiu. O povo protegeu o músico colocando-se à volta da banda que tocou na rua, o hino do 1.º de Maio, no meio de centenas de pessoas. Não o prenderam nessa altura

pois teriam de o fazer com escândalo.»

O povo de Grândola percebeu que o «Avante» era falso, devido à textura do papel. Bem diferente do habitual. A PIDE cometeu o erro de não arranjar papel de bíblia — o papel mais controlado do comércio da especialidade.

Meia noite

— é 25 de Abril

Ao bater da meia noite, no sino da vila, 24 de Abril, a banda com foguetes a estrepitarem por todos os lados, toca, na rua a «Grândola, Vila Morena» de José Afonso. No dia seguinte dá o seu concerto. Com os músicos todos nos seus lugares.

Houve tempo em que a banda não podia actuar porque tinha 22 músicos na prisão. Foram julgados «por andarem a recolher assinaturas para a Paz», recorda Diamantino, operário corticeiro que nessa altura «a GNR entrou com os cavalos dentro da Sociedade Fraternidade Operária Grandolense». E que o povo se concentrou junto ao quartel para impedir que levassem os presos. Escusados será dizer que a manifestação foi dispersa à espadeirada e pelos cavalos em correrias loucas.

A banda de Grândola, graças ao 25 de Abril e a José Afonso projectou-se no estrangeiro. Todo o mundo tem conhecimento da existência daquela terra «tão pobre em nomes célebres, poetas, escritores e artistas», como nos dizia Manuel Costa. «Não somos uma vila de intelectuais, somos operários, mas gostaríamos de criar qualquer coisa».

Garanto-lhe que não. Que todas as terras possuem uma riqueza: a cultura popular. Anónima é verdade. Mas isso que interessa? E depois... (digo a brincar) têm o príncipe Jorge, fundador da vila. E têm (agora muito a sério) o hino do 25 de Abril, oferta de José Afonso. E mais: assalariados agrícolas revolucionários que construíram as cooperativas «Nova Unidade» e «Evaristo Gago».

Dentro em breve a banda de Grândola desloca-se a França, a convite do núcleo de emigrantes portugueses. Vai tocar a Antony, onde o PCF ganhou, pela primeira vez a municipalidade. Dos contactos estabelecidos deduz-se que a Câmara de Antony irá participar nas despesas de deslocação da banda, a França. A banda, neste momento, tem quarenta elementos, com predominância de jovens, sendo a colectividade sustentada por cerca de 600 sócios. Da Câmara Municipal APU recebe um subsídio de 50 contos o que segundo os directores da «Sociedade Fraternidade Operária Grandolense» é pouco, na medida em que tem de pagar perto de quinze contos mensais a João Marques Picoto, regente da filarmónica.

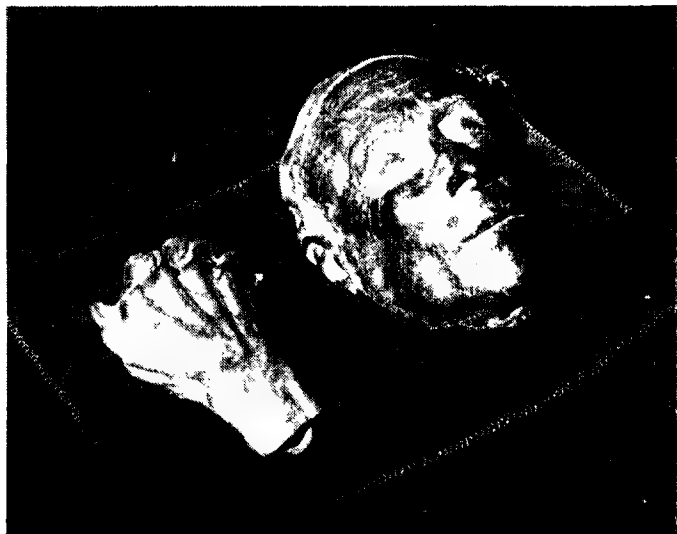
...A banda continua a passar em Grândola, Vila Morena. Viva a banda. «Dentro de ti, ó cidade, o povo é quem mais ordena.» Disse-o José Afonso. E é verdade.

Lourdes Féria

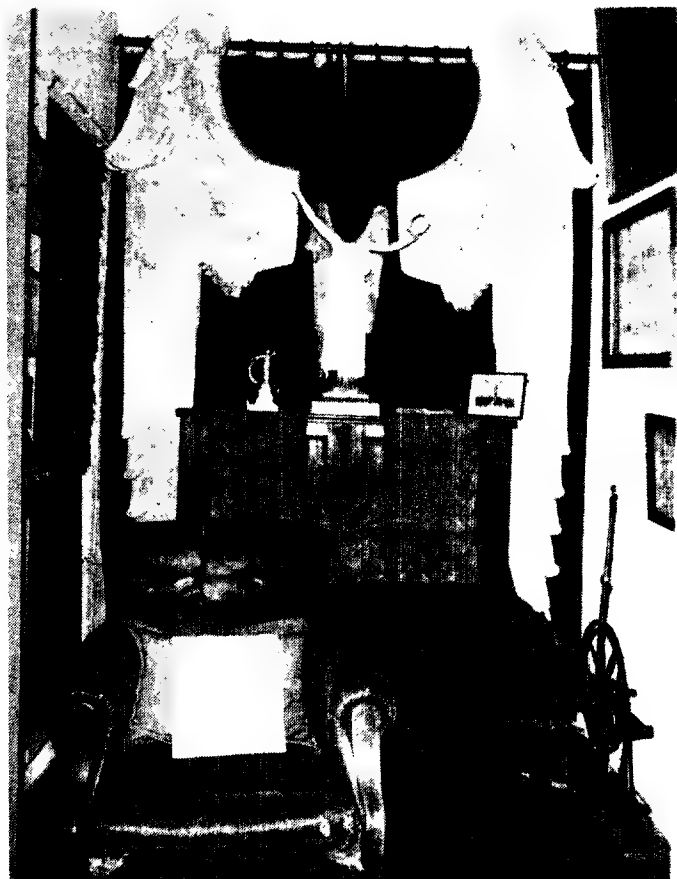
Casa Museu de João da Silva

Um tesouro artístico e documental "enterrado" em

Texto de Ernesto Sampaio
Fotos de José Tavares



Máscara mortuária e molde da mão direita do artista



Um recanto da Casa Museu



D. Gabriela Silva, filha do artista, a guardiã do tesouro



O artista aos 28 anos (foto de Benoit)

O censo e cadastro dos valores artísticos e culturais de Portugal têm andado tão desleixados que qualquer estrangeiro endinheirado pode levar daqui quanto queira (é ver os anúncios dos jornais e constatar a razão que está a ser feita em pratos, porcelanas, jóias antigas, arte sacra, escultura, pintura, mobiliário — só não levam igrejas, edifícios e monumentos porque não podem). Para já não falar da incúria e desprezo a que é votado o que se sabe que existe, pequenina parcela do que se ignora ou se esqueceu. No que à arte e à cultura diz respeito, não é preciso calcorrear as terras altas beirãs ou transmontanas, peregrinar por essas lonjanias tenebrosas e inermes da província portuguesa — aqui mesmo, em Lisboa, não faltam tesouros por desenterrar, abandonados à ignorância ou ao esquecimento. Ali, junto ao Teatro da Cornucópia, num recanto adorável da nossa formosa cidade (que lá vai sobrelevando a sanha negociante dos «patos bravos» e dos seus cúmplices licenciados), está um desses tesouros esquecidos, repositório de preciosidades artísticas e documentais onde toda uma época encontra a sua forma e testemunho. Trata-se da Casa Museu do

escultor João da Silva, cujo centenário do nascimento passa este ano.

DE OPERÁRIO A 1.º PRÉMIO DA ESCOLA DE BELAS ARTES DE PARIS

João da Silva, escultor, cinzelador e medalhista, nasceu em 1 de Dezembro de 1880 e morreu em 6 de Março de 1960, tendo casado em segundas núpcias com uma irmã de António Sérgio, seu grande amigo. Frequentou, em Lisboa, a Escola Industrial «Príncipe Real» e a «Afonso Domingues». Adolescente, entrou como operário na Casa Leitão, e pode-se dizer que a jóia nunca viria a ter em Portugal um cultor tão distinto, tão capaz de lhe inculcar as proporções duma autêntica obra de arte. Com o dinheiro dos serões feitos na oficina da Ourivesaria Leitão, foi em 1900 à Exposição de Paris, o que deu novo rumo à sua vida. No regresso a Lisboa tinha em mente pedir uma carta de recomendação a António Arroio para arranjar trabalho em Paris. Outra vez no estrangeiro, frequentou a Escola de Arte Decorativa de Genebra, onde estudou cinzelagem com Jerdelet, escultura com Caniez e desenho com Cacheux, obtendo durante o curso os primeiros prémios e o diploma por concurso no final dos estudos, curso de 5 anos que fez em 3. Em Paris, na Escola de Belas Artes, estudou escultura com Thomas e medalha com Chaplain, obtendo, nesta modalidade, nos dois últimos anos, os primeiros prémios com distinção (não teve o Prémio Roma por ser estrangeiro). O mestre Chaplain, tão avaro de elogios, costumava comentar os trabalhos do jovem discípulo com um lacónico «Pas mal», mas não se coibiu de quebrar a sua reserva habitual para lhe garantir o Prémio Roma e uma extraordinária carreira

internacional se quisesse naturalizar-se francês. João da Silva agradeceu a Chaplain o interesse carinhoso que lhe demonstrava, mas disse-lhe que o seu lugar era em Portugal. O artista fez uma única exposição individual, na sua Galeria, em 1933, mas entre 1904 e 1932 expôs sempre no Salon de Paris, e também no Museu Galiera da mesma cidade, na Suíça (1903), em Espanha (1929) e em Lisboa (quase todos os anos). Obteve os seguintes prémios: medalha e medalha de honra na Sociedade Nacional de Belas Artes (Lisboa); medalha de ouro na Exposição do Rio de Janeiro de 1908; 3.ª medalha e menção honrosa no Salon de Paris de 1922; medalha de prata na Exposição do Rio de Janeiro de 1923; 2.ª medalha em Barcelona (1929); primeiras medalhas em S. Luiz, Rio de Janeiro e Sevilha (1930); medalha especial de ouro na Exposição de Numismática de Madrid e na de Londres (1955). Está representado nos Museus de Genebra, do Luxemburgo (Paris), de Arte Contemporânea de Lisboa e do Porto, e tem monumentos em Pouliguen (França), Rio de Janeiro, Sevilha, Porto, Guarda, Évora, Valença do Minho, Seia, etc. Todas as suas obras em mármore e granito foram trabalhadas por ele próprio, sendo sempre retocadas e acabadas pelo artista as ceras perdidas para as fundições.

O LEGADO

João da Silva deixou à Sociedade Nacional de Belas Artes o recheio da sua Galeria, mantida como museu pelo cuidado extremo e o esforço solitário de Gabriela Silva, filha do artista. O seu recheio compõe-se de esculturas de bronze, modelos de gesso, medalhas de bronze e prata e outros objectos da autoria de João da Silva ali reunidos, bem como de porcelanas feitas na Casa



João da Silva assinalou à jóia um lu de a

Rosental a partir de modelos do artista, que também legou à SNBA por falecimento dos filhos, os direitos de autor da sua obra em medalhas. A mulher de João da Silva, Maria do Pilar Sérgio da Silva, também legou à SNBA, por morte dos filhos, o prédio onde ficava a casa, a Galeria, o atelier e o jardim do artista. Na hipótese da Sociedade se extinguir, tudo isto passaria para a posse da Academia Nacional de Belas Artes, de que João da Silva foi vogal efectivo, sob condição do usufruto ficar sujeito, por força dos rendimentos que o prédio produza, à instituição de 4 prémios pecuniários anuais, denominados «Prémios Escultor João da Silva» e destinados a 4 artistas pobres (2 escultores e 2 pintores), devendo entender-se por pobres não os indigentes como catolicamente se entende, mas todos quantos vivem do seu trabalho, quando o têm, cujos parcos recursos não lhes permitem realizar uma obra que os seus méritos artísticos naturalmente lhe proporcionariam, se para tal tivessem meios. Como dizia Bernard Palissy, «faut D'argent beaucoup de talents se perdent»... Conforme o comprova um recibo com data de 2 de Junho de 1961 e assinado, em representação da Sociedade Nacional de Belas Artes, por Frederico Henrique George, Reynaldo António Baptista da Silva, José Júlio Andrade dos Santos, Francisco da Conceição Silva e Raymond Silva Machado Luz, a SNBA recebeu o legado instituído por João da Silva, que numa das cláusulas do seu testamento manifestou a vontade de que os seus atelier e Galeria viessem a constituir um museu público.

SILÊNCIO E DESINTERESSE

Como passa este ano o centenário do nascimento do escultor, e porque o seu nome a

Lisboa



Um lugar de destaque entre os objectos de arte

sua obra parecem ter-se exilado do domínio público (o que não admira, já que o mal nacional, conforme diagnóstico certo de António Sérgio, é a «anemia da cachimónia»), fomos inquirir, junto de Gabriela Silva, o que se passava. «Em Maio passado — disse-nos a filha do artista — pedi à funcionária da secretaria da SNBA que me pusesse em contacto com a direcção o mais rapidamente que fosse possível. Bem vê: o centenário do nascimento de meu pai é já em Dezembro e a sua obra foi legada à Sociedade...» «Por três vezes insisti — prosseguiu Gabriela Silva — e nunca consegui uma reunião. Encontrando casualmente o dr. Adriano de Gusmão, contei-lhe o que se passava e ele prometeu-me que ia tratar do caso. Falei-lhe novamente depois das férias. Como me dissesse que não tinha ainda contactado ninguém, marcámos então um encontro, uma tarde, em minha casa, mas não apareceu nem sequer telefonou...»

— Então que é que se ocupa de toda esta riqueza histórica e documental quem a conserva, a cataloga?

— perguntámos. «Eu sozinha, meu caro senhor» — respondeu D. Gabriela. «E dado o desinteresse dos nossos administradores e provedores da cultura, quando eu desaparecer não sei como será. E já vou ficando velha...»

Como parece ser sina lusiada, a inércia desampara mais uma vez o que deveria constituir, para todos nós, objecto do maior desvelo, já que é através dos testemunhos da vida e da cultura de tempos idos que cobra vigor a consciência da nossa identidade tão periclitante, tão vandalizada por legiões de «anémicos da cachimónia», os quais, como os nacos do Ramaiana, esgotam todo o vigor que lhes mingua em saltar aos galhos do poder e do mando, tais elites burlescas, mais próprias de tribos

Continua na pág. 8

CINE/PONTO



O AMIGO AMERICANO

de Wim Wenders
(RFA-França — 1977)

Atravessando a memória do cinema e digerindo-a como só um europeu podia fazer, *O Amigo Americano* é a revelação (estrondosa) em Portugal de Wim Wenders de quem aguardamos agora sejam comercialmente exibidos outros filmes.

Cinema Quarteto — sala 3
(14, 16.30, 19, 21.30 e 24 h)
(não acons. men. 18 anos)

MANHATTAN

de Woody Allen
(USA-1979)

Woody Allen fala do seu habitat, essa fauna de intelectuais nova-iorquinos povoada de dúvidas. Um filme por onde passam a noite e o riso, a música e o silêncio, o destino, a morte, o espanto (isto para ficarmos entre palavras portuguesas mais ou menos lúcidas).

Cinemas ABCine-sala B (15, 17, 19, 21.30 e 23.45 h) e S. Jorge (15.15, 18.15 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

A ÁRVORE DOS TAMANCOS

de Ermanno Olmi
(Itália-1978)

Que projecto político-cultural enforma este filme? Um projecto de glorificação passadista e estagnada como defendeu alguns (poucos) ou um projecto de constatação de um



«Jogo baixo», de Collin Higgins

bloqueamento histórico que acaba por inferir que a libertação não passa por ali?

Cinema Nimas (14, 17.45 e 21.30 h)
(para todos)

ADEUS MACHO

de Marco Ferreri
(Itália-França — 1978)

O homem, expoente dos primatas, na encruzilhada de um percurso civilizacional em vias de morrer, ou seja, de dolorosamente se transformar. Um filme que nos fala do fim dos mitos sem se constituir apóstolo de qualquer nova redenção.

Cinema Quarteto — sala 1
(14.15, 16.45, 19, 21.30 e 24 h)
(não acons. men. 18 anos)

NORMA RAE

de Martin Ritt
(USA-1979)

Um filme contagiante apesar de académico. Sally Field, uma actriz a não perder de vista.

Cinema Londres (14.15, 16.30, 18.45 e 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

JOGO BAIXO

de Colin Higgins
(USA-1978)

Dois ou três momentos francamente conseguidos (e por onde passa uma clara influência de um humor de tipo hitchcockiano) não salvam este filme de ser uma coisinha débil.

Cinema Apolo 70 (13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 h)
(não acons. men. 13 anos)

As estrelas

O Amigo Americano	★★★★
Manhattan	★★★★
A Árvore dos Tamancos	★★★★
Adeus Macho	★★★★
Norma Rae	★★★★
Noites de Singapura	★★
10 - Uma Mulher de Sonho	★★
Jogo Baixo	★
Os Fugitivos de Alcatraz	★

A «CHAVE»

- ★★★★ — Excepcional
- ★★★ — Bom
- ★★ — Interessante
- ★ — Desinteressante
- — A evitar

“Os Fugitivos de Alcatraz”

de Don Siegel
Jorge Leitão Ramos



Clint Eastwood, o «herói»...

O nome de Clint Eastwood normalmente não prenuncia, em matéria de cinema, nada de bom. Os seus filmes são normalmente pontados pela propaganda da violência fascizante da Polícia na defesa da normalidade americana. É por isso que não deixa de ser algo curioso que, em *Os Fugitivos de Alcatraz* a inversa seja a verdadeira: aqui é a violência da Polícia que nos é apresentada como condenável. Claro que não está nunca em causa neste filme resistir a essa violência, antes a única porta apresentada é a fuga. Como não está em causa o delito pelo qual o personagem de Clint Eastwood é «hóspede» do célebre presídio de Alcatraz. Aliás, tudo o que sabemos dele é que teve uma infância infeliz, que possui um coeficiente de inteligência de grau elevado e que já fugiu de várias prisões. Não é possível ser-se mais mitificador quanto ao «herói»: sempre que faz de polícia de polícia todas as arbitrariedades são defensáveis em nome da lei e da ordem; agora que faz de presidiário é um tipo sensacional e a gente deve torcer em bloco para que a sua

fuga seja bem sucedida. De resto toda a construção do filme vai no sentido de garantir a identificação do público com Clint Eastwood (aliás um dos actores mais bem pagos do cinema americano e uma autêntica «máquina-de-fazer-dinheiro» nas bilheteiras). Focado quase sempre em plano *contre-plongée*, rigorosamente

uma vítima e, para mais, incorruptível, a filosofia que se define neste seu personagem é, afinal, muito semelhante à de sempre: o eterno individualismo exacerbado, o habitual retrato do mundo, como um bando de lacraus a garantir, portanto, que ao «herói» tudo é desculpável e permitido pela simples razão de o ser.

FICHA:

Título original: *Escape from Alcatraz*
Realização: Don Siegel (USA-1979)
Argumento: Richard Tuggle, baseado no livro de J. Campbell Bruce.
Fotografia (color by DeLuxe): Bruce Surtees.
Cenários: Allen Smith
Música: Jerry Fielding.
Interpretação: Clint Eastwood (Frank Morris), Patrick McGeehan (Warden), Roberts Blossom (Doc), Jack Thibau (Clarence Anglin), Paul Benjamin (English), etc.
Distribuição em Portugal: Filmes Lusomundo.
Classificação: Não aconselhável a menores de 13 anos.
Cinema: Eden.

BARCOS

2 REBOCADORES

«MONTE GRANDE e «VALE DE GAIO»

7 BARCAÇAS E BATELÕES

BENGALI 2 C, AVESTRUZ 2 D,
BARCAÇA 1 A, CASUAR 6 C,
CERCETA 8 C, BARCAÇA 2 A, ABIBE 1 D

LEILÃO

Por ordem da DRAGAPOR, DRAGAGENS DE PORTUGAL EP, para renovação da sua frota, serão postas em praça no estado e local onde se encontram as unidades em epígrafe

EM LISBOA — DOCA DE ST.º AMARO, 6 Março (5.º f.º) 15 horas

Já em exposição das 8 às 12 e das 13 às 18 h., indicado pelo funcionário DRAGAPOR, no local.

REBOCADOR «VALE DE GAIO», operacional, LX-56-R.L., arqueação bruta 31,89 tons., líquida 5,07, comprimento 17,40 mts. de fora a fora, de sinal 16,09 mts., boca de sinal 4,12, pontal de sinal 1,63; casco em aço, motor diesel Ruston R 51L, tipo VCBM 47/662. 6 cilindros, 200 BHP a 600 rpm a quatro tempos.

BARCAÇA 2 A, LX-103-A.L., destinada ao serviço de abastecimento, arqueação bruta 46,38 tons., líquida 38,75, comprimento fora a fora 18,22 mts., de sinal 18,22, boca de sinal 4,62, pontal 1,69 mts., casco em aço, propulsão a reboque.

BARCAÇA «CERCETA» 8 C, LX-94-AL, serviço de transporte de dragados, arqueação bruta 261,81 tons., líquida 218,34, comprimento de sinal 44,03 mts., boca 8,05, pontal 2,26, casco em aço, propulsão por reboque.

EM LEIXÕES — DOCA N.º 4, MATOSINHOS (Sul), 7 Março (6.º f.º) 10 horas

Já em exposição das 8 às 12 e das 15 às 18 h., indicado pelo funcionário DRAGAPOR, no local.

REBOCADOR «MONTE GRANDE», L-505-RL, operacional, arqueação bruta 102,40 tons., líquida 11,79, comprimento de fora a fora 22,69 mts., de sinal 21,12, boca 6,12, pontal 2,74, casco em aço, convés corrido. Motor diesel «ATLAS» IMPERIAL, «1 hélice, — cilindros, tipo 6 HM 2124, 400 HP, a 300 rpm, 2 mastros.

BARCAÇA «ABIBE» 1D, P-9-AI, arqueação bruta 189,27 tons., comprimento de sinal 26,20 mts., boca 7,61, pontal 2,97, propulsão a reboque.

EM AVEIRO NA LOTA, 7 Março (6.º f.º) 16 horas

Indicado no local todos os dias das 8 às 12 e das 13 às 18 h., pelo funcionário DRAGAPOR.

BARCAÇA «BENGALI» 2 C, LX-98-AL, de transporte de dragados, arqueação bruta 168,78 tons., líquida 168,78, comprimento de sinal 33,32 mts., boca 6,68, pontal 2,22, casco em aço, propulsão a reboque.

BARCAÇA «AVESTRUZ» 2 D, P-10-AL, auxiliar local, arqueação bruta 189,91 tons., comprimento de sinal 26,11 mts., boca 7,60, pontal 3, propulsão a reboque.

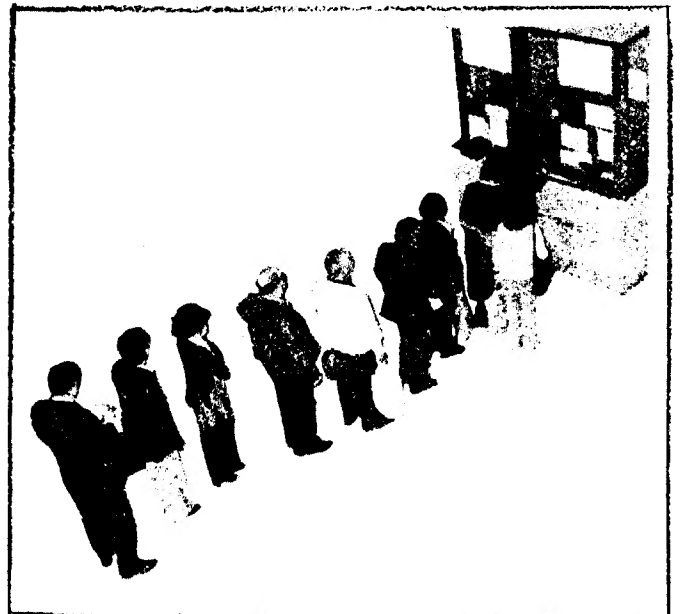
BARCAÇA 1 A, LX-102-AL, auxiliar local destinada a transporte c/ arqueação bruta 46,68 tons., líquida 39,05, comprimento de fora a fora 18,24 mts., comprimento de sinal 18,24, boca 4,62, pontal 1,70, casco em aço, propulsão a reboque.

BARCAÇA «CASUAR» 6 C, LX-92-AL, enclachado na Praia da Gafanha, junto à Ponte-Cais dos Bacalhadores, arqueação bruta 261,74 tons., líquida 218,13, comprimento de sinal 44 mts., boca 8,04, pontal 2,26, casco em aço, propulsão por reboque.

CONDIÇÕES DE LEILÃO, serão indicadas no acto ou enviadas a quem as solicitar por escrito para os escritórios de LISBOA da:

SOC. DE LEILÕES AFRAFILHOS, Lda
AV. DUQUE DE LOULÉ, N.º 1
Telfs. P.P.C. (9 Linhas)
112929 - 11478 - 4701829

Não perca tempo!



Utilize as máquinas automáticas de venda de bilhetes

Caminhos de Ferro Portugueses

Os novos caminhos da droga

Continuação da pág. 1

significativo, recordando, no entanto, que, no ano de 1978, foi roubada nas farmácias o equivalente a 50 mil «chutos» de heroína.

Ainda no mesmo relatório é indicado o número de 283 casos para o período até 11 de Julho de 1979, e feita uma estimativa do número de presumíveis infractores, por tráfico e consumo de drogas, na qual os distritos de Lisboa e do Porto apresentam os valores mais elevados (116 e 82, respectivamente).

... INQUÉRITOS OFICIAIS SOBRE CORRUPÇÃO POR OUTRO...

Durante um seminário realizado em Maio-Junho de 1978 na Gulbenkian, sob o patrocínio das Nações Unidas, a questão da corrupção de elementos da polícia relativamente ao tráfico de drogas é abordada na generalidade. De mero assunto distante, que em geral se associa às histórias policiais sobre o mundo da Mafia, a questão surge na actualidade portuguesa.

A corrupção na Polícia Judiciária deu origem a um inquérito da Procuradoria da República, cujo processo deverá ser entregue proximamente ao Ministro da Justiça. Após a complementação definitiva do processo no Ministério da Justiça, o ministro deverá avaliar o seu conteúdo e divulgar as informações do interesse público.

Do inquérito sobre o presumível envolvimento de elementos da PJ no desvio de 30 quilos de haxixe confiados à Brigada de

Estupefacientes, resultará a indicação de responsabilidade disciplinar e, eventualmente, criminal.

Entretanto, há indícios de suborno de alguns elementos da PJ, quer na ocultação e protecção de tráfico de drogas, quer na introdução e exploração das máquinas de jogo americanas, que poderão dar origem a um segundo inquérito naquela instituição.

O actual processo poderá envolver vários agentes, um subinspector e um inspector. Em Novembro passado, a PJ referiu o inquérito já em curso, tendo então prometido divulgar os resultados em devido tempo.

O responsável pela Brigada de Estupefacientes, encarregada do armazenamento dos produtos apreendidos, inspector Bessa Monteiro teria feito uma denúncia verbal à Direcção da PJ relativa às suas suspeitas de corrupção de agentes e funcionários da instituição. Presume-se que o inspector tenha decidido, com o consentimento da Direcção, deixar que a rede de corrupção actuasse até à obtenção das provas da cumplicidade dos elementos suspeitos da PJ. Seja como for, o inspector Bessa Monteiro foi posteriormente designado subdirector da Escola de Polícia Judiciária.

Entretanto, a Direcção, baseando-se talvez no sigilo exigido pelas investigações que decorrem há mais de oito meses, não desmentiu, nem confirmou o desaparecimento misterioso dos 30 quilos de haxixe. Até ao apuramento final das responsabilidades dos presumíveis implicados no processo de corrupção no seio daquela instituição policial, quer por actos quer por omissão,

não é de excluir a hipótese da formação de uma «rede interna» que, por omissão dos próprios corpos directivos, possa impedir que o processo venha a ser completamente esclarecido. Esta hipótese é tanto mais pertinente porquanto a Polícia Judiciária terá de defender o seu prestígio, como principal organismo de investigação criminal, face ao seu rival no campo do combate ao tráfico da droga, o centro de Investigação e Controlo da Droga.

... E ALGUMAS CONSTATAÇÕES SOBRE A DROGA EM PORTUGAL

— Os organismos internacionais assinalaram repetidas vezes o facto de Lisboa se ter tornado recentemente um dos principais centros da traficância internacional, não só de droga, como de divisas e diamantes.

— A criação do CICD em 1977 coincide praticamente com o esgotamento dos inestimáveis «stocks» de cannabis africana, introduzidos em Portugal a partir de 1974, nas malas e bagagens dos retornados de Angola e Moçambique. É a partir dessa data, sobretudo, que se inicia a procura das drogas pesadas em Portugal e, consequentemente, que se detectam os primeiros casos graves de dependência, particularmente da heroína, ilustrados pelo número de «suicídios» por overdose. Até então, a cannabis africana seria a regra dos «drogados» portugueses, num total que chegou a ser estimado em 800 000 (cerca de um décimo da população, com especial incidência nos jovens (15-30 anos). É também a partir dessa

data que se acentua o processo de normalização política e social em Portugal, segundo os parâmetros europeus e, com ele, a especulação nos circuitos de oferta do mercado das drogas duras.

— O desaparecimento da cannabis do mercado ilícito é seguido do aumento do alcoolismo entre a juventude, única droga cujo preço é compatível com as suas disponibilidades financeiras. Além disso, o CICD reconhece a dificuldade, se não a impossibilidade, de implantação de um sistema eficaz de controlo, fiscalização e segurança do comércio, indústria e prescrição de produtos farmacêuticos, que continuam a ser desviados para o mercado clandestino, com consequências bem mais graves do que as resultantes do uso da cannabis, praticamente inofensiva.

— Finalmente, com o desaparecimento da cannabis, do mercado português, surgem as primeiras redes internacionais com escala em Portugal e são detectados os primeiros casos de corrupção da Polícia Judiciária no tráfico de drogas.

CONCLUSÕES?

A droga, numa sociedade marcada pelo medo das diferenças, tem servido de pretexto para limitações, em nome do direito, da moral e da segurança. A toxicomania, como fenómeno social, exige, antes de qualquer limitação, uma atitude de tolerância, de abertura ao diálogo, à circulação livre de ideias, à análise dos factos registados, por parte dos órgãos responsáveis.

Ao tornar-se um fenómeno de massa, a droga deixa de se poder

definir através de critérios ultrapassados. A explicação médica é insuficiente. É necessário banalizar o fenómeno, para se poder revelar o seu aspecto social e político. O acto de transgressão do proibido, no domínio da droga, pode não ser mais do que sintoma da depressão global da sociedade, actualmente agravada pela situação de desemprego, pela ausência de perspectivas sociais face à crise interna e internacional. A droga, como o tabaco, o álcool, ou até a condução automóvel, cujas consequências sociais são muito mais nocivas, são fenómenos com idêntica função: permitem uma melhor inserção do indivíduo na sociedade e, simultaneamente, constituem uma fuga aos problemas, adormecendo os sentidos e a consciência.

Se não é fácil fazer crer que a mudança de sistema social pode suprimir o problema da droga, também será inútil tentar fazer crer que o mal-estar social pode ser debelado através de práticas repressivas. E ainda menos quando a aparelho repressivo transgredir as «normas» que se propôs defender aos olhos da sociedade. Limitações do abuso?... da droga ou do poder? Contra as fronteiras nas nossas próprias cabeças, talvez seja preferível a liberdade de informação sobre os factos e uma prática de tolerância sobre os actos. Quando não, será difícil não associar responsabilidade a abuso.

MASS-MEDIA E REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA DROGA EM ITÁLIA

Nove personagens à volta de um mito

Para dois dos quadros do inquérito de «L'EUROPEO» torna-se útil a interpretação de um «próximo destas questões». Trata-se dos quadros em que o público responde se considera que certas personagens em foco nas últimas décadas usaram drogas. Pedimos o parecer do professor Luigi De Marchi, um nome conhecido e estimado do panorama dos estudos de psicologia e sociopolítica. Sublinhemos desde já que não se trata tanto de verificar se as respostas do público coincidem com a verdade objectiva (se Fellini «fuma» ou se Freud consumia cocaína), mas simplesmente compreender melhor o que elas podem significar em termos sociais e psicológicos, quais são os subentendidos e como nasceu e se difundiu uma opinião subjectiva entre o público.

ENTRA GRÁFICO

Na opinião dos entrevistados três personagens figuram à cabeça da lista dos que se drogariam ou se teriam drogado: Marilyn, Fellini e Agnelli. Como se pode interpretar esta graduação?

As respostas são transparentes: a «imagem» que o público tem destas pessoas é sugestiva. E esta imagem é naturalmente ditada (e por vezes também falsificada) pelos grandes meios de comunicação. Mas objectivamente os três personagens à cabeça pertencem ao mundo dourado (arte, cinema e até indústria) do fascínio. De certo modo, são todos «star» e a «estrela» é associada pelo público a uma ideia de mundanidade, e logo,

Continua na pág. 8



Dez anos de teatro

A renovação da revista: o caso do ABC

Espectáculo essencialmente urbano, e muito especialmente lisboeta, a revista, o mais popular dos nossos espectáculos de teatro, sofreu, também no início dos anos 70, uma pequena revolução que lhe abalou os alicerces. Vamos tentar ver como.

UMA REVISTA EXPERIMENTAL

Espectáculo marginal, espectáculo insólito, espectáculo falhado, a revista que Sérgio de Azevedo apresentou no ABC para inaugurar a época de 72/73 não podia deixar de figurar neste balanço provisório e incompleto. Não deixa de ser curioso pôr em confronto a actividade empresarial de Sérgio de Azevedo com a de Vasco Morgado, neste campo. Enquanto o primeiro farejou, ou aceitou que alguém por ele farejasse, os novos ventos que, ainda timidamente, sopravam no teatro português e por isso também no Parque Mayer, e tentou, com maior ou menor eficácia, colocar os seus espectáculos a favor da aragem, pelo contrário, Vasco Morgado, defensor indefectível do pseudoliberalismo marcelista não teve a coragem de levar à prática essa fé, e as suas produções, no campo da revista, continuaram a pautar-se, duma maneira geral, pela mediocridade que sempre as distinguira.

O espectáculo «Dura Lex Sed Lex» (deveria ser «Dura Lex Sed Sex» mas a censura não deixou), assinado por dois pseudónimos estranhos (Thomas Genebre e Alan Carsiano) representou um acto de coragem por parte do empresário do ABC, embora graças à sua associação com um novo director artístico, José Braga.

O espectáculo representou a mais radical tentativa de transformação da revista não só ao nível das suas estruturas como até ao nível da produção. Dois novos autores, um novo músico (Pedro Osório), um novo encenador no género (João Guedes), um novo figurinista, (Isabel Laginhas, pintora de vanguarda), uma revista com duas únicas vedetas que não o eram (Isabel de Castro e Vítor Espadinha) — todos estes elementos representaram uma abertura então bastante surpreendente. Lembremo-nos de que uma das acusações que se faziam aos espectáculos do Parque Mayer era a de constituírem os autores dos poemas e da música uma verdadeira casta que se opunha por todos os processos ao aparecimento de novos criadores. O facto justificava-se por ser a revista, dizia-se, uma fonte de rendimentos consideráveis para os seus autores. Compreende-se, por isso, como o cartaz da revista do ABC constituía uma pequena revolução.

A revista abria com o aparecimento de um anão — Guilherme Gomes — que dava as pancadas de Molière, e logo a seguir um outro actor —

Espadinha — tentava em vão penetrar pela janela de uma casa em construção. Terceira imagem: o pano subia apenas o suficiente para se verem as pernas das bailarinas que evoluíam no palco. Alusões bastante claras: tratava-se de sublinhar que se ia fazer um espectáculo reduzido, mostrando apenas uma pequena parte do que se pretendia mostrar. Pode-se mesmo ir mais longe e ver nessa metáfora uma alusão a todo o teatro português, vítima das várias censuras a que estava submetido.

Não pretendo repetir aqui a crítica ao espectáculo que, de resto, se enredava em contradições que o diminuam mesmo como simples proposta inovadora. Pretendendo colocar-se contra o espectador, contra a indiferença e o conformismo do público burguês, a revista jogava ao mesmo tempo a comunicação e a anticomunicação, e tentava conciliar o inconciliável: a revista e a anti-revista; o espectáculo e o anti-espectáculo. Mesmo nos seus melhores momentos, o espectáculo não conseguia chegar ao público e sem essa passagem nenhuma crítica eficaz. A meu ver, querer destruir a capacidade de comunicação deste tipo de espectáculo em vez de a canalizar no sentido mais correcto e eficaz, foi um erro fatal. Revista de carácter experimental, única que terá merecido essa designação, e mesmo tratando-se de um espectáculo malogrado, não deixou de ter a sua influência nesta fase de transição da revista à portuguesa.

Como «Dura Lex Sed Lex» caiu pelo buraco do ponto (como não podia deixar de ser), o ABC estreou logo a seguir um novo espectáculo, que veio a marcar o arranque decisivo para a criação da nova revista. Não quero deixar de recordar as palavras de entusiasmo com que saudei o espectáculo e cuja justiça o tempo viria de certo modo a ratificar (entusiasmo, aliás, compartilhado pelos restantes críticos). Escrevi então: «Se quiséssemos ser retóricos, podíamos começar assim: a noite de estreia do novo espectáculo do ABC ficará a marcar uma data na história do chamado teatro de revista à portuguesa. O caso é que não nos compete (e é cedo para) fazer história.

Limitar-nos-emos, por isso, a escrever que «É o Fim da Macacada» (11-1972) contém alguns sinais que poderão significar uma contribuição importante para a efectiva renovação do teatro de revista...»

Com esta revista surgiam alguns novos autores que viriam a contribuir, de maneira decisiva, para essa viragem. A Francisco Nicholson, Mário Alberto, Nicolau Breyner, homens de teatro, juntavam-se Gonçalves Preto, que ia do cinema e fora provavelmente um dos autores da revista anterior, e Rolo Duarte, que ia do jornalismo de humor. Pedro Osório mantinha-se como compositor, juntando-se-lhe Braga Santos.

Nicholson era o responsável pela encenação enquanto Mário Alberto tinha oportunidade de pôr à prova as suas capacidades de invenção como cenógrafo. A isso acrescentarei um elenco muito apoiado na juventude, com Anabela, João Perry, que se estreava no género, Maria do Céu Guerra, Espadinha, Helena Isabel, Maria Tavares, além do já consagrado Nicolau Breyner e outros.

«É o Fim da Macacada» satirizava a velha revista, construída sobre estereótipos, lugares comuns, esquemas obsoletos: o velho compère, as chefes de quadro, as figuras típicas (como bêbado e os saloios), a marcha lisboeta com os versos paupérrimos para toda a gente cantar.

Nalguns dos seus aspectos, a revista inovava ou levava mais longe propostas de renovações de outras revistas (como «Pimenta na Língua» e «Saídas da Casca») — caso da recusa da utilização dos convencionais elementos decorativos, pois Mário Alberto deitou fora lantejoulas e quejandos; o desaparecimento do compère e das chefes de quadro, substituídos por elementos de ligação bem achados (em especial por parte de Helena Isabel, com Paco Bandeira insistindo em recitar «O Corvo», de Junqueiro); a melhoria evidente dos aspectos musicais e coreográficos, tanto no capítulo de concepção como de execução; finalmente, um apuro na encenação que representava, por si só, um impulso renovador decisivo. Outro aspecto a considerar: o cuidado posto nos segundos planos, de tal maneira que a equipa revelava uma coesão que era quase uma novidade num tipo de espectáculo em que normalmente havia as vedetas e os outros; a direcção de actores (outro aspecto muito descurado) com estes procurando enriquecer a composição das suas personagens; a participação do corpo de baile que pretendia fazer mais do que o habitual levantar de perna; a importância do cenário na articulação do espectáculo com bom aproveitamento das potencialidades mecânicas do palco; o acerto e operacionalidade dos figurinos e a liberdade de movimentos que a sua concepção implicava, em especial no início e no fim do espectáculo em que actores e bailarinos surgiam vestidos de igual, descalços, em contacto com o público.

Era, todavia, a outro nível que se colocava a importância deste trabalho: no da própria criatividade. Observava-se, com efeito, um clima de liberdade criativa que terá resultado no entusiasmo, na alegria, na intencionalidade que os actores espontânea, incansavelmente manifestaram. Era nessa juventude, que marcava o espectáculo e nele constituía como que uma outra respiração, que encontrávamos esse aspecto novo que procurávamos na revista. E não

deixará de ser justo insistir na maneira como os actores se integraram neste trabalho colectivo, o que significou a sua participação pela inteligência com que serviram os seus números mesmo quando estes não correspondiam às suas próprias potencialidades criativas.

Depois de «Pimenta na Língua» e «Saídas da Casca», depois do experimentalismo marginal de «Dura Lex Sed Lex», «É o Fim da Macacada» parecia garantir que a nova revista portuguesa já não podia voltar para trás. Encontrámos a mesma equipa, com excepção de Rolo Duarte, na revista seguinte, que se estreou no ABC («É P'ró Menino e P'rá Menina» — 9-1973). A importância do facto resulta de ter sido dela que veio a surgir a cooperativa Adeque cuja criação constituiu elemento fundamental não apenas em relação ao teatro musicado mas em relação a todo o xadrez do nosso teatro, nos primeiros anos do regime democrático. Como já vimos a chamada revista à portuguesa debatia-se com problemas de ordem estrutural sem a resolução dos quais dificilmente se poderia sair do beco sem saída em que estava metida. Tornava-se cada vez menos sério assacar exclusivamente à censura as culpas pelo carácter de cristalização que a revista atingira e só com muito entusiasmo, espírito colectivo, imaginação e inteligência seria possível ultrapassar essa situação. Isto sem esquecer problemas de ordem sociológica que diziam respeito ao público, que fora o sustentáculo da revista e que estava aparentemente saturado, enquanto, se verificava a sua diversificação, de tal maneira que se punha em dúvida o facto da revista ser ainda um espectáculo genuinamente popular.

Demonstrada a necessidade de renovação, o aparecimento de novos actores (e também de novos autores) tornara-se inevitável e correspondia, exactamente, ao surgimento de um novo público, ou, como escrevi, à diversificação do público tradicional. E ainda de acrescentar a possibilidade de aproveitamento de novas técnicas em especial no campo da luminotécnica e da sonoplastia, as quais pareciam contrariar, em princípio, o que seria o espírito da revista tradicional.

Nesta nova revista do ABC, encontrámos, ainda uma vez, a crítica às velhas fórmulas revisteadas, o que parecia ser bastante significativo da preocupação dos novos autores em tentar criar qualquer coisa como uma tensão dialéctica entre as formas tradicionais e as formas novas do espectáculo. Poder-se-á dizer que «P'ró Menino e P'rá Menina» assentava em duas linhas de força contraditórias: a procura de novos — mas nem sempre correctos — caminhos; a

aceitação dos valores antiquados da revista. Em relação à primeira linha, é de assinalar a presença de Helena Isabel, na personagem de uma «descendente de coristas» com aspirações a vedeta, denunciando com vigor os malefícios do vedetismo que impede o espírito de equipa e prejudica o teatro e, em especial, o teatro de revista onde grassa com mais força.

Foi na música e no envolvimento plástico que se procurou levar mais longe, neste caso, a intenção de renovar, o que não significa que uma e outra tivessem sempre o nível necessário para valorizar essa intenção.

No aspecto musical, é de salientar a súdável insistência, por parte da equipa do ABC em eliminar o nacional cançonetismo que constituía um dos aspectos negativos da revista de então.

Um quadro da revista demonstrava a extraordinária capacidade de síntese desse género de espectáculo, a facilidade com que pode abrir-se a vários níveis de leitura. Tratava-se de um número com Nicolau Breyner, intitulado «Barraca de Pneumonias», em que se criticava os abrigos dos paragens dos transportes públicos então surgidos em vários pontos da cidade mais como veículos de publicidade do que no interesse dos utentes. Essa crítica quase anódina transforma-se na imagem terrível de um país de luto cujo povo vivia como que num enterro permanente. Eis uma cena em que se procurava passar, com muita eficácia, do tema circunstancial ao tema de fundo.

A MÁQUINA DE CORTAR FIAMBRE

E ainda de uma outra revista do ABC que devo falar. Melhor, de uma revista que se dividiu em dois espectáculos. Estreada em Novembro de 1973, «Tudo a Nu», de Nicholson, Mário Alberto e Gonçalves Preto, com realização plástica de Mário Alberto e encenação de Nicholson, viria a reestrear-se em Março do ano seguinte (nas vésperas, portanto, do 25 de Abril) com o título «Tudo a Nu com Parra Nova».

Sobre a primeira versão, escrevi na altura o seguinte: «Para além dos espectáculos de alguns grupos de amadores e de grupos profissionais marginalizados que não atingem, salvo num ou noutro caso, as grandes massas de público, torna-se cada vez mais evidente o facto da capacidade criadora dos portugueses no campo do teatro estar a refugiar-se na revista». (Trata-se de uma posição nitidamente exagerada e injusta, como temos visto, em relação ao teatro independente). «Uma explicação para o fenómeno pode ser esta: é na revista que existe ainda uma pequena margem de manobra que exige dos seus criadores a necessidade de assumirem a responsabilidade que tal implica. Acrescente-se o facto

de ser na revista que o actor melhor pode assumir a sua quota-parte do risco não só no que se refere à comunicação com o público como à própria criação da personagem e da situação em que esta se integra, por estar menos vinculado à responsabilidade de um texto (quantas vezes irresponsável) e aos condicionamentos de uma encenação (quantas vezes inexistente).

A essas duas circunstâncias — terreno menos apertado e maior responsabilização do actor — acrescentaremos uma outra: a presença do público, factor fundamental na passagem do projecto — como força em potência — a uma realidade que a existência e necessidade desse público condiciona mas também estimula (mesmo um público tão amorfo, tão indiferente como é, por vezes, o nosso). Aqui, poderemos, já agora, considerar que também este facto — o da responsabilidade criadora dos autores e dos actores —, cujas implicações políticas não me parece necessário sublinhar, também este facto teria ajudado não só a impulsionar como a tornar inevitável o aparecimento de novos autores.

Para além dos aspectos em que se tentara a renovação do espectáculo, e que já assinali em relação a anteriores espectáculos (música, coreografia, cenografia, encenação), não quero deixar de assinalar que o excepcional balanço, a agressividade desta revista (nas suas duas versões) ficaram a dever-se muito a uma equipa de actores que constituía, na altura, um elenco sem paralelo no teatro português.

Graças a essa actriz espantosa que foi Aida Baptista (como lamento usar o verbo no passado!), graças a Anabela, que entretanto se consagrara como uma das primeiras figuras do teatro musicado, mas graças também a gente nova (Rui Mendes, Helena Isabel, Henrique Viana, Maria Tavares, Luís Mascarenhas, Carlos Gonçalves, Joel Branco), pudemos gozar, é o termo, algumas das mais notáveis interpretações do teatro português dos primeiros anos da década. Basta lembrar algumas dessas criações: Rui Mendes, parodiando Simplesmente Maria, número sensacional que, a meu ver, colocava o actor ao lado de José Viana na criação de personagens desse tipo, e ainda em Pitosga, exemplo de observação e verdade de composição; Anabela numa recriação de Charlot feita num estilo muito pessoal em que a actriz e a personagem se encontravam num ponto comum, e principalmente Henrique Viana que tinha em Tavares Pobre uma criação antológica pela composição da personagem, pela movimentação, pela dinâmica corporal, pelo ritmo (os silêncios, os gestos), criação que logo colocou o actor no lugar que continua a ser o seu. Isto sem esquecer os números de Aida: o número da Porteira,

Continua na pag 8

A revolução da revista: o caso do ABC

Continuação da pág. 7

cronista dos maus costumes e dos pequenos vícios que constituem o quotidiano lisboeta, tendo como cenário um desses caixotes de cimento que pululam nesta cidade destruída pelo capitalismo; e o número em que certos aspectos tristes da realidade portuguesa (o nosso teatro, o nosso cinema, a nossa linguagem, as nossas alienações) eram magistralmente sintetizados; O Títere (Aida com Rui Mendes), visão de um mundo cinzento e triste, onde imperava a lei da moca, um mundo onde os fatos caíam aos bocados, os sapatos estavam rotos, as mãos trémulas e os olhos baços. Um mundo onde não havia crianças para brincar com as bonecas que enchiam os caixotes do lixo. Um mundo demasiado sem esperança para ser real — e, no entanto, real na história do títereiro, o ditador com bigode à Hitler, e do títere que manifestava a sua revolta. Referência ainda a um quadro em que se satirizava o Festival da Canção, que provocou um estenderete de riso, prova do nosso senso de humor: o triste e vergonhoso acto que interessava (!) milhões de pessoas tinham aí a sua contrapartida onde víamos, como num espelho, a medida da nossa mediocridade (com

laivos, insinuava-se, de tráfuhice).

Escrevi, a propósito da segunda versão da revista do ABC: «Surtem lá de longe em longe fórmulas linguísticas que conseguem ser uma síntese certa de determinadas situações e, mesmo depois do uso as ter reduzido a clichés ou lugares comuns, conservam ainda a carga crítica ou poética que as singularizavam. Há nesta parra nova com que os homens do ABC taparam a nudez, demasiado forte, da verdade, um pequeno quadro de ligação que consegue, graças ao absurdo que o dimensiona, alargar os horizontes, frequentemente demasiado estreitos, da revista. Diz-se nele que, duma maneira geral, não há na província nem boites, nem dancing, nem cinemas, nem teatros, e que para passar o tempo, as pessoas ao domingo vão à leitaria ver a máquina de cortar fiambre. Esta máquina de cortar fiambre, imagem maravilhosa da nossa (sub)realidade, marca da nossa (des)graça, santo e senha da nossa maneira de ser, prova que afinal os homens do «57» é que tinham razão: há de facto uma filosofia portuguesa! É que todos nós, na província e na cidade, temos a nossa «máquina de cortar fiambre»

— guilhotina dos nossos sonhos —, com a qual nos embalamos, nos embebedamos. Pode ser, por exemplo, uma banda a passar ou pode ser uma revista, com a vantagem de que a revista consegue, quando consegue, superar essa condição passiva e ilusória, transformando-se numa máquina crítica em que nos são revelados os filmes fantasmáticos do nosso quotidiano. É o que acontece um bom bocado com esta quase nova revista do ABC que repercute os ecos — mais nítidos ou mais apagados — das obsessões, das preocupações, das consumições com que, consciente ou inconscientemente, nos coçamos. Assim, podemos dizer que esta velha-nova revista cumpre a sua vocação de «máquina de cortar fiambre», magicamente, isto é, poética e criticamente, recusando a sua condição e pretendendo ser a campainha dos que estão a dormir há demasiado tempo». (Os trechos aqui publicados a negro foram então cortados pela censura). Como veremos quando falarmos da revista do após 25 de Abril, estas experiências do ABC constituíram o ponto de partida para a nova revista à portuguesa que o Adoque, e só o Adoque, viria a criar.

Os novos caminhos da droga

Continuação da pág. 1

também de luxúria e de vício. Mesmo um Agnelli?

Ele mais do que os outros. É uma «star» típica, «dá espectáculo». Até pela sua figura física é, aos olhos do público, um expoente da mitologia do sucesso. Inclusivamente, de maneira satânica: basta recordar uma comemoração marxista (ou paleomarxista) que o representa desde sempre como um arquidiabo que tenta estrangular os operários de manhã à noite. É ainda inevitável a associação com as «missas negras» representadas pelo consumo das drogas.

Nesse sentido tem significado o facto de o público, numa percentagem altíssima, o considerar sobretudo um consumidor de cocaína?

Precisamente. O público atribui-lhe o uso da droga dos verdadeiros senhores, de quem tem inclinação para todas as perversões, mas nunca para o suicídio, como sugere a heroína. Coerentemente, o público atribui o haxixe e a marijuana a Fellini: drogas leves para um artista que, para todos nós, é um sonhador, um homem de fantasia e de toda a espécie de «viagens» geográficas e irreais. Quanto à Marilyn, aceitam quer os tranquilizantes (de que se sabe ter morrido), quer o álcool, as anfetaminas, a heroína ou a coca. Mais uma vez, Marilyn não foge ao seu destino de

símbolo: cada um projecta nela tudo o que quer. Sinal das fraquezas da carne, as respostas de todos embrem-na de todas as drogas, quase com receio de lhe atribuírem um único vício. Por sua vez, as percentagens diminuem quando se passa aos líderes da ciência, como Freud, ou da política, com Brejnev.

Estes domínios são, com razão ou sem ela, identificados com a austeridade. Assim, sobre Churchill recorda-se o tabaco (o charuto com que foi visto em centenas de fotografias) e o álcool. O seu agrado por eles era do domínio público. Para Kennedy, a indicação recai no haxixe: expoente da América dos anos sessenta e da liberalização (mas também da subcultura hippy e da cultura da marijuana) era lógico considerá-lo favorável às drogas leves e, portanto, com um pequeno salto, seu consumidor. Para Brejnev, só se pensa no vodka, notoriamente do agrado dos russos. Quem sonharia vê-lo relacionado com uma visão «voluptuária» do mundo?

E Freud? Que foi o primeiro a estudar a fundo as propriedades da cocaína, experimentando-a em si próprio, é um dado conhecido pelos especialistas mas menos, segundo parece, do público. Aqui o discurso talvez seja mais subtil. Freud é o fundador da psicanálise, um personagem que está ligado ao satanismo

uma mulher «que se deixa andar»: a fórmula ideal do deixa andar é precisamente o haxixe e a coca.

Concluindo?

Respostas muito bem doseadas, embora nasçam em boa medida nas imagens públicas determinadas pela imprensa, rádio e TV. Público atento e vivo e que, simultaneamente, sofre de uma informação de massa. Mas, mesmo tendo presentes as informações de que dispunha, este público revela-se equilibrado, sempre inteligente, e muitas vezes até malicioso. do inconsciente e ao sexo: um tipo diferente e, portanto, também um drogado. Acrescentemos que recentemente um filme relacionava Sherlock Holmes e Freud: mais uma vez os mass-media na origem de uma informação que, um pouco de ouvido, mistura Freud às drogas.

Restam-nos Carli, uma figura da alta finança... e a princesa Margarida.

Finança e riqueza são conceitos próximos para o público. Se a imagem «mundana» também o contamina, é no entanto verdade que o público o vê com roupagens mais austeras. Por isso se situa no fim da lista. Margarida é a imagem da ovelha negra da família real inglesa. A sua vida sentimental turbulenta (pelo menos, segundo as crónicas da imprensa) enquadra-a como

o filme que ultrapassou James Bond e Superman!

1 milhão de espectadores na estreia em Paris!

estudio
444

ESTUDIO
BÉBÉ

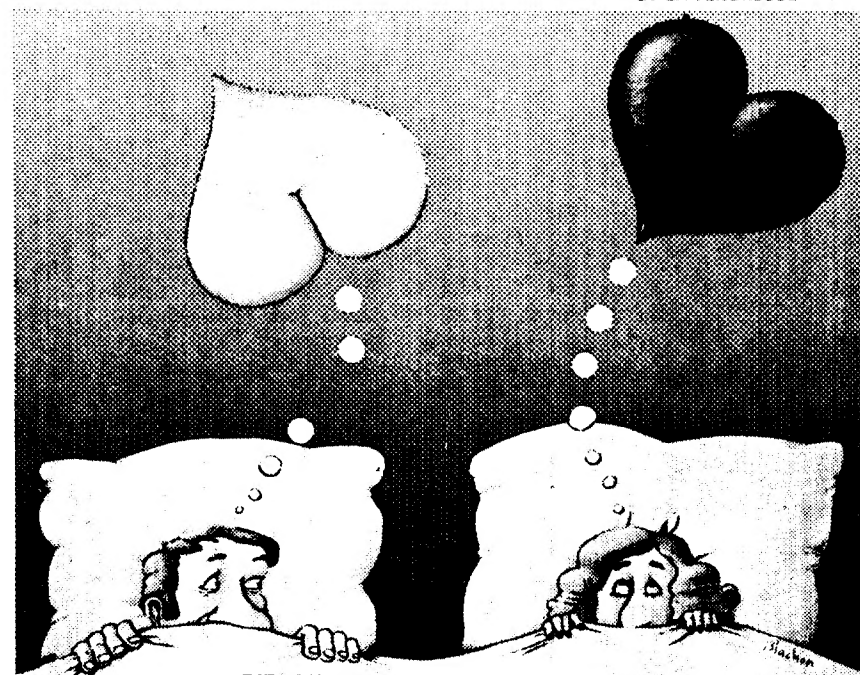
2.ª SEMANA

COMPLEXADOS, TERNOS, ROMÂNTICOS, MACHISTAS, OBCECADOS E FEMINISTAS

já rebentaram de riso com o triunfo do ano em França!

E A TERNURA?... UMA OVA!

ET LA TENDRESSE?... BORDEL!



Jean-Luc BIDEAU · Evelyn DRESS · Bernard GIRAudeau

Anne-Marie Philipe-Regis Porte

realização e argumento: PATRICK SCHULMANN · color

INTERDITO A MENORES DE 13 ANOS

DOPPERFILME

Um tesouro artístico e documental “enterrado” em Lisboa

Continuação da pág. 6

tupinambás do que de um povo europeu com oito séculos de história.

Acontecerá um destes anos à Casa Museu de João da Silva o mesmo que deixaram acontecer à Casa de Sérgio? Com o centenário do nascimento do artista, aí tendes, senhores das academias, da Gulbenkian, da Secretaria de Estado da Cultura, etc., uma oportunidade de nos provar que não, e que comemorar condignamente o acontecimento é que é a regra, sendo a excepção a metamorfose em pardieiro chamuscado do lar daquele que foi o mais alto escritor de ideias português.

A OBRA

Traços proeminentes da obra de João da Silva são o verismo,

baseado na escrupulosa observação do modelo, não naturalista ou realista porque sempre o estruturado no apreço pela finura estilizada das formas e nos pressupostos da harmonia clássica da composição, temperados pelo amor do movimento, físico e interior, patentes nas suas pequenas esculturas de arte animalista, ou na «Eva», onde o artista terá porventura atingido o máximo de expressão emotiva.

Descontando os trabalhos ornamentais a que teve de submeter-se para subsistir, João da Silva permaneceu sempre fiel a uma concepção particular da forma, ávida de movimentos audaciosos, mas sempre elaborados num permanente respeito pelo equilíbrio dos volumes.

Enfim, imprimiu à sua obra os valores de um tempo que, nem por serem discutíveis, deixaram de ser isso mesmo — valores — e de impregnar todas as

circunstâncias da vida, reflectindo-se em tudo, mesmo nos gestos e no vestuário.

Neste aspecto, tomando por modelo predilecto as mulheres parisienses de entre as duas

guerras, cuja graça soube fazer transparecer nas suas estatuetas e medalhas, são admiráveis o hialismo abstracto, a fluído

beleza, o ritmo senhoril com que as fixou, em formas que, mesmo amortecidas pelo tempo, são mais reveladoras sobre o espírito da época do que tantos milhares de laudas inúteis que tentam descrevê-la.

ADOCQUE
TEATRO

☆☆ HOJE ☆☆

TELEF. 87 44 78

às 20.30 e 22.45 H

NÃO PERCA A GRANDE REVISTA!

★ QUERIAS MAS NÃO TE DOU ★

ESMERALDA · MAGDA
AMÉLIA · MANUELA
BOMBOM · M.ª RUAS

ATENÇÃO ÀS MARCAÇÕES
DAS EXCURSÕES
«OS MASCARADOS»



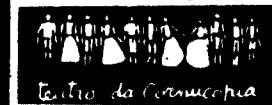
ERMELINDA DUARTE



FEIO · NICHOLSON · CAMACHO

☆ HILARIANTE ☆

PUB.
R. Tenente Paul Cassin,
1-A, 1200 LISBOA
Tel. 461 61 61



Teatro da Comedie

ZUCA TRUCA
BAZARUGA
E ARTUR

Uma peça do Grips Theater
para crianças
Todos os sábados
e domingos
às 16 horas
SUBSIDO DA SEC

Sub. S. E. C.

o Diário de Lisboa VENDE-SE NO PORTO

nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalho, Rotunda da Boavista, Carvalho, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfime e Antas e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras.